

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

**BEATRIZ DONA PETERLE**

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA REALIZAÇÃO DO DITONGO NASAL  
TÔNICO <ÃO> EM SÃO BENTO DE URÂNIA, ALFREDO CHAVES/ES:  
O PAPEL DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO**

**VITÓRIA  
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

**BEATRIZ DONA PETERLE**

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA REALIZAÇÃO DO DITONGO NASAL TÔNICO  
<ÃO> EM SÃO BENTO DE URÂNIA, ALFREDO CHAVES/ES: O PAPEL DA  
VARIÁVEL SEXO/GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edenize Ponzio Peres

VITÓRIA  
2017

**(DADOS DE CATALOGAÇÃO)**

Beatriz Dona Peterle

**Análise sociolinguística da realização do ditongo nasal tônico <ão> em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves/ES: o papel da variável sexo/gênero**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edenize Ponzo Peres

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Comissão Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edenize Ponzo Peres (Ufes)

Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

---

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues Meireles (Ufes)

Membro examinador interno

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Dadalto (Ufes)

Membro examinador externo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janayna Bertollo Cozer Casotti (Ufes)

Membro examinador interno (Suplente)

---

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (Puc-MG)

Membro examinador externo (Suplente)

*“C’est le temps que tu as perdu pour ta rose qui fait ta rose si importante.”*

*(Antoine de Saint-Exupéry)*



Aos meus pais, a quem quero para sempre honrar.

Aos imigrantes italianos de São Bento de Urânia e  
seus descendentes, que tornam a comunidade  
inspiradora e rica em história.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu guia, meu protetor e salvador, que me fortalece todos os dias: Jesus Cristo. A Ele agradeço por minha vida, por meus dias e pela realização dos meus sonhos, inclusive este. Agradeço também à minha intercessora maior, quem me mostra o caminho da paz, Maria.

À minha mãe, Néia, meu porto seguro nas tormentas e apoio imprescindível na vida, cuja força, coragem e alegria me inspiram. Mãe, quem me dera um dia conseguir ser metade do que você é.

Em memória de meu pai, Gezo, que foi o grande motivador para que eu tivesse coragem de enfrentar o mestrado. Sem dúvida, seria a pessoa mais feliz por esse título e a quem dedico meus estudos.

À minha irmã, Carol, por sempre me ajudar nas pequenas tarefas, inclusive pela ajuda com as transcrições das entrevistas com as crianças e os adolescentes, para este trabalho. Sem ela, certamente tudo seria mais difícil, inclusive a vida.

Não posso deixar de agradecer, também, a toda minha família, em especial à Vovó Nica, Jô, Adilson, Paulo e Tia Natalina, que estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida, intercedendo por mim e me ajudando a nunca desistir. Em especial, meu agradecimento a Tommy, Bob e Panda, meus companheiros fiéis: obrigada por todo amor que me oferecem.

Agradeço também àquela que tornou este trabalho possível: minha orientadora, Edenize. Obrigada, professora, por nunca ter desistido de mim e por ter acompanhado de perto todo o desenvolvimento desta pesquisa. Foram muitos percalços, mas seu apoio, carinho e compreensão, além da orientação impecável e zelosa, foram decisivos para que esta dissertação ficasse pronta. Fica aqui registrada minha imensa e eterna gratidão.

Muito obrigada ao professor Dr. Marco Antônio de Oliveira, pelas importantes considerações e orientações no exame de qualificação, bem como ao professor Dr. Alessandro Meireles, de quem, além das orientações, tive também a sorte de ser

aluna. Agradeço igualmente à Professora Dra. Maria Cristina Dadalto, por aceitar compor a minha banca de defesa e pelos comentários valiosos.

Aos queridos amigos que o mestrado me deu de presente: Bárbara, Jares e Vivvy, obrigada. O mestrado foi mais fácil porque vocês estavam comigo. Obrigada pela companhia alegre, fiel e acolhedora de sempre, além dos conselhos e orações tão importantes neste processo. Desejo que os nossos caminhos nunca se distanciem. Além deles, agradeço à Priscilla Gevigi, minha grande amiga, por sua ajuda com estudos, incentivos e uso dos programas! A você, Pri, desejo o que há de melhor no mundo.

A Dany, minha querida amiga, por toda dedicação à nossa amizade e por estar sempre disposta a me acompanhar pelas estradas da vida e de São Bento de Urânia: muito, muito obrigada. A Paula, pela ajuda nas transcrições das entrevistas desde a época da Iniciação Científica e por sempre estar ao meu lado nos momentos mais importantes.

Ao UP Centro Educacional, especialmente nas pessoas de Fábio Portela e Eric Serrano: obrigada pela confiança, pelo respeito e pelo carinho que sempre tiveram comigo ao longo desses anos. Concluir o mestrado só foi possível porque trabalho em uma empresa que é dirigida por pessoas que me inspiram e me acolhem. Nenhum discurso vai ser capaz de agradecer-lhes por tudo. As palavras me faltam.

Cintia, Carlinhos e Vitor, conviver com vocês deixa minha vida mais feliz. Agradeço a cada um pela paciência e boa vontade em ajudar. Obrigada por serem, mais do que colegas de trabalho, verdadeiros amigos. Que a vida nos conserve próximos!

A Priscila, Thiago e Eder: obrigada por me ensinarem o valor de uma longa e verdadeira amizade. Obrigada por serem luz na escuridão. Estejamos sempre juntos, porque somos melhores assim.

A Luanda e Marcilene, pela companhia sempre agradável, leve e divertida: obrigada por estarem ao meu lado para o que der e vier, sempre, em todos os momentos, e por me conhecerem tão bem. A amizade de vocês é preciosa.



A James Scandian e Filipe Bastos, por serem meus intercessores e conselheiros e por me aproximarem de Deus, minha eterna gratidão. Peço a Ele que eu consiga ser como vocês: luz para a vida das pessoas. Obrigada por me ajudarem a renascer.

Agradeço a todas as pessoas que participaram, direta ou indiretamente, com informações para este trabalho. Meu muito obrigada aos moradores de Boa Vista que nos concederam entrevistas para serem usadas nos testes de reação subjetiva, ao Tio Florentino, à Catarina Mozini e ao Sr. Adauto Arapuã Patrocínio, pessoas que muito gentilmente colaboraram com nossos estudos. Vocês foram extremamente importantes para esta pesquisa.

Agradecimento especial aos meus queridos familiares que me ajudaram na pesquisa de campo em São Bento de Urânia: a minha querida prima Clarice, pela boa vontade e imensa ajuda nas andanças pela comunidade; a meus primos Tânia e Zilmar, além de Tia Lila e Tio Otávio, meus parceiros nesta pesquisa, pela estada e ótima companhia nos finais de semana frios e trabalhosos por lá.

Gratidão, coragem e superação são as palavras que hoje ficam desta experiência.

## LISTA DE FIGURAS

|                  |   |           |
|------------------|---|-----------|
| <b>Figura 1:</b> | Estrutura de rede social de duas ordens .....             | <b>48</b> |
| <b>Figura 2:</b> | Rede social densa .....                                   | <b>48</b> |
| <b>Figura 3:</b> | Rede social frouxa .....                                  | <b>49</b> |
| <b>Figura 4:</b> | Estrutura do ditongo verdadeiro leve - Bisol (2001) ..... | <b>82</b> |
| <b>Figura 5:</b> | Imagem aérea de São Bento de Urânia .....                 | <b>89</b> |
| <b>Figura 6:</b> | A igreja católica de São Bento de Urânia .....            | <b>89</b> |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Gráfico 1:</b> Imigrantes chegados ao Espírito Santo de acordo com a região de origem .....      | <b>39</b> |
| <b>Gráfico 2:</b> Imigrantes vênnetos chegados ao ES – séc. XIX - de acordo com a procedência ..... | <b>41</b> |

## LISTA DE MAPAS

|               |  |           |
|---------------|--|-----------|
| <b>Mapa 1</b> | Mapa das regiões da Itália .....   | <b>40</b> |
| <b>Mapa 2</b> | Focos da imigração no estado do Espírito Santo .....                                   | <b>42</b> |
| <b>Mapa 3</b> | Município de Alfredo Chaves, com destaque para o distrito de São Bento de Urânia ..... | <b>88</b> |

## LISTA DE QUADROS

|                  |   |            |
|------------------|---|------------|
| <b>Quadro 1</b>  | Padrões de mudança linguística nos indivíduos e na comunidade .....   | <b>71</b>  |
| <b>Quadro 2</b>  | Formação do ditongo <ão>.....   | <b>84</b>  |
| <b>Quadro 3</b>  | Vogais e semivogais do vêneto .....   | <b>86</b>  |
| <b>Quadro 4</b>  | Grupo de fatores para o ditongo nasal tônico <ão>.....  | <b>97</b>  |
| <b>Quadro 5</b>  | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto à classe social dos falantes .....                           | <b>114</b> |
| <b>Quadro 6</b>  | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto aos falantes residirem na cidade ou no interior .....        | <b>115</b> |
| <b>Quadro 7</b>  | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto às características marcadamente positivas dos falantes ..... | <b>116</b> |
| <b>Quadro 8</b>  | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto às características negativas dos falantes .....              | <b>119</b> |
| <b>Quadro 9</b>  | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto às características subjetivas aos informantes .....          | <b>120</b> |
| <b>Quadro 10</b> | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto ao tipo de função do falante poderia exercer .....           | <b>122</b> |
| <b>Quadro 11</b> | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto à possível profissão dos falantes .....                      | <b>123</b> |
| <b>Quadro 12</b> | Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto à linguagem dos falantes .....                               | <b>124</b> |
| <b>Quadro 13</b> | Resultados do Teste de Reação Subjetiva sobre o possível namoro e/ou assumi-los em público .....            | <b>126</b> |

## LISTA DE TABELAS

|                 |   |            |
|-----------------|---|------------|
| <b>Tabela 1</b> | Número e nacionalidade de migrantes que chegaram ao estado do Espírito Santo nos séculos XIX e XX .....   | <b>38</b>  |
| <b>Tabela 2</b> | Resultados gerais para o ditongo nasal <ão> em São Bento de Urânia – faixa etária acima de 55 anos .....  | <b>99</b>  |
| <b>Tabela 3</b> | Resultados gerais para o ditongo nasal tônico <ão> em São Bento de Urânia – faixa etária acima de 55 anos .....                                     | <b>103</b> |
| <b>Tabela 4</b> | Resultados gerais para o ditongo nasal <ão> em São Bento de Urânia – crianças/adolescentes e faixa etária acima de 55 anos.                         | <b>105</b> |
| <b>Tabela 5</b> | Comparação entre os resultados de Gubert (2012) e Peterle (2017) quanto à pronúncia de [ẽw], para a variável <i>Contexto seguinte ao alvo</i> ..... | <b>109</b> |
| <b>Tabela 6</b> | Resultado do cruzamento das variáveis sexo/gênero vs. faixa etária com relação à pronúncia [ẽw̃] .....  | <b>112</b> |

## SUMÁRIO

|           |   |           |
|-----------|---|-----------|
|           | <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>22</b> |
| <b>1.</b> | <b>REVISÃO DA LITERATURA .....</b>  | <b>26</b> |
| <b>2.</b> | <b>O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA<br/>IMIGRAÇÃO ITALIANA .....</b>                                     | <b>33</b> |
|           | 2.1. A vinda dos italianos para o Brasil .....  | 33        |
|           | 2.1.1. <i>A Campanha de nacionalização dos<br/>            imigrantes no Brasil .....</i>             | <b>35</b> |
|           | 2.2. Os imigrantes italianos no Espírito Santo .....  | 37        |
|           | 2.3. A chegada dos imigrantes a São Bento de<br>Urânia .....  | 43        |
| <b>3.</b> | <b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>  | <b>45</b> |
|           | 3.1. As comunidades de fala .....   | 46        |
|           | 3.2. As redes sociais .....   | 47        |
|           | 3.3. Língua e dialeto .....   | 50        |
|           | 3.4. Os Contatos Linguísticos .....   | 51        |
|           | 3.4.1. Os fatores de<br><i>manutenção/substituição das línguas<br/>            minoritárias .....</i> | <b>53</b> |
|           | 3.4.1.1. <i>“Nós não sabe falar direito”: as<br/>                atitudes linguísticas .....</i>      | <b>56</b> |
|           | 3.4.2. <i>A Lei da Terceira Geração .....</i>   | <b>59</b> |
|           | 3.4.3. <i>Morte linguística .....</i>   | <b>60</b> |
|           | 3.5. A Teoria da Variação e Mudança .....   | 62        |
|           | 3.5.1. <i>A variação linguística .....</i>  | <b>63</b> |
|           | 3.5.2. <i>Variáveis linguísticas .....</i>  | <b>63</b> |
|           | 3.5.3. <i>Variáveis extralinguísticas .....</i>   | <b>64</b> |
|           | 3.5.3.1. <i>A variável escolaridade .....</i>   | <b>65</b> |
|           | 3.5.3.2. <i>A variável faixa etária .....</i>   | <b>67</b> |
|           | 3.5.3.3. <i>A variável sexo/gênero .....</i>  | <b>69</b> |
|           | 3.5.4. <i>A mudança linguística .....</i>   | <b>69</b> |
|           | 3.5.4.1. <i>O estudo da mudança em<br/>                tempo aparente .....</i>                       | <b>69</b> |

|    |   |     |
|----|---|-----|
|    | 3.5.4.2. <i>O estudo da mudança em tempo real</i> .....                                   | 70  |
|    | 3.6. A Variável Sexo/Gênero .....   | 72  |
|    | 3.6.1. <i>Definindo sexo e gênero</i> .....   | 72  |
|    | 3.6.2. <i>O sexo e o gênero nos estudos sociolinguísticos</i> .....                       | 74  |
|    | 3.6.2.1. <i>As causas das diferenças linguísticas entre mulheres e homens</i> .....       | 76  |
|    | 3.7. Sexo, gênero ou sexo/gênero? .....   | 79  |
| 4. | <b>OS DITONGOS</b> .....  | 81  |
|    | 4.1. Os ditongos orais .....  | 81  |
|    | 4.2. Vogais e ditongos nasais .....   | 83  |
|    | 4.3. As vogais e as semivogais do vêneto .....  | 85  |
| 5. | <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....  | 88  |
|    | 5.1. A comunidade pesquisada .....  | 88  |
|    | 5.2. A coleta dos dados .....   | 91  |
|    | 5.3. Os informantes .....   | 95  |
|    | 5.4. O tratamento dos dados .....   | 96  |
| 6. | <b>ANÁLISE DOS DADOS</b> .....  | 98  |
|    | 6.1. Resultados apenas para a faixa etária acima dos 55 anos .....                        | 98  |
|    | 6.2. Resultados do ditongo nasal tônico <ão> considerando-se as duas faixas etárias ..... | 104 |
|    | 6.2.1. <i>Classe da palavra onde se encontra o alvo</i> .....                             | 106 |
|    | 6.2.2. <i>Contexto fonético seguinte ao alvo</i> .....                                    | 108 |
|    | 6.2.3. <i>A faixa etária</i> .....  | 110 |
|    | 6.2.4. <i>A variável sexo/gênero</i> .....  | 111 |
|    | 6.3. Os Testes de Reação Subjetiva .....  | 113 |
|    | 6.3.1. <i>Quanto à classe social dos falantes</i> .....                                   | 113 |



|   |            |
|---|------------|
| 6.3.2. Quanto à origem e ao local de moradia dos falantes .....                                   | 114        |
| 6.3.3. Quanto às características positivas dos falantes .....                                     | 115        |
| 6.3.4. Quanto às características negativas dos falantes .....                                     | 119        |
| 6.3.5. Quanto às características subjetivas a cada informante .....                               | 119        |
| 6.3.6. Quanto ao tipo de função que o falante poderia exercer .....                               | 122        |
| 6.3.7. Quanto à possível profissão dos falantes .....   | 123        |
| 6.3.8. Quanto à linguagem dos falantes .....  | 124        |
| 6.3.9. Quanto ao possível namoro com os falantes e à possibilidade de assumi-los em público ..... | 125        |
| <b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>127</b> |
| <b>8. REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>132</b> |
| <b>9. ANEXOS .....</b>  | <b>139</b> |

## RESUMO

O Espírito Santo recebeu, nos últimos 25 anos do século XIX, 35.033 imigrantes originários da Itália Setentrional (APEES, 2017), que vieram ocupar as regiões montanhosas do estado. Devido às dificuldades de locomoção e ao trabalho árduo, os imigrantes se mantiveram em relativo isolamento durante décadas, o que propiciou a manutenção das línguas ancestrais. Entretanto, o crescente contato com a língua portuguesa fez com que aquelas fossem sendo substituídas por esta. Dessa forma, esta pesquisa busca descrever e analisar as consequências do contato que ocorreu entre o vêneto e o português, especificamente quanto à realização do ditongo nasal tônico <ão>, retratando os aspectos linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação. Para alcançarmos esses objetivos, analisamos os ditongos nasais tônicos presentes em oito entrevistas de descendentes de imigrantes italianos de São Bento de Urânia, Alfredo Chaves/ES, dos dois sexos/gêneros, sendo quatro de crianças/adolescentes e quatro da faixa etária acima de 55 anos, todos com até 08 anos de escolarização. Além das entrevistas, foram analisadas as respostas dos informantes a um Teste de Reação Subjetiva que constou de seis áudios de falantes de diferentes procedências geográficas, a fim de sabermos os sentimentos dos uranienses a respeito de sua forma de falar. A análise dos dados foi feita com base na Sociolinguística Variacionista e também do Contato Linguístico. O Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) selecionou variáveis linguísticas *classe de palavra* e *contexto seguinte ao alvo*, e as variáveis extralinguísticas *faixa etária* e *sexo/gênero* como favorecedoras da realização do ditongo sem influência do vêneto. Os resultados indicam que o ditongo nasal tônico com a pronúncia não marcada do português é favorecida por: a) palavras funcionais; b) consoante nasal e pausa como contexto fonológico seguinte; c) crianças/adolescentes; e d) informantes do sexo/gênero feminino. Quanto ao Teste, os resultados nos mostraram que: e) as meninas e as mulheres de São Bento de Urânia são mais sensíveis às marcas linguísticas apresentadas pelos falantes dos áudios; f) os informantes têm sentimentos positivos em relação a si próprios, à sua cultura e à sua ascendência. Esses resultados evidenciam que é preciso haver um trabalho de esclarecimento dos moradores da comunidade, especialmente dos profissionais da educação que ali atuam, quanto ao porquê da presença de marcas

vênetas na linguagem do lugar, com o objetivo último valorizá-la e de livrar os uranienses do preconceito linguístico de que ainda são vítimas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Ditongo nasal tônico <ão>. Imigração italiana no Espírito Santo.

## ABSTRACT

The State of Espírito Santo, Brazil received, in the last 25 years of the XIX century, 35.033 immigrants originated from the Northern territory of Italy (APEES, 2017). They came to settle down and occupy the mountain areas of the State. Due to the hard work and the hardship to commute, the immigrants had been relatively isolated for decades, which helped to preserve their ancestral languages. Nonetheless, the growing contact with Portuguese eventually replaced the immigrants' ancestral native language. Thus, this research aims at describing and analyzing the consequences of the contact which occurred between Veneto and Portuguese, specifically the tonic nasal diphthong <ão>, depicts the linguistic and extra linguistic aspects that rule this variation. In order to achieve these objectives, eight interviews presenting the tonic nasal diphthong from Italian descendants and also immigrants of São Bento de Urânia, Alfredo Chaves/ES were analyzed, from both sex/gender, being four children/adolescents and four adults at the age of 55 or above, having at least eight years of formal schooling. Besides the interviews, answers from the informants to the Subjective Reaction Test presented in six audio tracks from speakers of different geographic regions targeting at checking the Uranians' feelings in terms of their way of speaking. The data analysis was developed based on Variationist Sociolinguistics and Language Contact. The Goldvarb X software (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) selected linguistic variables *word class* and *the context following to target*, and the extra linguistic variables *age* and *sex/gender* as more likely subject to the diphthong occurrence without the influence of Veneto. The results show us that the tonic nasal diphthong with a non marked pronunciation of Portuguese is facilitated by: a) functional words; b) nasal consonants and pause as following phonologic context; c) children/adolescents; and d) informants of female sex/gender. As for the Subjective Reaction Test, the results show us that: e) girls and women from São Bento de Urânia are more sensitive to the linguistic marks presented by the audio track speakers; f) informants have positive feelings among themselves, as for their culture and ascendancy. These results highlight that is important indeed to clarify to locals, especially the teachers and educators, the reason of the Veneto marks presented in the city language as an ultimate objective to cherish it and set the Uranians free of the linguistic prejudice which they are still victims.

Keywords: Sociolinguistics. Tonic nasal diphthong <ão>. Italian immigration in Espírito Santo.

## INTRODUÇÃO

A partir de 1846, o Espírito Santo recebeu 54.155 imigrantes, sobretudo europeus, com o objetivo, entre outros, de ocupar os vazios demográficos do estado. Primeiro chegaram os alemães, seguidos dos pomeranos e, a partir de 1875, os italianos, que correspondiam a quase 80% do total (APEES, 2017)<sup>1</sup>. Esses imigrantes, em sua ampla maioria, vieram com suas famílias, o que significa que mulheres, homens e crianças trouxeram para cá suas tradições e também sua língua.

Dentre os imigrantes italianos, os originários da Região Norte eram a ampla maioria, sobretudo do Vêneto, com 40% do total de italianos, mas também da Lombardia (20%), Trentino Alto-Adige (14%), Emilia Romagna (10%), Piemonte (5%), Friuli-Venezia Giulia (4%)<sup>2</sup> e outras comunidades menos representativas.

Os imigrantes ocuparam a região serrana do Espírito Santo, que lhes foi designada quando chegaram ao estado, o que favoreceu, por muitos anos, a manutenção da(s) língua(s) de imigração nessas comunidades, devido ao seu quase total isolamento. Segundo Derenzi (1974), até 1960 essas línguas eram o meio de comunicação normalmente utilizado entre os imigrantes e seus descendentes, fato que se confirma a partir dos relatos dos descendentes entrevistados para esta pesquisa. Entretanto, os constantes contatos com os brasileiros e também a campanha de nacionalização, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), fizeram com que essas línguas fossem gradativamente sendo substituídas pelo português<sup>3</sup>.

Pesquisadores do Contato Linguístico apontam diversas causas da manutenção ou da substituição de línguas minoritárias pela majoritária, mas afirmam que o sexo/gênero do falante não é um fator fundamental nesses processos. Contudo, estudos sociolinguísticos sobre a influência dessas línguas no português falado por descendentes de imigrantes italianos em comunidades do Espírito Santo<sup>4</sup> e do Brasil mostraram que as mulheres desfavorecem o uso de formas linguísticas que apresentam influência da língua minoritária (cf. MARGOTTI, 2004; TOMIELLO, 2005;

---

<sup>1</sup> Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES). Acesso em: 15 mar. 2017.

<sup>2</sup> Fonte: APEES (2007). Acesso em: 16 nov. 2013.

<sup>3</sup> Nem todas as línguas de imigração foram substituídas pelo português, haja vista a vitalidade do pomerano (cf. BREMENKAMP, 2014) e do hunsrück em comunidades rurais do estado.

<sup>4</sup> Trata-se de estudos do Grupo de Pesquisa sobre Línguas em Contato, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edenize Ponzio Peres, da Ufes.

GUBERT, 2012; HORBACH, 2013; PETERLE, 2013; COMINOTTI, 2015; MENEGHEL, 2015; AVELAR, 2015; LORIATO, 2015; etc.).

O comportamento linguístico diferenciado entre homens e mulheres há muito é conhecido dos sociolinguistas. Labov (2008 [1972], 2001) e Chambers (2009), por exemplo, afirmam que as mulheres são mais sensíveis às formas linguísticas sujeitas a julgamentos, evitam as variantes estigmatizadas, são mais conscientes de suas atitudes com respeito à linguagem e mais preocupadas sobre como elas serão vistas no meio social por causa de sua fala. Em casos de mudança linguística envolvendo variantes mal avaliadas socialmente, os estudos sociolinguísticos mostram que as mulheres estão atrás dos homens, no processo de sua implementação na sociedade.

Diante desses resultados divergentes, este trabalho tem como objetivos: I) descrever e analisar a realização do ditongo nasal tônico <ão> em São Bento de Urânia, sabendo-se que se trata de uma das marcas mais visíveis da influência do vêneto no português dos descendentes de imigrantes e, também por isso, é estigmatizado pelos brasileiros; e II) verificar o peso da variável *sexo/gênero* para o processo de substituição desse traço da língua minoritária. Dessa forma, pretendemos aprofundar nossos conhecimentos a respeito das consequências dos contatos linguísticos que ocorreram no Espírito Santo, nos níveis linguístico e social. Portanto, este estudo se justifica pela importância de seu objeto de pesquisa para um estado em que grande parte de sua população é composta por descendentes de imigrantes italianos.

Para alcançarmos nossos propósitos, analisamos a realização desse fenômeno a partir de oito descendentes de imigrantes italianos procedentes do Vêneto de duas faixas etárias e dois sexos/gêneros: duas mulheres e dois homens acima de 55 anos; e quatro crianças/adolescentes, sendo uma menina e um menino de 11 anos e também uma menina e um menino de 13 anos. Todos nasceram e residem em São Bento de Urânia, comunidade rural do município de Alfredo Chaves, Espírito Santo, que, por sua localização geográfica e pelo pouco desenvolvimento urbano, até 2006 mantinha-se bastante isolada das comunidades vizinhas; por conseguinte, atualmente, ainda podemos encontrar pessoas de 30 anos que falam o vêneto

(COMINOTTI, 2015), o que a transforma numa exceção, dentre as comunidades colonizadas por italianos no estado (PERES, 2011, 2014, 2016).

Tomando por base os estudos sociolinguísticos variacionistas e do Contato Linguístico realizados no Brasil e no exterior, os quais serão citados ao longo deste trabalho, e também nosso conhecimento da comunidade, procuraremos testar as seguintes hipóteses:

- a) Na comunidade será encontrada a pronúncia do ditongo nasal tônico <ão> com e sem influência da língua de imigração;
- b) A variação da pronúncia será determinada por restrições nos níveis linguístico e social;
- c) O português está exercendo cada vez mais influência na comunidade, ocorrendo uma mudança linguística em progresso, com relação ao fenômeno pesquisado;
- d) A pronúncia não marcada do português é favorecida pelas mulheres;
- e) Entretanto, a comunidade nutre sentimentos positivos quanto à sua cultura e à sua linguagem.

A fim de expormos o percurso e os resultados de nossa investigação, dividimos este trabalho em sete capítulos, além desta Introdução. No primeiro, trazemos alguns dos principais trabalhos que dialogam com a nossa temática, abordando as consequências do contato linguístico no Espírito Santo e no Sul do Brasil. No segundo, apresentamos o contexto sócio-histórico da imigração italiana no Brasil, no Espírito Santo e, conseqüentemente, em São Bento de Urânia. No terceiro, discutimos pontos acerca das comunidades de fala e descrevemos a nossa comunidade alvo, além de trazemos o referencial teórico em que nos baseamos para proceder às análises, dando ênfase às abordagens sobre o papel da variável sexo/gênero para a manutenção/substituição de traços vênets no português, além de uma discussão mais aprofundada do fator, justificando o uso das duas nomenclaturas. Neste capítulo também discutimos e apresentamos nossas variáveis linguísticas e extralinguísticas. Em seguida, no quarto capítulo, descrevemos alguns aspectos teóricos da produção do ditongo no português e nas variedades vênets. No quinto, os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. No capítulo sexto, analisamos os nossos dados, para, enfim, no sétimo capítulo, tecermos



nossas Considerações Finais. Por fim, aparecem as Referências Bibliográficas e os Anexos.

## 1. REVISÃO DA LITERATURA

Os estudos envolvendo o contato linguístico, no Espírito Santo, realizados pelo Grupo de Pesquisa coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edenize Ponzo Peres, da Ufes, têm abordado os níveis social e linguístico desse fenômeno. Esses estudos têm como principais objetivos:

- I) Descrever e analisar o português falado atualmente pelos descendentes de imigrantes, o qual resultou do contato entre os imigrantes e o povo brasileiro;
- II) retratar a sócio-história das línguas de imigração; e
- III) verificar quais os fatores que propiciaram a manutenção ou a substituição dessas línguas no estado

Dentre os estudos já realizados no nível linguístico, destacam-se aqueles que versam sobre os aspectos fonético-fonológicos do contato entre as línguas italianas de imigração e o português, tendo em vista que este apresenta influência daquelas, nos aspectos em que ambos os sistemas se diferenciam. As pesquisas seguiram os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]).

Em todas as comunidades espírito-santenses estudadas, tentou-se formar bancos de dados de fala similares, com informantes divididos em sexo/gênero (feminino e masculino), quatro faixas etárias (08 a 14, 15 a 30, 31 a 50 e acima de 50 anos) e três níveis de escolaridade (até 4 anos, de 5 a 8 anos e acima de 8 anos de escolarização), com dois informantes em cada célula. Entretanto, nem sempre foi possível completar as células, o que implica que, em algumas comunidades, especialmente as rurais, alguns ajustes precisaram ser feitos, principalmente com respeito ao nível de escolaridade.

A seguir, resumiremos os principais resultados de pesquisas envolvendo o contato entre o português e algumas línguas de imigração, primeiramente no Espírito Santo e, em seguida, em outras localidades do Brasil.

A pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ diante de /i/ foi estudada por Avelar (2015), na zona urbana de Santa Teresa, município cuja população atual é majoritariamente

composta por descendentes dos primeiros imigrantes italianos que chegaram ao Espírito Santo, em 1875. Outra característica importante dessa localidade é que para lá foram imigrantes de diferentes procedências da Itália do Norte, o que propiciou a formação de uma língua comum para a comunicação, ou seja, uma *koiné*. Situação diferente vivenciaram outros municípios do Espírito Santo, que receberam imigrantes vênnetos em sua totalidade ou, pelo menos, em sua ampla maioria.

O corpus do estudo de Avelar (2015) é composto por entrevistas sociolinguísticas com 24 moradores da zona urbana do município de Santa Teresa. Os resultados obtidos pela pesquisadora quanto à pronúncia [ti] indicam que a influência da língua de imigração é favorecida pelas seguintes variáveis: tonicidade da sílaba onde se encontra o alvo, especificamente na posição pretônica ( $PR^5 = .67$ ); pessoas com mais de 50 anos ( $PR = .97$ ), do sexo/gênero masculino ( $PR = .75$ ) e com escolaridade até 8 anos ( $PR = .95$ ). Com relação à pronúncia [di], ela não é favorecida por nenhuma variável linguística, mas sim por pessoas com mais de 50 anos ( $PR = .99$ ), do sexo/gênero masculino ( $PR = .63$ ) e com escolaridade até 8 anos ( $PR = .94$ ).

A pronúncia do ditongo nasalônico <ão> foi tema da pesquisa de Meneghel (2015), em Santa Maria do Engano, zona rural de Alfredo Chaves. Os resultados de Meneghel (2015) apontam que a pronúncia de <ão> com influência da língua de imigração - [õ] ou [õw] - é favorecida pela pausa como contexto seguinte ao alvo ( $PR = .60$ ) e a consoante posterior, como contexto precedente ( $PR = .59$ ). Quanto às variáveis sociais, tem-se que a pronúncia com influência da língua de imigração é favorecida por informantes acima de 50 anos ( $PR = .65$ ), do sexo/gênero masculino ( $PR = .58$ ) e com até 5 anos de escolarização ( $PR = .63$ ).

Outro estudo é o de Peres (inédito) sobre o ditongo nasalônico <ão> em São Bento de Urânia - a mesma localidade desta pesquisa -, de cujos dados e resultados nos serviremos. Por isso, ele será focalizado em nosso capítulo de Análise dos Dados.

---

<sup>5</sup> O peso relativo (PR), obtido por meio do programa estatístico Goldvarb, reflete o quanto uma determinada variável favorece ou não a ocorrência do fenômeno investigado. Assim, quanto mais próximo de 1,0 for o PR, maior o favorecimento; ao contrário, quanto mais baixo for um PR, maior o desfavorecimento. Um  $PR = .5$  ou próximo dele significa que a variável é neutra quanto à ocorrência do fenômeno.

Sobre as características sócio-históricas do contato entre as línguas italianas de imigração e o português no Espírito Santo, temos a dissertação de Cominotti (2015) e os artigos de Peres (2011; 2014) e de Peres, Dadalto e Botter (2016).

A dissertação de Cominotti (2015) é um estudo sociolinguístico pioneiro na comunidade de São Bento de Urânia. A pesquisadora realizou 62 entrevistas com moradores do distrito, trazendo-nos uma análise sócio-histórica da imigração italiana para a região e dando-nos subsídios para começarmos a analisar alguns aspectos mais peculiares da comunidade, como este estudo sobre a influência do fator sexo/gênero na fala dos moradores locais. Os resultados de Cominotti (2015) evidenciam que os fatores que mais estão contribuindo para a substituição da língua vêneta - e de seus traços no português - na comunidade foram a proibição de se falarem línguas estrangeiras, por meio dos Decretos de 1938, promulgados por Getúlio Vargas, e o preconceito que os moradores da comunidade sofrem por falarem o português com muita influência do vêneto.

Peres (2011) descreve a língua e a cultura do vêneto presentes em uma das primeiras comunidades a receber imigrantes italianos: Araguaia, zona rural do município de Marechal Floriano. Seu objetivo principal é testar se os mais jovens conservam ou vêm perdendo tradições e costumes de seus antepassados. De acordo com a autora, os informantes – em unanimidade - relataram que os avós, tios e pais ainda conversam na língua de imigração, principalmente quando se encontram em festas, na missa ou em casa. Outra situação em que a língua é usada se dá quando os interlocutores não querem que outras pessoas compreendam o assunto discutido na conversa. Porém, a língua de imigração não foi ensinada às gerações mais novas, o que, infelizmente, em pouco tempo, levará ao seu desaparecimento total.

Já Peres (2014) analisa a situação sócio-histórica do vêneto no Espírito Santo e os fatores considerados objetivos para a manutenção de uma língua minoritária, de acordo com a teoria do Contato Linguístico. Segundo a autora, os fatores observados – o isolamento geográfico da comunidade, o número de falantes, a religião, os casamentos interétnicos, os contatos com as comunidades de origem e o apoio institucional – não explicam o quase total desaparecimento das línguas italianas de imigração no estado, visto que outras línguas minoritárias, com chances

muito menores de manutenção, ainda sobrevivem, como o pomerano (BREMENKAMP, 2014) e o guarani (CALAZANS, 2014). Mesmo que essas línguas tenham recebido incentivo por parte do Estado, como o seu ensino nas comunidades onde elas são faladas e a cooficialização, no caso do pomerano, esse apoio é recente e sozinho não explica a manutenção dessas línguas por tantas gerações. Portanto, é preciso olhar para outras causas que levam à manutenção ou à substituição de uma língua minoritária.

Em Peres, Dadalto e Botter (2016), as autoras avançam nas análises realizadas por Peres (2014), investigando o papel do sentimento de identidade e de lealdade dos descendentes de imigrantes às suas origens, o desejo de ascensão social e o status atribuído à língua minoritária e a seus falantes, para a preservação da língua dos ancestrais. Com base em pesquisa bibliográfica e em depoimentos coletados em várias comunidades do Espírito Santo, as autoras chegam à conclusão de que as necessidades de adequação e de pertencer, de fato, ao país de acolhimento, de tornar-se brasileiro, de superar os inúmeros obstáculos para progredir social e economicamente foram razões fortes o bastante para que os descendentes preferissem a língua portuguesa, para marcar o seu novo momento histórico, em detrimento da língua que herdaram dos antepassados.

Abrindo o leque de pesquisas sobre o contato linguístico que vêm sendo feitas no Espírito Santo, temos o estudo de Bremenkamp (2010), avaliando a vitalidade da variedade holandesa Zeeuws em diferentes comunidades de Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e Itarana. A autora afirma que o Zeeuws vai desaparecer em breve, pois restavam, à época da pesquisa, apenas 13 falantes, todos idosos. A mesma pesquisadora, em 2014, em sua dissertação de mestrado, estudou a situação sociolinguística da língua pomerana e as consequências de seu contato com o português. De acordo com seus resultados, conclui que a comunidade pomerana de Santa Maria de Jetibá é bilíngue e não há evidências de que a língua de imigração esteja sendo substituída.

De igual importância temos a tese de doutorado de Tressmann (2005), num estudo etnolinguístico que descreveu e analisou textos orais dos pomeranos do estado, numa confluência entre a Linguística e a Antropologia.

Voltando às pesquisas sobre as consequências fonético-fonológicas do contato entre as línguas italianas e o português, mas agora em outros estados, temos os trabalhos de Margotti (2004), Tomiello (2005), Gubert (2012) e Horbach (2013), que estudam a variação do ditongo -ão na fala de bilíngues de municípios do Rio Grande do Sul.

Margotti (2004) estudou a dinâmica da difusão da língua portuguesa em espaços pluridimensionais com as variedades italianas, em oito municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Seguindo a Dialetologia PL+ pluridimensional e relacional, na perspectiva da ciência da variação linguística, o estudo de Margotti (2004) conta com dados constituídos por 32 entrevistas, feitas por conversas semidirigidas, respostas a um questionário e leitura. Foram controladas as dimensões sociais e geográficas para verificar a pronúncia do ditongo nasal tônico [ãõ], do [r] forte, da vogal [a] seguida de consoante nasal, do alçamento das vogais átonas finais [e] e [o], da africação de [t] e [d] diante de [i] e da realização das fricativas [ʃ] e [ʒ].

Quanto ao ditongo nasal tônico, as variáveis linguísticas significativas são: a) o contexto precedente (PR= .63 para a vogal ou semivogal; PR= .58 para a consoante dental ou alveolar; PR= .56 para a consoante bilabial; PR= .14 para a consoante alveopalatal ou palatal; e PR= .12 para a consoante labiodental); b) o tamanho do vocábulo: (PR= .59 para as palavras com mais de quatro e com duas sílabas; PR = .49 para as trissílabas; e PR = .32 para os monossílabos; e c) a classe morfológica, sendo que os verbos favorecem a realização de [ãõ], com PR = .75, os substantivos são neutros para essa realização e as demais classes a desfavorecem.

Tomiello (2005) estuda a alternância -ão :: -on do ditongo nasal tônico na fala em língua portuguesa de bilíngues português-italiano de uma comunidade rural do município de São Marcos (RS). As variáveis linguísticas selecionadas como favorecedoras da pronúncia -on são: *número de sílabas do vocábulo* (PR = .60 para os monossílabos; e PR= .46 para os dissílabos e trissílabos); e *contexto fonológico precedente* (PR = .61 para a consoante posterior; PR = .57 para a consoante nasal; PR = .48 para a consoante anterior; e PR = .39 para o ataque vazio).

Quanto às variáveis extralinguísticas, as favorecedoras de -on são: a) *idade* (PR = .76 para a faixa etária acima de 50 anos; PR = .48 para a faixa entre 30 e 45 anos; PR = .23 para a faixa entre 15 e 25 anos); b) *escolaridade* (PR = .70 para os menos

escolarizados; PR = .48 para os que têm de 5 a 8 anos de estudo; e PR = .35 para os que detêm o nível médio ou superior); e c) *gênero* (PR= .58 para os homens e PR = .43 para as mulheres).

Outro ponto interessante da pesquisa de Tomiello (2005) foi a observação de uma família bilíngue: os pais da família, agricultores, realizavam mais a pronúncia de -on do que todo o resto da família. Já os filhos, que eram mais escolarizados e tinham mais contato com grupos monolíngues em português, realizavam com maior frequência a pronúncia padrão do português. Quanto ao gênero, a mãe dessa família, que é bilíngue e tem a mesma escolaridade que o pai, faz mais uso da pronúncia -ão do que ele. A pesquisadora defende que isso é resultado do contato da mãe com os filhos, isto é, um contato indireto com a norma padrão a que eles têm acesso.

Gubert (2012) pesquisa a fala de 24 moradores do município de Vargeão (SC), colonizado por descendentes de imigrantes de regiões do vêneto. As variáveis estudadas pelo pesquisador foram: a) neutralização do [r] e do [r̥]; b) alçamento do [e] e do [o] em posição átona final; c) substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]; d) alternância de [j] com [ʃ] e de [ʒ] com [ʒ̃]; e) pronúncia da vogal [a] diante de consoante nasal; e f) a pronúncia da vogal nasal [ẽ]. Para nossa pesquisa, interessam-nos os resultados do ditongo nasal tônico pronunciados sem a influência da língua de imigração. As variáveis selecionadas na pesquisa de Gubert (2012) foram: a) contexto seguinte (PR = .69 para a pausa; PR = .57 para a vogal; e PR = .41 para o segmento consonantal); b) idade (PR = .74 para a faixa etária de 20 a 31 anos e PR = .31 para a faixa acima de 45 anos); e c) sexo/gênero (PR = .59 para os homens; e PR = .41 para as mulheres).

Já Horbach (2013) estuda a realização do ditongo -ão em final de vocábulo por falantes bilíngues tanto de português-alemão como de português-italiano. As variáveis extralinguísticas consideradas foram as localidades bilíngues - que eram Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul -, a idade, o sexo e a escolaridade dos falantes. Já as variáveis linguísticas analisadas foram a tonicidade do alvo, a extensão do vocábulo, a classe gramatical da palavra, o número (singular e plural) e o contexto precedente. As variáveis linguísticas selecionadas pelo Programa Goldvarb X como favorecedoras da pronúncia com influência da língua de

imigração foram: a) a tonicidade do alvo (PR = .57 para o contexto tônico e PR = .13 para o átono); e b) extensão do vocábulo (PR = .55 para palavras com mais de uma sílaba e PR = .43 para monossílabas). Quanto às variáveis extralinguísticas, as selecionadas foram: a) escolaridade (PR = .57 para a pouca escolarização e PR = .52 para a maior escolarização); b) idade (PR = .58 para a faixa etária acima de 50 anos e PR = .42 para os de menos de 50 anos); e c) gênero (PR = .56 para os homens e PR = .44 para as mulheres).

Como veremos, os resultados das pesquisas acima em parte coincidirão e em parte irão de encontro aos que encontramos em São Bento de Urânia. Assim, eles servirão de base para nossas análises, quer no nível linguístico, quer no nível social do contato linguístico.

Tendo resumido alguns dos mais importantes trabalhos a respeito do tema desta pesquisa, abordaremos, no próximo capítulo, a história da imigração italiana no Brasil, no Espírito Santo e na comunidade que estamos estudando.



## 2. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

Neste capítulo, trataremos do contexto histórico e social do Brasil e da Itália no século XIX, o qual favoreceu a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil e, especialmente, para o Espírito Santo e para São Bento de Urânia. Iniciemos com a imigração italiana para o Brasil.

### 2.1. A vinda dos italianos para o Brasil

No início do século XIX, grandes modificações sociais, políticas e econômicas ocorreram no continente europeu, o que contribuiu para que os italianos abandonassem o seu país (FRANZINA, 2006). A Itália, depois de ser dividida politicamente em sete estados soberanos, pelo Congresso de Viena, em 1814, viu surgir em seu solo o ideal da unificação, chamado Risorgimento<sup>6</sup>. Entretanto, esse ideal de unificação veio acompanhado de guerras e, por conseguinte, houve um grande desabastecimento da população rural e mais pobre, que não tinha sequer como se alimentar.

Por outro lado, a economia italiana, que era baseada na agricultura, se viu fortemente atingida pelas calamidades naturais que ocorreram no século XIX: chuvas de granizo, secas, inundações, desmoronamentos, terremotos, avalanches, além da diminuição no valor do gado. Outro problema que afetou os italianos foram as doenças, devido às baixas condições de higiene. Assim, muitos não tiveram outra opção senão abandonar o campo e vir para as cidades. Contudo, ali somente encontraram o desemprego ou os baixos salários. Todos esses fatores culminaram na miséria da população e, conseqüentemente, em seu desejo de buscar melhores condições de vida fora da terra natal.

O *prefetto* de Belluno<sup>7</sup> considera como causas da emigração italiana:

---

<sup>6</sup> Movimento de unificação italiana que se iniciou em 1815 e durou até 1870.

<sup>7</sup> *Prefetto* é o representante do governo central em cada província italiana. Belluno é uma das províncias do Vêneto.

A respeito da emigração [acrescenta o prefeito de Belluno], devo dizer infelizmente que continua o êxodo das famílias que deixam a pátria. Às vezes é a febre da fortuna e da riqueza que lhes serve de esperança, mas nessa província, na maior parte dos casos, é a miséria que se tornou intolerável e os empurra ao propósito desesperado de abandonar o país que os viu nascer, os parentes, os amigos e a pátria que talvez tenham contribuído com o próprio sangue para redimir, para enfrentar a miragem de um futuro melhor em países distantes e desconhecidos (FRANZINA, 2006, p. 276).

Para exercer influência sobre as decisões das famílias italianas, existiam os agentes de imigração, responsáveis por convencerem-nas a emigrar. Esses agentes, ao garantir terras e dinheiro aos imigrantes, foram fundamentais para que o processo de imigração acontecesse. Franzina (2006) cita um trecho do manifesto de um proprietário de terras do Vêneto que mostra o resultado do trabalho dos agentes:

Na América, na América, sussurram entre eles esses camponeses; lugar abençoado, vocês sabem, onde não se trabalha, há dinheiro aos montes, “nunca mais submetidos” a esses patrões bestiais [...]. Eis o discurso em voga, que ultrapassa qualquer outra preocupação, que se ouve em todas as áreas rurais, na adega, nas casas, nas ruas e até na Igreja [...]. Que trabalhos novos! Que cuidado com o adubo, com os animais, com os campos! América, América. (FRANZINA, 2006, p.320).

Por outro lado, havia também os antiemigrantistas, como são chamados aqueles que queriam reverter a emigração em massa da Itália - governantes, padres, professores e também os jornais da época -, principalmente vênéticos. A diferença de clima, a possível falta de demanda de trabalho e até mesmo a presença de mosquitos foram citados, numa tentativa de persuasão, que fracassou (FRANZINA, 2006).

Devido às causas expostas, a emigração italiana, nesse período, envolveu sobretudo camponeses e pequenos produtores, que deixaram seu país especialmente em direção à América, e o Brasil era um dos principais destinos.

A essa época, o Brasil também passava por transformações importantes, como a iminente abolição da escravatura e o consequente déficit de mão de obra na agricultura (BIGAZZI, 2006; MOREIRA; PERRONE, 2007). Além disso, havia o desejo de *branquear*<sup>8</sup> a população brasileira, que, à época, era formada basicamente por portugueses e numerosos negros, índios e mestiços. De acordo com Gil (2002), foi Varnhagen (1854-1857), em meados do século XIX, um dos

<sup>8</sup> Schwartzman, S. **O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"**. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, 1981, p. 39-69.

primeiros defensores da política de branqueamento social pela qual o Brasil passaria com a imigração europeia. Segundo Odalia (1997, p. 45-46), o que alguns pesquisadores defendiam era a evolução da população brasileira como resultado dessa política:

A escolha do que deverá ser a nova Nação pode parecer como a natural decorrência de uma situação histórica em que a oposição entre as culturas e civilizações diferentes acaba por impor um vencedor – a cultura e a civilização dos brancos, que traz em seu arsenal de armas não só as de natureza guerreira, como também outras, mais efetivas e sofisticadas, vistas como os atributos de uma civilização superior. Elas se expressam naqueles traços que são interpretados como os valores máximos da civilização superior: lei, ordem, autoridade e religião. (ODALIA, 1997, p. 46)

Como forma de contribuir para tornar mais atraente a vinda dos imigrantes europeus para o Brasil, em 1808, foi promulgada a lei<sup>9</sup> que dava aos estrangeiros o direito a propriedades de terra no país. Segundo Oliveira (2001, p. 13), “no Brasil do século XIX, a política de imigração visava atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas”.

Essa política deu certo: a partir de 1875, milhões de imigrantes italianos chegaram ao Brasil, fixando residência especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Entretanto, anos mais tarde, a onda migratória deixou de interessar ao Governo brasileiro, principalmente no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, como veremos na próxima subseção.

### *2.1.1 A Campanha de nacionalização dos imigrantes no Brasil*

Se, num primeiro momento, a imigração europeia era vista pelos governantes brasileiros como algo positivo, que traria, além da colonização dos espaços de terra inabitados, o branqueamento da população, como já foi dito, com o passar dos anos, a concentração de europeus começou a incomodar as autoridades brasileiras, pois parecia uma barreira para a construção de uma cultura nativa. Dessa forma, na

---

<sup>9</sup> Decreto em anexo e extraído de [http://www.brasil.gov.br/old/copy\\_of\\_imagens/linha-do-tempo/linha-do-tempo-historia-da-imigracao/1808-decreto/view](http://www.brasil.gov.br/old/copy_of_imagens/linha-do-tempo/linha-do-tempo-historia-da-imigracao/1808-decreto/view). Acesso em: 03 jul. 2016.

terceira fase do primeiro governo de Getúlio Vargas, denominada Estado Novo (1937-1945), iniciou-se no Brasil um período de intenso cerceamento do direito de os imigrantes expressarem sua cultura e de falarem a sua língua.

Tratava-se de um contexto nacionalista que propunha o *abrasileiramento* dos imigrantes estrangeiros e de seus descendentes, utilizando, para isso, as instituições ligadas às comunidades de imigrantes: as igrejas católica e protestante, proibindo o uso da língua de imigração nas missas, nos cultos e na catequese das crianças; as escolas, ensinando apenas a língua portuguesa e proibindo as línguas de imigração de serem usadas por alunos e pelo corpo administrativo, no espaço escolar; e o rádio e a imprensa, com restrições a programas e matérias em língua estrangeira. Seyferth (2000, p.92) resume essa situação:

A assimilação forçada começou formalmente em 1937, com a proibição do ensino de língua estrangeira, e prosseguiu em 1939, com o fechamento de todas as instituições comunitárias que pudessem remeter a sentimentos de pertencimento primordial às nações de origem. Logo depois houve a proibição do uso de línguas maternas em público e o cerceamento geral das liberdades individuais de todos os que não fossem considerados suficientemente brasileiros. (SEYFERTH, 2000, p.92)

A Campanha de Nacionalização era, para Schwartzmann (1984, p.166), um projeto que se caracterizava como "de feição conservadora e autoritária, marcado pelo caráter excludente, avesso à convivência pluralista e diversificada. A formação do Estado Novo passaria pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia".

Entretanto, mesmo com os esforços para se eliminar todo vestígio cultural europeu das comunidades colonizadas por imigrantes, a Campanha de Nacionalização não conseguiu apagar todas as influências e marcas culturais deixadas pela imigração. Por exemplo, no Espírito Santo, ainda encontramos línguas de imigração sendo faladas, como o pomerano e o hunsrückisch, como dissemos. Quanto às línguas faladas pelos imigrantes italianos, elas sobrevivem entre os mais velhos. Além disso, muitos de seus traços estão presentes no português falado pelos descendentes desses estrangeiros, sobretudo nas zonas rurais. Esse é o tema da próxima seção.

## **2.2. Os imigrantes italianos no Espírito Santo**

Assim como o restante do Brasil, a província do Espírito Santo, no século XIX, necessitava ser povoada. De acordo com os censos do século XIX, o Espírito Santo tinha, em 1856, apenas 49.092 habitantes (OLIVEIRA, 2008). A principal causa da escassez da população foi a proibição imperial de se construírem estradas para o interior da província, tendo em vista o propósito de ela servir de obstáculo natural contra os ladrões de ouro das minas existentes a leste de Minas Gerais. Entretanto, no século XIX, o ouro estava no fim, e a proteção natural do Espírito Santo a ele não mais fazia sentido. Assim, houve o interesse do Governo de colonizar os imensos vazios demográficos que aqui havia, e trazer imigrantes europeus era a opção mais viável.

A imigração italiana no Espírito Santo se deu a partir de 1875, quando Pietro Tabachi trouxe trentinos para trabalhar em suas terras, onde atualmente está localizado o município de Ibirapu (DERENZI, 1974). Entretanto, com as várias e graves desavenças que ocorreram entre o patrão e os imigrantes, estes abandonaram as terras de Tabachi e se encaminharam, ainda em 1875, para o que atualmente é o município de Santa Teresa, localizado na região Centro-Serrana (GASPARINI, 2015).

Embora a primeira experiência com a imigração italiana não tenha sido positiva, novas levas de italianos aqui desembarcaram, pelos portos de Vitória e de Benevente, além de Barra do Itapemirim, Santa Cruz e São Mateus, indo colonizar os atuais municípios de Alfredo Chaves, Marechal Floriano, Vargem Alta, Cachoeiro de Itapemirim etc. (SCALZER, 2015). Segundo Nagar (1895), os imigrantes ficavam em um local que se assemelhava a um albergue, com uma capacidade máxima de setenta pessoas. Depois de alguns dias, eram distribuídos pelo interior do estado. Para chegarem ao destino final, faziam longas caminhadas em matas virgens, subindo e descendo serras, sendo guiados por tropeiros (DERENZI, 1974).

Embora já assentados nas propriedades que lhes foram destinadas, no início do século XX, começaram a chegar à Itália notícias das péssimas condições de trabalho e de moradia em que viviam as famílias italianas no Espírito Santo. Essa situação era muito diferente das promessas governamentais, o que desencorajou as

novas imigrações para o estado. Além disso, Benito Mussolini, ditador italiano, pôs em prática uma política de controle de imigração ao final da década de 1920, fato que também interferiu na vinda de italianos para o Espírito Santo.

Devido a isso, como mostra a Tabela a seguir, houve uma grande diminuição no número de imigrantes italianos que chegaram ao Espírito Santo entre os séculos XIX e XX.

TABELA 1 – Número e nacionalidade de imigrantes que chegaram ao estado do Espírito Santo nos séculos XIX e XX.

| Países                | séc. XIX      | sec. XX      | Total         |
|-----------------------|---------------|--------------|---------------|
| <b>Itália</b>         | 35.033        | 1.633        | 36.666        |
| <b>Alemanha</b>       | 4.013         | 853          | 4.866         |
| <b>Espanha</b>        | 2.942         | 527          | 3.469         |
| <b>Portugal</b>       | 2.080         | 1.347        | 3.427         |
| <b>Polônia</b>        | 699           | 898          | 1.597         |
| <b>Líbano</b>         | 1             | 568          | 569           |
| <b>Áustria</b>        | 295           | 131          | 426           |
| <b>Estados Unidos</b> | 167           | 219          | 386           |
| <b>San Marino</b>     | 360           | 3            | 363           |
| <b>Holanda</b>        | 329           | 13           | 342           |
| <b>Suíça</b>          | 289           | 21           | 310           |
| <b>Rússia</b>         | 185           | 58           | 243           |
| <b>França</b>         | 162           | 66           | 228           |
| <b>Bélgica</b>        | 185           | 5            | 190           |
| <b>Síria</b>          | 0             | 130          | 130           |
| <b>China</b>          | 66            | 57           | 123           |
| <b>Inglaterra</b>     | 9             | 105          | 114           |
| <b>Luxemburgo</b>     | 97            | 0            | 97            |
| <b>Ucrânia</b>        | 130           | 8            | 138           |
| <b>Outros</b>         | 44            | 479          | 523           |
| <b>TOTAL</b>          | <b>47.086</b> | <b>7.121</b> | <b>54.207</b> |

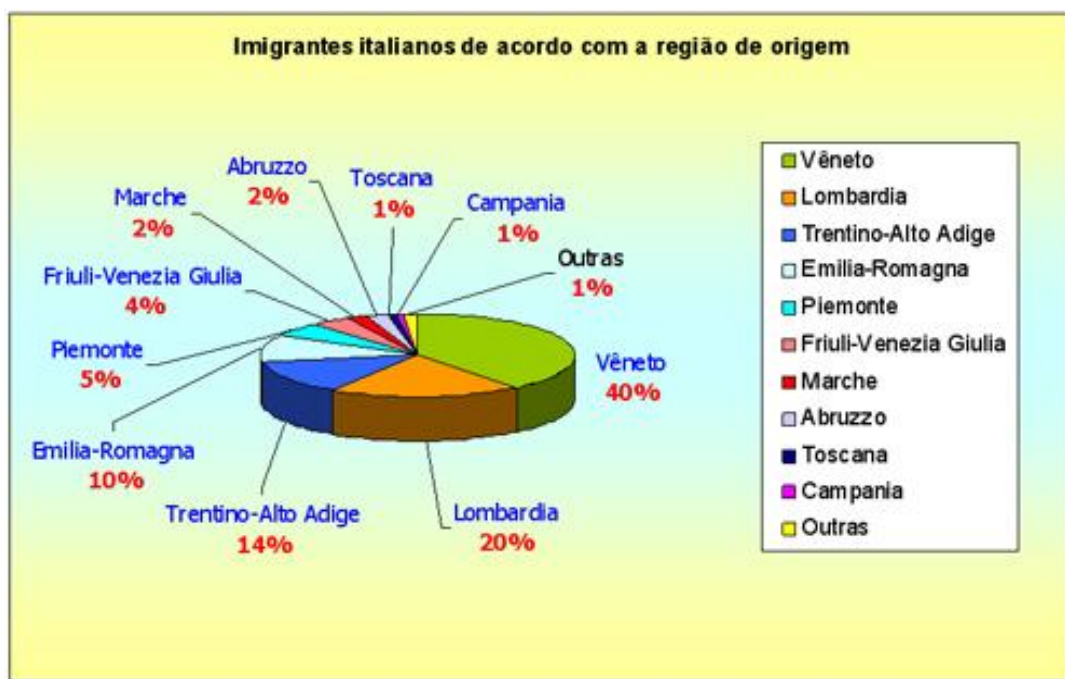
Fonte: APEES (2017)<sup>10</sup>.

A Tabela 1 evidencia que o número de imigrantes italianos que adentraram o estado no período das grandes imigrações foi imensamente superior ao de outros países.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://imigrantes.es.gov.br/html/estatisticas.html>. Acesso em: 20 jan. 2017.

Dentre os italianos, a ampla maioria era da Itália Setentrional, como mostra o Gráfico 1, de responsabilidade do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (2007).

GRÁFICO 1 – Imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo de acordo com a região de origem.



Fonte: APEES (2007)

No Mapa 1, a seguir, aparece a localização dessas regiões.

MAPA 1 – Mapa das regiões da Itália

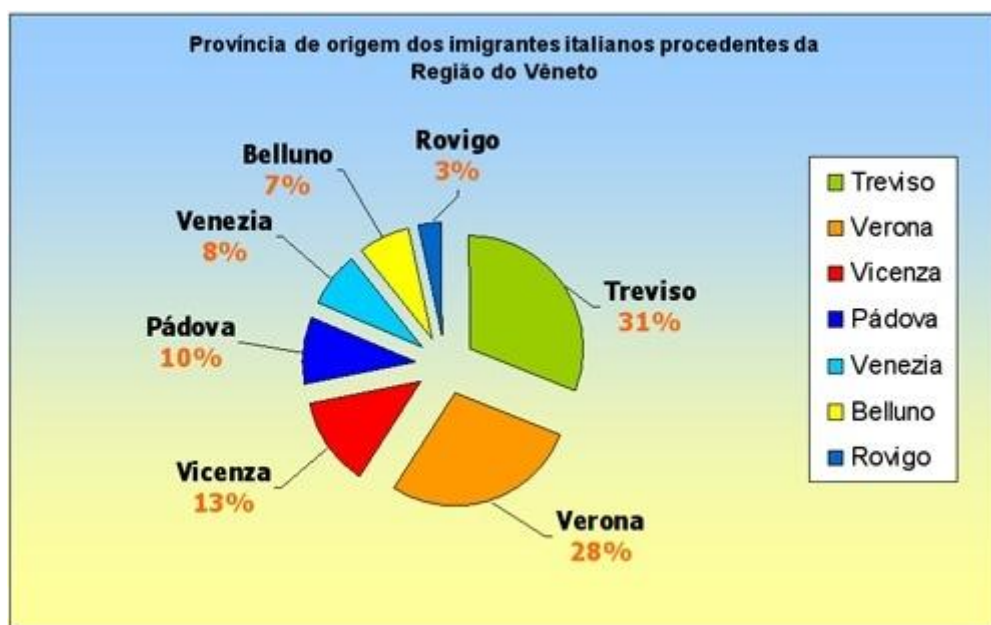


Fonte: <http://www.vivatoscana.com.br/2012/02/principais-cidades-toscanas.html>.  
Acesso em: 19 jun. 2016.

No Gráfico 2, vemos a procedência dos imigrantes do Vêneto, de onde saíram os ancestrais de nossos informantes.



GRÁFICO 2 - Imigrantes vênnetos chegados ao Espírito Santo - séc. XIX - de acordo com a procedência.



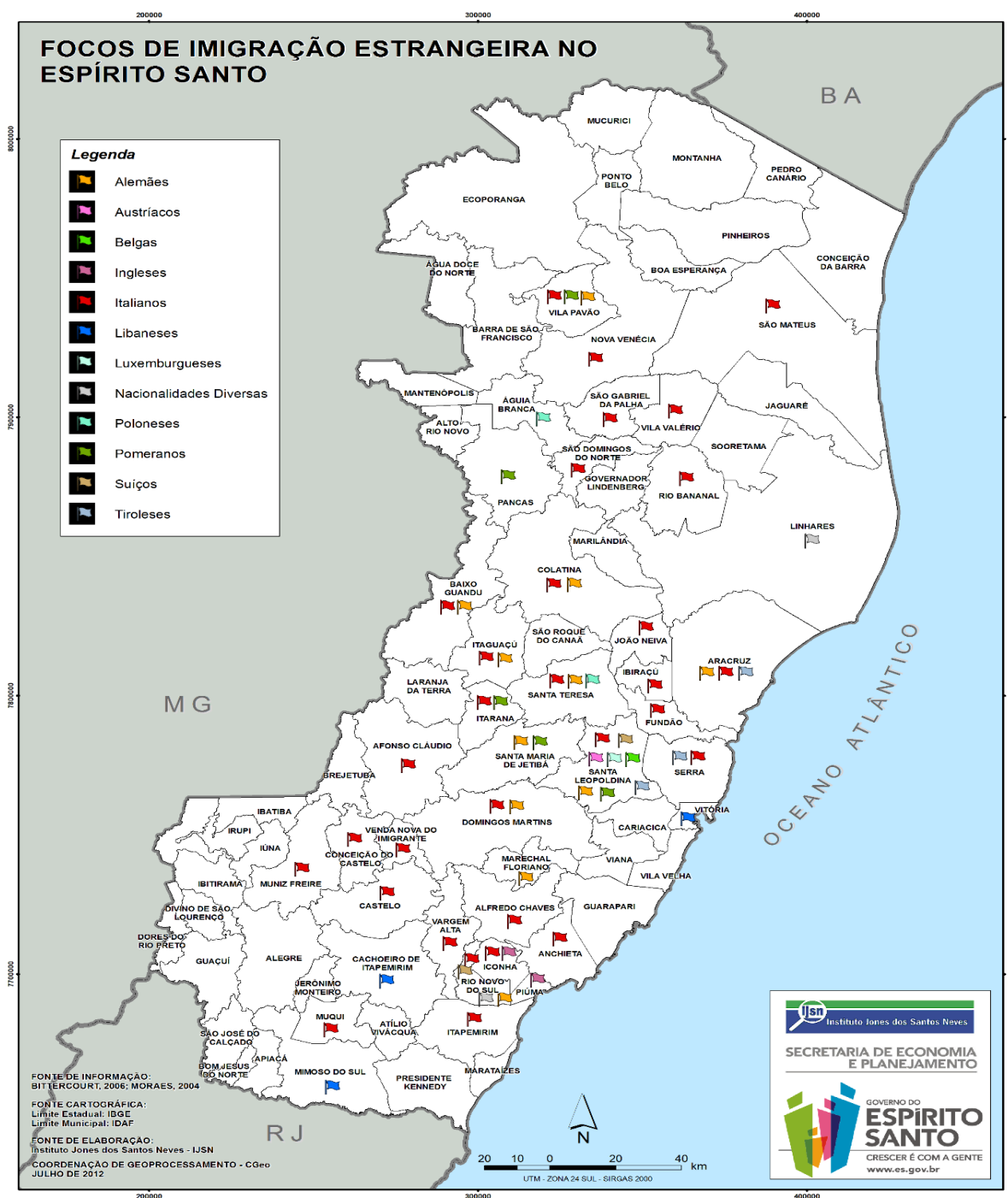
Fonte: APEES (2007)

Pela observação dos gráficos e do mapa acima, é possível concluir que os imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo, em sua maioria, vieram de cinco regiões próximas, na Itália Setentrional. Dessas, o Vêneto se destaca, com praticamente o dobro de imigrantes da segunda região, a Lombardia.

Quanto aos imigrantes vênnetos, vemos que a maioria era originária de Treviso, seguido de perto por Verona. Pelo fato de não haver grandes rios, cadeias de montanhas ou outros obstáculos que impedissem o contato constante das pessoas dessas duas localidades, podemos pensar que as variedades linguísticas aí faladas fossem intercompreensíveis, isto é, que não havia qualquer dificuldade para os falantes se comunicarem entre si (PERES, DADALTO, BOTTER, 2016), o que foi atestado por nossos informantes. Esse dado é importante, nos estudos de Contato Linguístico e de manutenção de línguas minoritárias, ao se pensar que os imigrantes italianos, sobretudo do Vêneto, tiveram por vizinhos, nos primeiros tempos, apenas seus conterrâneos.

Anos após a chegada dos primeiros imigrantes, houve a migração para outras localidades do Espírito Santo. Atualmente, seus descendentes se encontram em quase todo o estado, como podemos observar no Mapa 2, a seguir.

MAPA 2 – Focos da imigração no estado do Espírito Santo.



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2012)

Tendo sido apresentado o panorama geral da imigração italiana no Espírito Santo, passaremos agora à colonização italiana em Alfredo Chaves e, em especial, na comunidade pesquisada, São Bento de Urânia.

### **2.3. A chegada dos imigrantes a São Bento de Urânia**

Nos anos finais do século XIX, Alfredo Chaves era o principal destino dos imigrantes que desembarcavam em Benevente, atual município de Anchieta. Ao aportarem, subiam o rio Benevente, e, em meio à floresta virgem, chegavam à vila de Alfredo Chaves.

Segundo Puppim (1981), de três a quatro dias era o tempo de espera até os imigrantes serem encaminhados aos seus lotes ou mesmo a um trabalho, o que resultou em fome para eles<sup>11</sup>. Pessali (2010) afirma que foram tempos difíceis, os da chegada dos imigrantes, devido à precária assistência que receberam dos funcionários da imigração. As situações adversas resultaram em um movimento de busca de outros locais para fixação, afastando e separando os grupos de imigrantes.

Alguns desses grupos chegaram a São Bento de Urânia. De acordo com seus moradores, o distrito recebeu esse nome devido à grande quantidade de urânio encontrado no local e também pela devoção dos imigrantes a São Bento.

Vilaça (2010, p. 55), com base em relatos de moradores da comunidade, cita as dificuldades pelas quais passaram os primeiros imigrantes quando chegaram à região: “Quando viemos para cá foi a pé, e uma tropa trazia a mudança. Ainda viemos com 50 cabeças de galinhas, 25 morreram, porque vieram dependuradas de cabeça para baixo”.

Com relação à língua, devido à colonização exclusiva por famílias procedentes do Vêneto e também pelo isolamento do lugar, o vêneto era a única utilizada pelos moradores. Com o crescente contato com os brasileiros, no entanto, a língua portuguesa foi sendo aprendida e usada. Entretanto, ainda hoje encontramos pessoas com menos de 30 anos que falam normalmente o vêneto e os traços dessa

---

<sup>11</sup> Essa e outras situações, como a própria desorganização das colônias, culminaram na proibição da imigração italiana para o Espírito Santo.

língua - especialmente os fonético-fonológicos - estão muito presentes na fala de todos os seus moradores, o que torna a comunidade de São Bento de Urânia bastante propícia para estudos de contato linguístico no Espírito Santo, tanto no nível linguístico como no nível social. No capítulo referente aos procedimentos metodológicos, descreveremos com mais detalhes a comunidade atualmente.

Tendo sido descrita resumidamente a história da imigração italiana no estado e na comunidade pesquisada, no próximo capítulo abordaremos a teoria sociolinguística e do Contato Linguístico, as quais utilizamos para embasar nossas análises.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa versa sobre o papel do sexo/gênero para a manutenção ou a substituição de traços de uma língua minoritária, descrevendo o uso de variantes linguísticas e sua mudança no tempo dentro de uma comunidade colonizada por imigrantes que, até pouco tempo atrás, era bilíngue. Dessa forma, esta pesquisa deverá levar em conta a estreita relação entre língua e sociedade e a atuação desta sobre aquela.

Dentre as correntes teóricas que consideram a importância da sociedade para o uso da linguagem, temos a Sociolinguística. Para a Sociolinguística, a língua e a sociedade estão intimamente relacionadas. De acordo com Romaine (1995), em toda e qualquer comunidade, os aspectos sociais sempre criam impactos sobre a língua falada. Por isso, não se pode conceber a língua sem levar em consideração a existência da sociedade (PESSOA, 2010).

Tendo em vista o que dissemos e levando-se em consideração que nossa pesquisa versa sobre o uso de variantes linguísticas e sua mudança no tempo e que na comunidade pesquisada duas línguas entraram em contato, adotaremos como referencial teórico a Sociolinguística, nas vertentes da Teoria da Variação e Mudança e também do Contato Linguístico.

Assim, neste capítulo, apresentaremos temas abordados por Weinreich (1970 [1953]); Fishman (1968, 1999); Trudgill (1983, 1992); Appel e Muysken (1996); Baker e Jones (1998); Calvet (2002); Matras (2009); Couto (2009); Montrul (2013); etc., na vertente do Contato Linguístico; e de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]); Labov (2008 [1972], 2001); Milroy, L. (1987); Milroy, J. (1992); Romaine (1995); Fasold (1996); Gordon (1997); Cheshire e Trudgill (1998); Downes (1998); Sundgren (2001); Coulmas (2002); Paiva (2013); Holmes e Meyerhoff (2005); Chambers (2009); Eckert e Mcconnel-Ginet (2011); Scherre e Yacovenco (2011); etc., na vertente da Teoria da Variação e Mudança.

Esses estudos irão nos ajudar a compreender os fatores que influenciam as escolhas linguísticas de mulheres e homens e que levam à manutenção ou à substituição de traços de uma língua minoritária. Começaremos por abordar os tópicos do Contato Linguístico mais afins a nosso estudo. Em seguida, tópicos

importantes da mais tradicional vertente da Sociolinguística, a Teoria da Variação e Mudança. Antes disso, entretanto, faz-se importante explicitar alguns conceitos essenciais para esta pesquisa: comunidades de fala, redes sociais e língua vs. dialeto.

### 3.1. As comunidades de fala

Segundo Labov (2001), o principal objeto de investigação linguística são as comunidades de fala, ou comunidades linguísticas - numa tradução livre do inglês “*speech community*” -, e não os indivíduos. De acordo com esse autor,

[...] análises linguísticas não podem reconhecer gramáticas ou fonologias individuais. Regras ou restrições individuais não teriam nenhuma interpretação e em nada contribuem para atos de comunicação. Nesse sentido, o individual não existe como objeto linguístico. No entanto, cada indivíduo mostra seu perfil pessoal do uso comparativo de recursos disponibilizados pelas comunidades de fala.<sup>12 13</sup>

Para Fishman (1979, p. 54), uma comunidade linguística é “aquela cujos membros participam de pelo menos uma variedade linguística e das normas para seu uso adequado”<sup>14</sup>. O autor acrescenta que o repertório verbal, bem como seu acesso e fluidez, caracteriza uma comunidade linguística. Assim, defende que é necessário um sistema linguístico compartilhado, para a caracterização de uma comunidade de fala, mas apenas isso não é o suficiente.

Igualmente, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), em seu Artigo 1º, afirma que se entende por comunidade linguística

[...] toda a sociedade humana que, radicada historicamente num determinado espaço territorial, reconhecido ou não, se identifica como povo e desenvolveu uma língua comum como meio de comunicação natural e de coesão cultural entre os seus membros. A denominação língua própria de

<sup>12</sup>No original: “Linguistic analysis cannot recognize individual grammars or phonologies. Individual rules or constraints would have no interpretation and contribute nothing to acts of communication. In this sense, the individual does not exist as a linguistic object. However, each individual shows a personal profile of the comparative use of resources made available by the speech community.”

<sup>13</sup> Esta e todas as traduções desta pesquisa são de nossa responsabilidade.

<sup>14</sup>No original: “[...] aquella cuyos miembros participan por lo menos de una variedad lingüística y de las normas para su uso adecuado”.

um território refere-se ao idioma da comunidade historicamente estabelecida neste espaço.<sup>15</sup>

Calvet (2002) afirma que "o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico" (CALVET, 2002, p. 121). Para o autor, um falante pode participar de mais de uma comunidade linguística, desde que a variedade utilizada seja compreendida pelas comunidades das quais faz parte.

As comunidades linguísticas, apesar de não terem sua definição compartilhada igualmente por todos os teóricos, são um importante caminho que precisamos discutir numa situação de contato de línguas, uma vez que o processo de manutenção/substituição de uma língua minoritária não acontece por causa de um falante, e sim da aceitação – ou não – de toda a comunidade.

### 3.2. As redes Sociais

A noção de *rede social* foi desenvolvida por antropólogos sociais durante as décadas de 60 e 70 do século XX. Atualmente, o conceito é utilizado pela Sociolinguística - a partir dos estudos de Milroy (1987) - para explicar os processos de manutenção do vernáculo e os padrões de mudança em uma comunidade linguística. Segundo Milroy (1987), a rede social, baseada na contratação individual de relações sociais informais, é um princípio de aplicação universal.

A rede social se refere aos contatos que uma pessoa mantém com outras em seu dia a dia. A Figura 1, abaixo, de Milroy (1987, p. 48), exemplifica a rede social de um indivíduo - visto como ponto focal<sup>16</sup>, representado na figura por X. As linhas que se irradiam de X vão até outros pontos, que são as pessoas com quem X se relaciona diretamente, e é o grupo chamado de primeira ordem. Do grupo de segunda ordem, fazem parte aquelas pessoas que não necessariamente são conhecidas do ponto

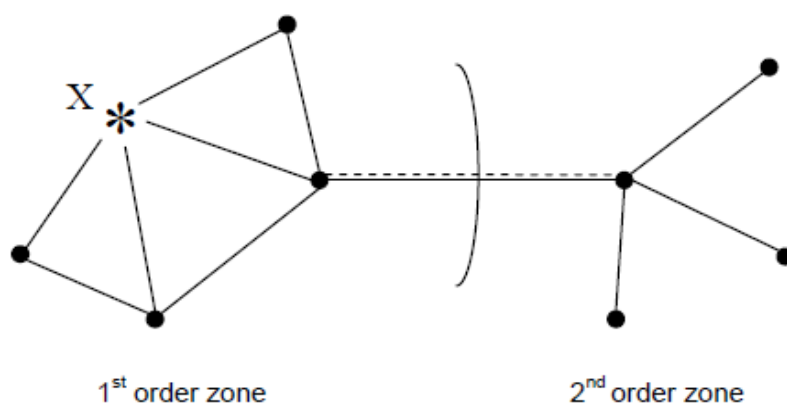
---

<sup>15</sup>Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a\\_pdf/dec\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf)  
Acesso em: 05 jul. 2016.

<sup>16</sup> Do inglês "Focal point".

focal (X), mas que têm relações cotidianas com os indivíduos da primeira ordem. Sucessivamente, seguindo o mesmo padrão, podem aparecer grupos de terceira ou quarta ordem, mas Milroy (1987) considera importantes apenas as redes de primeira e de segunda ordem.

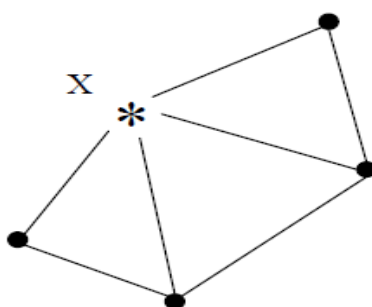
FIGURA 1: Estrutura de rede social de duas ordens.



Fonte: Milroy (1987, p. 48)

Quanto à sua estrutura, temos a *densidade (density)*, que se refere à quantidade de contatos de uma rede. Assim, uma rede pode ser *densa* ou *frouxa*: é densa quando um grande número de indivíduos se conhece entre si, como representado na Figura 2, a seguir:

FIGURA 2: Rede social densa.

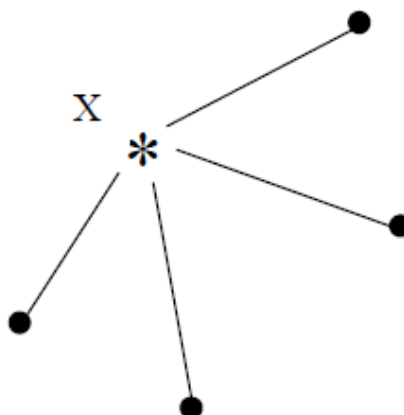


Fonte: Milroy (1987, p. 20)

Já uma rede frouxa, ou seja, com pouca densidade, ocorre quando poucas pessoas se conhecem naquele grupo, como representado pela Figura 3:



FIGURA 3: Rede social frouxa.



Fonte: Milroy (1987 [1980] p. 20)

Milroy (1987) fala ainda em agrupamentos (*clusters*) e multiplexidade (*multiplexity*). Por agrupamentos, a autora considera os segmentos das redes mais densas, que podem se formar por meio de família, trabalho, estudos etc. A autora defende que, mais do que a densidade, os agrupamentos são determinantes na execução de normas linguísticas, bem como das normas gerais.

Já a *multiplexidade* diz respeito aos vínculos estabelecidos pelos membros das redes, que podem ser *uniplex* e *multiplex* (MILROY, 1987). Este último está definido como uma rede múltipla, em que os indivíduos se relacionam, por exemplo, como parentes e, ao mesmo tempo, vizinhos. Os vínculos *uniplex*, por sua vez, são aqueles que ocorrem em apenas uma direção, como a relação empregado/empregador.

No capítulo metodológico desta dissertação, veremos que as relações de multiplexidade ocorrem com frequência em comunidades rurais, como a que estudamos, por razão de seu tamanho e de seu maior isolamento geográfico. Daí a sua importância para este estudo. A seguir, abordaremos mais uma importante questão dentro da perspectiva teórica que adotamos: as noções de língua e de dialeto.

### 3.3. Língua e dialeto

Não é simples nem fácil fazer a distinção entre língua e dialeto, pois as definições deste último são controversas na literatura, já que, muitas vezes, um dialeto é visto como uma variedade primitiva, errada da língua. Chambers e Trudgill (1994 [1980], p. 19) resumem essa visão:

Mas o que é um dialeto? Na linguagem cotidiana um dialeto é uma forma de língua *substandard*, de nível baixo e frequentemente rústica, que geralmente se associa ao campo, à classe trabalhadora e a outros grupos considerados sem prestígio. Dialeto é também um termo aplicado frequentemente às línguas que não têm tradição escrita, especialmente àquelas faladas nos lugares mais isolados do mundo. E, por último, também se entendem como dialetos alguns tipos (frequentemente errados) de desvios da norma, aberrações da forma padrão ou correta de uma língua.<sup>17</sup>

Mas uma visão mais imparcial de *dialeto* é dada por Fishman (1979), por exemplo, para quem os dialetos são, simplesmente, "aquelas variedades linguísticas que inicial e basicamente representam origens geográficas divergentes".<sup>18</sup> (1979, p. 47). Chambers e Trudgill (1994), por sua vez, se apoiam na estrutura para distinguir língua e dialeto: para eles, o dialeto é a variedade que se difere quanto à gramática, à fonologia e, quem sabe, ao léxico. E Baker e Jones (1998) defendem que o termo *dialeto* tem sido usado pelos linguistas para descrever qualquer variedade da língua; dessa forma, entende-se que todo indivíduo falaria um dialeto, ou, simplesmente, uma variedade da língua diferente. Dessa forma, para evitar a negatividade relacionada a esse uso do termo *dialeto* como algo menor ou menos importante, tem-se preferido, entre os linguistas, utilizar a expressão "variedades de uma língua" (BAKER; JONES, 1998).

Já Couto (2009, p. 57) afirma que

praticamente não [há] diferença entre língua e dialeto. Trata-se mais de uma questão de poder. Assim, o povo que conseguir impor seu "dialeto" como língua tê-lo-á assim considerado. O povo que não tiver esse poder terá seu

<sup>17</sup> No original: "Pero qué es exactamente un dialecto? En el lenguaje cotidiano un dialecto es una forma de lengua subestándar, de nivel bajo y a menudo rústica, que generalmente se asocia con el campesinado, la clase trabajadora y otros grupos considerados carentes de prestigio. Dialecto es también un término aplicado a menudo a las lenguas que no tienen tradición escrita, en especial a aquellas habladas en los lugares más aislados del mundo. Y por último también se entienden como dialectos algunas clases (a menudo erróneas) de desviaciones de la norma, aberraciones de la forma estándar o correcta de una lengua."

<sup>18</sup> No original: "[...] aquellas variedades lingüísticas que inicial y básicamente representan orígenes geográficos divergentes".

meio de comunicação considerado "dialeto". Não é para menos que já se disse que a língua é um dialeto com um exército e uma marinha.

Com base no que expusemos acerca das definições de *língua* e de *dialeto*, concordamos com Couto (2009), quando diz que a diferença entre um e outro conceito é social, e não linguística, e assim, evitando-se a interpretação preconceituosa a que o termo *dialeto* pode nos levar, utilizamos, neste trabalho, o termo *língua* para designar a variedade falada pelos imigrantes vênets de São Bento de Urânia. Para os estudos do contato linguístico, é importante essa discussão, principalmente se pensarmos que o vênets é considerado, pelos moradores de São Bento de Urânia, como um dialeto italiano. Se um dos fatores de manutenção ou de substituição linguística é o status da língua minoritária, como apontam os estudos do Contato Linguístico, esse fato deve ser considerado em nossas análises.

### **3.4. Os Contatos Linguísticos**

Os contatos linguísticos se dão quando grupos étnicos distintos entram em contato por diferentes razões. Couto (2009) cita quatro situações que originam esses contatos.

A primeira delas é quando um povo migra para um local já ocupado por outro povo. O resultado desse contato vai depender de fatores subjetivos dos povos envolvidos, mas há uma tendência de a língua minoritária ser substituída pela majoritária, a língua do país de acolhimento. A esse processo de substituição pelas gerações subsequentes de imigrantes os autores chamam de *Lei da Terceira Geração*, da qual trataremos à frente. Também é fato que traços da língua de minoritária farão parte da língua majoritária, principalmente em situação de contato recente ou de comunidades mais isoladas geograficamente. Esse é o caso das imigrações, como a que estamos estudando.

A segunda situação de contato é quando um povo com mais poder invade uma região onde já reside um grupo, possivelmente mais frágil. O resultado normalmente

é a assimilação ou substituição da língua do povo mais fraco pela língua do grupo invasor, como o caso dos colonizadores nas regiões colonizadas.

A terceira situação é quando povos diferentes migram para um novo território, não pertencente a nenhum deles, geralmente uma ilha. Essa situação favorece o aparecimento de um *piding*, uma variedade de língua que surge de um processo de pidginização, que significa uma redução da estrutura gramatical, do léxico e da estilística de diferentes línguas a partir desse encontro, não sendo inteligível aos falantes de nenhuma delas. Essa situação pode originar também um *crioulo*, que é o resultado de um processo de pidginização e, posteriormente, de criouliização, em que o crioulo se torna a língua materna dos novos membros da comunidade.

E a quarta situação se dá quando um grupo migra temporariamente para uma região, como nas expedições comerciais.

Ainda para Couto (2009), em muitos países do mundo, "a regra é o bilinguismo ou multilinguismo, em que duas ou mais línguas convivem em um mesmo território". Estima-se que hoje, no mundo, mais de 7105 línguas sejam faladas – algumas, por milhões; outras, com alguns poucos falantes, são línguas que vão desaparecendo e morrem junto com estes.

Com respeito ao Brasil, segundo o compêndio Ethnologue: languages of the world<sup>19</sup>, a estimativa é de 216 línguas. Já o Censo IBGE 2010<sup>20</sup> lista 274 línguas faladas no país, somente indígenas. Ainda assim, nosso país, como vários outros com a mesma postura, reconhece como língua oficial apenas uma delas. Há situações de cooficialização de algumas línguas indígenas e também de imigração em alguns municípios brasileiros, inclusive no Espírito Santo, como é o caso do pomerano<sup>21</sup>. Entretanto, sem uma política real de fortalecimento, essas línguas minoritárias - como o vêneto e outras de imigração -, terão como destino a total substituição pela língua majoritária.

---

<sup>19</sup> Considerado o maior inventário de línguas do mundo, o Ethnologue: languages of the world, em 2016, está em sua 19ª edição e pode ser acessado em [www.ethnologue.com](http://www.ethnologue.com). De acordo com essa Organização, "the number of individual languages listed for Brazil is 236. Of these, 216 are living and 20 are extinct. Of the living languages, 201 are indigenous and 15 are non-indigenous. Furthermore, 5 are institutional, 31 are developing, 27 are vigorous, 56 are in trouble, and 97 are dying". Acesso em: 03 jul. 2016.

<sup>20</sup> Disponível em: [www.http://indigenas.ibge.gov.br](http://www.indigenas.ibge.gov.br). Acesso em: 01 out. 2016.

<sup>21</sup> Cf. e-ipol.org.

### *3.4.1. Os fatores de manutenção/substituição das línguas minoritárias*

Num processo de imigração, em que as línguas de dois grupos étnicos entram em contato, há dois níveis de poder em jogo: a língua mais forte é a do país receptor, falada pela maior parte das pessoas; e a(s) mais fraca(s) é(são) a(s) língua(s) de imigração, que entra(m) no país.

Dessa forma, o contato linguístico, quando ocorre em situações de imigração, tem consequências que devem ser analisadas junto com as características subjetivas de cada grupo imigrante, pois os fatores que desencadeiam um processo de manutenção dessa língua numa comunidade são basicamente os mesmos que levam à sua substituição em outra (APPEL; MUYSKEN, 1996).

A seguir, elencaremos os mais importantes fatores de manutenção/substituição linguística, de acordo com os estudiosos do Contato Linguístico.

#### *a) Domínios de uso da língua:*

Trudgill (1992) afirma que os domínios de uso da língua são a união de elementos que priorizem o uso de uma língua em detrimento de outra, em algum contexto específico. São exemplos desses elementos os interlocutores de uma conversa - o uso da língua minoritária com outros falantes dela, residentes dentro ou fora da comunidade -, o tema da conversa - assuntos religiosos ou conversas íntimas da família - ou o local em que ela acontece, como no lar, nos mutirões, nas atividades agrícolas ou pecuárias etc.

Para Appel e Muysken (1996), em quanto menos domínios uma língua for usada, menos valor ela terá, diminuindo também a vontade de ser transmitida às gerações seguintes. Dessa forma, um número restrito de domínios onde uma língua é usada irá favorecer a sua substituição.

#### *b) Localização da comunidade:*

Segundo Romaine (1995), o isolamento de uma comunidade, ou seja, os casos em que uma comunidade mantém pouco contato com falantes da língua majoritária, é

um fator de manutenção linguística. Por outro lado, o contato constante com a comunidade majoritária favorecerá a substituição da língua minoritária mais rapidamente.

Dessa forma, os habitantes do campo, por estarem mais isolados, são propensos a resistir por mais tempo à substituição de sua língua ancestral ou mantêm seus traços na língua majoritária por mais tempo, diferentemente dos moradores da cidade, que sofrem uma constante pressão da língua oficial do país pelo convívio cotidiano com ela, o que propicia a substituição linguística.

c) Ligação com o país da língua materna:

Um importante fator de substituição linguística é quando a comunidade deixa de manter relações com familiares ou pessoas do país de sua língua materna, já que a falta de contato propicia o esquecimento de palavras, expressões e outros aspectos gramaticais de uso menos frequente. Além disso, as inovações linguísticas que surgem na comunidade de origem não são repassadas aos compatriotas que emigraram, tornando a língua destes cada vez mais arcaica.

d) O caráter permanente ou temporário da imigração:

A língua de imigração corre menos risco de desaparecer quando o caráter da imigração é temporário, uma vez que a expectativa de voltar à terra natal faz com que a língua minoritária continue a ser usada, garantindo a sua manutenção.

e) Os matrimônios interétnicos:

Casamentos entre pessoas de etnias diferentes ou de fora das comunidades de imigrantes propiciam uma substituição rápida da língua de imigração, devido à necessidade de comunicação diária entre os falantes das duas línguas. Nesses casos, o mais comum é que a língua de maior prestígio social substitua a de menor status.

f) O apoio institucional à língua minoritária:

Quando o país receptor adota políticas de proteção à língua minoritária, esta terá mais chances de ser mantida. Assim, o uso dessa língua nos espaços públicos, como a escola, a mídia, as organizações públicas, o comércio etc., acaba por valorizá-la, aumentando seu status e gerando orgulho e interesse da comunidade em transmiti-las a seus descendentes. Isso resulta na manutenção linguística. Entretanto, o que aconteceu no Brasil foi o oposto.

A campanha de nacionalização, já mencionada neste trabalho, de acordo com relatos que aparecem nas entrevistas utilizadas em nossa análise, contribuiu fortemente para a substituição do vêneto, em São Bento de Urânia - e acreditamos que em muitas outras comunidades do Espírito Santo -, e é um exemplo de que a diminuição da frequência de uso da língua em ambientes públicos afeta diretamente a sua transmissão intergeracional.

g) O papel da escolaridade:

Weinreich (1970) pontua que a substituição linguística ocorre de forma mais rápida entre os que têm maior nível de escolaridade, justamente porque o ambiente escolar, geralmente, impõe o uso exclusivo da língua oficial do país, prejudicando e dando menos utilidade à língua de imigração. Além disso, a escola ajuda a disseminar o preconceito contra as línguas minoritárias e seus falantes, como aconteceu e ainda acontece no Espírito Santo, fato relatado por entrevistados em diferentes comunidades do estado.

h) O número de falantes da língua:

Os autores do Contato Linguístico afirmam que, quanto menor o número de falantes de uma língua, maior o risco que ela corre de ser substituída. Entretanto, a realidade mostra que esse fator pode não ser determinante para a manutenção ou a substituição de uma língua. Conforme afirma Fasold (1996), embora uma língua minoritária possa contar com um bom número de falantes, a substituição linguística

pode ser realidade nas comunidades bilíngues, se os indivíduos, por quaisquer razões, não tiverem interesse em transmitir a língua ancestral para seus filhos.

A título de exemplo, no Espírito Santo, o número de imigrantes italianos que chegaram nos séculos XIX e XX superou em nove vezes o do segundo maior contingente: 36.666 italianos para 4.866 alemães (APEES, 2017), sendo que 63% destes últimos eram pomeranos (BREMENKAMP, 2014). Entretanto, de acordo com Bremenkamp (2014), a língua pomerana ainda é falada - inclusive por crianças - no município de Santa Maria de Jetibá. Por outro lado, o mesmo não acontece nas localidades que receberam imigrantes italianos. De acordo com Peres, Cominotti e Dadalto (2015), São Bento de Urânia é a comunidade espírito-santense conhecida que mais preserva falantes de vêneto, mas não crianças e adolescentes. Assim, vemos que os fatores considerados subjetivos são fundamentais para a manutenção linguística.

i) A identificação dos falantes com a língua e a cultura minoritárias.

De acordo com Fishman (2006), o comportamento dos falantes diante do processo de manutenção ou de substituição de sua língua depende de fatores como a resistência cultural do povo migrante. Em outras palavras, a identidade dos descendentes de imigrantes com seus antepassados e suas atitudes em relação a seu grupo, sua língua e sua cultura são questões muito importantes e que devem necessariamente ser levadas em conta em estudos sobre processos de manutenção/substituição linguística, como este.

As atitudes linguísticas, que discutiremos a seguir, subsidiam nosso estudo, que utiliza testes de reação subjetiva.

3.4.1.1. *“Nós não sabe falá direito”: as atitudes linguísticas.*

Pelo exposto nos parágrafos anteriores, vemos que, para a análise do processo de manutenção ou substituição de uma língua minoritária, a avaliação das atitudes linguísticas dos membros de um grupo étnico é de fundamental importância.



As atitudes linguísticas se referem ao comportamento de um indivíduo diante de uma língua ou variedade linguística – sua ou diferente da sua -, podendo ser ele positivo ou negativo (GROSJEAN, 2001). Este autor diz: “Uma língua é acompanhada por atitudes e valores mantidos por seus usuários e também por pessoas que não conhecem a língua” (GROSJEAN, 2001, p. 117). Disso, extraímos que não apenas o falante expressa uma atitude sobre sua língua, mas também o seu interlocutor não falante.

Para Appel e Muysken (1996), essas atitudes são determinadas pelas posições sociais do grupo linguístico. Esses estudiosos consideram que as atitudes linguísticas, na verdade, são atitudes sociais, ideia compartilhada por Fasold (1996). Para Appel e Muysken (1996, p. 29):

O fato de que as línguas não são somente instrumentos objetivos e socialmente neutros que transmitem um significado, mas que estão relacionadas com as identidades dos grupos sociais ou étnicos tem consequências para a avaliação social das línguas e para as atitudes que estas provocam.<sup>22</sup>

Grosjean (2001) compartilha essa opinião. Segundo ele, há influência das atitudes de outrem diante da fala de um indivíduo, levando este a adotar certos comportamentos com respeito à sua língua. Segundo esse autor, em situação de contato, a língua dominante é considerada a língua de prestígio, e, com isso, é vista como aquela falada pelos mais inteligentes, a mais bonita, a mais lógica. Já a língua minoritária é considerada grosseira e primitiva. Com essa opinião concorda Montrul (2013, p. 27):

A língua majoritária é a língua forte. Tem uma tradição literária, cultural e escrita, e é a linguagem das funções oficiais da vida social, da política e da educação. A língua minoritária, no entanto, é a língua fraca, reservada para as relações pessoais, diários, e vida familiar. Normalmente, a língua minoritária é exclusivamente oral e, muitas vezes, carece de uma variedade escrita padronizada.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> No original: “El hecho de que las lenguas no son sólo instrumentos objetivos y socialmente neutros que transmiten un significado, sino que están relacionadas con las identidades de los grupos sociales o étnicos, tiene consecuencias para la evaluación social de las lenguas y para las actitudes que éstas provocan.”

<sup>23</sup> No original: “La lengua mayoritaria es la lengua fuerte. Tiene una tradición literaria, cultural y escrita, y es la lengua de las funciones oficiales de la vida social, la política y la educación. La lengua minoritaria, en cambio, es la lengua débil, reservada para las relaciones personales y cotidianas,

De acordo com Baker e Jones (1998), toda a vida de uma língua é influenciada pelas atitudes de seus falantes. Assim, as atitudes negativas diante de uma língua ou variedade de uma língua podem levá-la à perda de domínios, à perda de proficiência etc., culminando na sua substituição.

Por outro lado, as atitudes linguísticas podem também ser fortalecedoras da lealdade dos falantes para com sua língua e sua origem (GROSJEAN, 2001). Segundo esse autor, as atitudes negativas em relação a uma língua minoritária podem se transformar em positivas, por meio de acontecimentos como a independência de um país, o reconhecimento oficial da língua, um ganho de autonomia dos falantes ou, então, pelo trabalho de linguistas.

Já a atitude positiva é também chamada de *lealdade linguística* e, em seu nome, os falantes de uma língua materna se juntam para resistir às mudanças da sociedade, numa forma de defesa consciente e explícita de sua língua (WEINREICH, 1970). Em casos como o de Santa Maria de Jetibá (BREMENKAMP, 2014), em que o uso da língua pomerana chega à sétima geração de imigrantes, a lealdade linguística pode ser um fator que explica essa manutenção. No caso da nossa pesquisa, ela pode, também, mostrar-nos o que é possível acontecer com uma língua quando não há atitude positiva – ou não o suficiente – perante ela.

Em São Bento de Urânia, nossa comunidade alvo, observamos alguns elementos que podem nos ajudar a entender o porquê de não haver uma predominância do dialeto vêneto na fala das crianças da comunidade. Um desses elementos está exemplificado na frase que dá título a este subcapítulo: “Nós não sabe falá direito”, dita por uma de nossas informantes, do sexo feminino e idosa. Mais à frente, explicaremos as justificativas dadas por ela e os resultados a que chegamos a partir dos testes de reação subjetiva.

Por fim, cabe-nos pontuar que o processo de substituição de uma língua de imigração pela do país de acolhimento se dá geralmente de forma rápida, mas gradativa. Esse é o nosso próximo tema.

---

como en la vida familiar. Por lo general, la lengua minoritaria es exclusivamente oral y en muchos casos carece de una variedad escrita y normalizada.”

### 3.4.2. A Lei da Terceira Geração

Importante fator no estudo da manutenção/substituição de uma língua minoritária é a transmissão intergeracional da língua ancestral. Para os autores do Contato Linguístico, dificilmente uma comunidade bilíngue mantém duas línguas estáveis sendo usadas nas mesmas funções sociais após três gerações. É o que Weinreich (1970), Fasold (1996), Couto (2009) etc. chamam de *Lei da Terceira Geração*.

Por essa Lei, quando imigrantes adultos – a primeira geração – chegam a um novo país, eles aprendem, no máximo, uma variedade pidginizada da língua do país receptor. Seus filhos, que são a segunda geração, geralmente são bilíngues: falam e compreendem a língua dos pais e a do país de acolhimento. Os netos dos imigrantes, que são a terceira geração, no geral preferem a língua do país hospedeiro e algumas vezes mantêm pouco entendimento da língua materna dos avós. Já os bisnetos – a quarta geração – geralmente não têm nenhum ou quase nenhum conhecimento e domínio da língua materna de seus bisavós.

Montrul (2013) exemplifica esse processo intergeracional com o caso dos latinos que migram para os Estados Unidos:

À medida que os imigrantes reconhecem que aprender a usar o inglês é o que garante a mobilidade social, tendem a deixar de usar sua língua materna em casa. (...) Os falantes da segunda geração geralmente falam uma variedade de língua mais reduzida do que a variedade dos falantes da primeira geração. A terceira geração de imigrantes, em muitos casos, perde completamente a língua minoritária. Quando um grupo de pessoas já não fala a língua minoritária, esta declina gradualmente até que, finalmente, morre.<sup>24</sup> (MONTRUL, 2013, p. 32)

Em nossas visitas à comunidade de São Bento de Urânia, observamos a presença unicamente do português na comunicação entre pais e filhos. Esse fato, de acordo com os pesquisadores, caracteriza o abandono da língua minoritária, já que o ambiente familiar o último domínio para a manutenção dessa língua.

---

<sup>24</sup>No original: “En la medida en que los inmigrantes reconocen que aprender y usar inglés es lo que garantiza movilidad social, tienden a dejar de usar su lengua materna en el hogar. (...) Los hablantes de la segunda generación generalmente hablan una variedad de lengua más reducida que la variedad de los hablantes de la primera generación. La tercera generación de inmigrantes, en muchos casos, pierde la lengua minoritaria por completo. Cuando un grupo de personas ya no habla la lengua minoritaria, esta decae poco a poco hasta que finalmente muere.”

Em São Bento de Urânia, de acordo com Cominotti (2015), a transmissão intergeracional da língua não se deu pela falta do sentimento de identidade e pertencimento às raízes italianas, não havendo ainda nenhum esforço para que a língua de imigração seja preservada. Entretanto, isso pode ser modificado, mas, para tanto, a implementação de uma política de revitalização linguística deve ser feita urgentemente, visto que os falantes de vêneto da comunidade são alguns adultos e os idosos.

Tendo sido expostos os temas mais importantes do Contato Linguístico, a seguir abordaremos outro assunto fundamental: a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística.

### 3.4.3. *Morte linguística*

Segundo Trudgill (2002), em situações de multilinguismo e de contato de línguas, pode ocorrer a substituição de uma língua por outra, principalmente em se tratando de grupos linguísticos minoritários. De acordo com esse autor, “Se a comunidade inteira muda totalmente para uma nova língua, a língua original eventualmente não terá mais falantes na comunidade em questão e o ponto final do processo de substituição linguística será a morte da língua.”<sup>25</sup> (TRUDGILL, 2002, p. 45)<sup>26</sup>.

Ainda de acordo com Trudgill (2002), alguns autores fazem a distinção entre *perda linguística*, *morte linguística* e *assassinato linguístico*. No primeiro caso, trata-se da substituição de uma língua em apenas uma de suas comunidades de fala, ao passo que a morte linguística é a substituição dessa língua por todos os seus falantes. Já o assassinato linguístico acontece quando a língua desaparece em virtude do genocídio de seus falantes. Opinião semelhante tem Couto (2009), para quem há dois fatores de extermínio de uma língua: o primeiro, quando os falantes deixam de

---

<sup>25</sup> No original: “If the entire community shifts totally to a new language, the original language will eventually have no speakers left in the community in question, and the end point of the process of language shift will be language death.”

<sup>26</sup> Por sua vez, Couto (2009) aponta falhas na definição geral de que uma língua morre quando deixa de ser usada e não tem mais falantes. O autor cita exemplos como o latim e o sânscrito que, embora não existam mais como línguas faladas por povos, ainda são consideradas em documentos antigos e textos sagrados.

falar sua língua para usar uma segunda, geralmente de um povo dominante; e o segundo é quando o povo desaparece bruscamente.

Baker e Jones (1998) consideram ainda a existência do *suicídio linguístico*, que se refere ao empréstimo de palavras, de sons e de construções que uma língua minoritária faz de uma língua majoritária, até o desaparecimento daquela. É preciso destacar que tanto o *assassinato* quanto o *suicídio da língua* são decorrentes de fatores sociais, e não linguísticos. Entretanto, os dois casos podem ocasionar a morte linguística.

E ainda Cristófar-Silva (2002) cita outros três casos de morte linguística: o primeiro, quando há dificuldades em se pesquisar uma língua porque há poucos ou raríssimos falantes; o segundo caso, quando os falantes deixam de usar sua língua materna por repressão política, como – de acordo com os dados que mencionaremos mais à frente – o que aconteceu com os falantes do vêneto em algumas regiões do Espírito Santo, inclusive São Bento de Urânia; e o terceiro caso, quando a língua deixa de ser falada no cotidiano da comunidade, sendo utilizada apenas em festas e rituais.<sup>27</sup>

Tendo em vista o que foi exposto nesta Seção e também o nosso objeto de estudo, percebemos que a situação do vêneto não é de morte linguística, haja vista que ele ainda é falado no Vêneto, mesmo por crianças.<sup>28</sup> No caso de São Bento de Urânia, e mesmo de todo o Espírito Santo, trata-se de perda linguística, em que algumas comunidades de falantes de vêneto o trocaram pelo português. Acreditamos que avaliar os caminhos percorridos pelo vêneto numa comunidade rural do estado do Espírito Santo é muito importante para conseguirmos entender o comportamento sociolinguístico dos descendentes de imigrantes italianos e, conseqüentemente, o que leva a comunidade de São Bento de Urânia a proceder a essa substituição.

Tendo sido expostos alguns dos principais temas da teoria do Contato Linguístico, passaremos, a seguir, a tratar da Teoria da Variação e Mudança, a vertente mais tradicional da Sociolinguística.

---

<sup>27</sup> A Unesco caracteriza, no “Atlas das Línguas do Mundo em Perigo de Desaparecer”, a extinção de uma língua em três situações: repentina, radical e gradual. Atlas disponível em versão online em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em: 05 jan. 2017.

<sup>28</sup> Informação verbal fornecida pela Profa. Dra. Giuliana Giusti, da Universidade Cà Foscari de Veneza, em 29 de janeiro de 2017.

### 3.5. A Teoria da Variação e Mudança

A heterogeneidade das línguas naturais é um fato conhecido há muito tempo (CHAMBERS, 2009). Porém, com poucas exceções, as correntes teóricas anteriores à segunda do século XX que estudaram os fenômenos linguísticos não levaram em conta a variação linguística, concebendo as línguas como um sistema homogêneo, cujo foco de estudo deveria ser a sua estrutura interna. Essa concepção de língua foi adotada pela linguística histórica, pelo estruturalismo e pelo gerativismo (PERES, 2006).

Coube a William Labov, com seus estudos sobre Martha's Vineyard, de 1963, e principalmente sobre a língua falada em Nova York, mostrar que a variação linguística não é caótica, mas sim ordenada e passível de sistematização (CHAMBERS, 2009). A partir de então, foi possível estudar mais profundamente os fatores envolvidos na mudança linguística.

A corrente Sociolinguística surgiu a partir de um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia (UCLA), nos Estados Unidos, em 1964, e vêm crescendo desde então. Sua mais tradicional vertente é a chamada Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística. Os estudos variacionistas versam sobre as formas linguísticas em variação, presentes em toda comunidade de fala, que podem estar ocorrendo ao mesmo tempo (em coocorrência), ou disputando espaço entre si (em concorrência). Dessa forma, o estudo sociolinguístico variacionista tem como objetivo descrever estatisticamente um fenômeno variável, analisando, apreendendo e sistematizando as variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

A sistematização dos dados de fala é feita por meio de pacotes estatísticos, como o Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). O cálculo é feito para se verificar a influência que os fatores internos e externos à língua têm na realização das variantes. A análise sociolinguística tenta, assim, mostrar a relação entre o processo de variação dentro de um momento determinado – sincronicamente – e os processos de mudança que ocorrem na estrutura da língua ao longo do tempo – diacronicamente.

As variantes linguísticas são as "diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*" (TARALLO; ALKIMIN, 1986, p. 08).

As variáveis se dividem em dependentes e independentes. Variáveis dependentes são os fenômenos que são o foco do estudo: no caso desta pesquisa, por exemplo, a variável dependente é a realização do ditongo nasal tônico <ão>. Já as variáveis independentes são os fatores estruturais – linguísticos – ou sociais – extralinguísticos -, que influenciam a ocorrência da variação. Nas próximas seções, detalharemos a atuação das variáveis para a realização dos fenômenos linguísticos.

### 3.5.1. *A variação linguística*

A língua, que é naturalmente heterogênea, está intimamente relacionada à cultura e às relações dentro de uma sociedade. Assim, em se tratando de fenômenos linguísticos variáveis, duas ou mais variantes estão em competição, mas não aleatoriamente. A variação linguística refletirá a organização social da comunidade: se ela se localiza na zona urbana ou rural, se determinadas variantes são faladas por mulheres ou homens, por pessoas com pouca ou alta escolarização, por idosos, adultos, jovens ou crianças.

A seguir, então, detalharemos as variáveis que entram em cena nos casos de variação linguística.

### 3.5.2. *Variáveis linguísticas*

Em um estudo variacionista, além dos fatores extralinguísticos, é preciso também dar atenção aos fatores internos ao sistema linguístico, que podem restringir a variação. No início dos estudos sociolinguísticos, as variáveis sociais ganharam a atenção dos pesquisadores, pois era intenção dos primeiros sociolinguistas dar evidências de que as variáveis sociais – sexo/gênero, faixa etária, classe social etc. – poderiam ser sistematizadas, quantificadas e explicadas, respondendo aos

estudos anteriores, especialmente gerativistas, que julgavam a heterogeneidade da língua como caótica.

Entretanto, as variáveis linguísticas - ou internas - de uma língua sempre foram investigadas nas análises variacionistas, ao lado das variáveis sociais. Os primeiros estudos sociolinguísticos trataram dos fenômenos variáveis no nível fonético-fonológico, por duas razões: em primeiro lugar, porque eles são mais numerosos e mais visíveis na língua e, portanto, podem ser mais facilmente trabalhados; e, em segundo lugar, pela clássica discussão sobre a possibilidade de haver outras variáveis que não as fonéticas. Trata-se aí da conceituação de variantes: duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa, no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Assim, existiria a variação morfossintática, semântica e discursiva?

Para esta pesquisa, não entraremos nessa discussão. Nossa variável dependente é o ditongo nasal tônico <ão>, ou seja, um fenômeno fonético-fonológico, uma das marcas mais visíveis da influência do vêneto no português dos moradores de São Bento de Urânia. Por isso mesmo, é a causa da discriminação e do preconceito que sofrem por parte dos que não falam da mesma forma. Assim, interessa-nos investigar o papel dos contextos precedente e seguinte ao ditongo <ão>, além da classe e da extensão da palavra onde esse ditongo se encontra. Fazer a análise das variáveis linguísticas, juntamente com a análise das variáveis extralinguísticas, nos permite descrever mais detalhadamente a variação que estudamos.

A seguir, falaremos dos fatores externos à língua, para, então, aplicá-los, junto dos fatores internos aqui mencionados, nas análises dos resultados obtidos.

### 3.5.3. *Variáveis extralinguísticas*

A importância da relação dos fatores extralinguísticos para o estudo da variação e da mudança é inquestionável. Consideramos como variáveis externas, ou não linguísticas, aqueles indicadores que contribuem com a caracterização do perfil sociolinguístico de uma comunidade. Com a análise de variáveis extralinguísticas, as pesquisas variacionistas que vêm sendo feitas, inclusive a nossa, mostram que



existe uma relação muito forte entre as variáveis sociais e os processos de variação e mudança linguística.

Portanto, nesta pesquisa, levaremos em conta, para a análise dos dados, as seguintes variáveis sociais: faixa etária e sexo/gênero dos informantes. Esta última será discutida em um subcapítulo próprio, tendo em vista a sua importância para os nossos objetivos. Quanto ao fator procedência geográfica, presente em vários textos que citamos no capítulo 1 desta dissertação, não será analisado, tendo em vista que todos os nossos informantes são moradores de São Bento de Urânia. E quanto à variável *escolaridade*, devido às características da comunidade e de nossos informantes, neste estudo ela não será analisada, mas, pela sua importância em estudos sociolinguísticos variacionistas, na próxima subseção iremos reportar-nos a ela.

#### 3.5.3.1. *A variável escolaridade*

A variável *escolaridade* normalmente não aparece nos manuais de Sociolinguística editados nos países industrializados. Entretanto, estudos variacionistas brasileiros costumam relacionar a escolaridade dos sujeitos com os fenômenos linguísticos variáveis, visto que a escolaridade é um fator decisivo para a variação linguística e, em algumas comunidades, é mais importante que as diferenças sociais entre os moradores.

A escolaridade pode ser analisada sob pelo menos duas diferentes perspectivas: primeiro, as consequências da escolarização do indivíduo no seu comportamento linguístico; segundo, a relação entre a escola e o uso da norma culta.

Sobre as consequências da escolarização no comportamento linguístico de um indivíduo, temos que

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudanças em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos,

normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança (VOTRE, 2008, p. 51).

Assim, entendemos que a escolaridade pode ser um fator que contribui para o desaparecimento de marcas linguísticas próprias de um indivíduo ou de uma comunidade, para dar espaço ao emprego da norma culta da língua.

Sobre a relação entre a escola e o uso da norma culta do português brasileiro, temos a seguinte afirmação de Bagno (2009, p. 15):

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo, assim, sua linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolarização.

Portanto, a escolaridade está ligada ao acesso do falante à norma culta da sociedade de que ele participa. Dessa forma, quanto mais tempo de estudo ele tiver, mais capacidade terá para formalizar a sua linguagem. Por outro lado, quanto menos o indivíduo frequentar a escola, mais marcas da linguagem de sua família e de seu círculo social serão mantidas.

Apesar das considerações acima, sobre a importância do nível de escolaridade dos falantes para a conformação de sua fala, neste trabalho, ela não foi levada em consideração, por três motivos: a) não há pessoas com mais de 55 anos que tenham mais de 04 anos de escolarização; assim não poderíamos traçar um paralelo com as crianças/adolescentes, neste quesito; b) a escolaridade das crianças/adolescentes é relativamente baixa; e c) as observações que fizemos da comunidade – rural, isolada até bem pouco tempo e com a maior parte dos professores e pedagogos também residente em São Bento de Urânia – dá a ela uma uniformidade que ultrapassa as diferenças de escolarização. Assim, acreditamos que as mudanças linguísticas que possam se operar na comunidade se devam mais aos contatos recentes dos jovens com a internet ou ao preconceito dos brasileiros a que os jovens têm acesso em sua vida diária.

### 3.5.3.2. *A variável faixa etária*

A variável faixa etária é um importante indicador dentro da Teoria da Variação. A partir da comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias, em uma mesma comunidade, é possível perceber se a variação que encontramos aí é estável ou se está havendo uma mudança em progresso.

Labov (2001) afirma que, em cada etapa de sua vida, os indivíduos apresentam marcas linguísticas que são o resultado do seu meio social: a relação com a família, com os amigos, a sua profissão e as responsabilidades que assume, a aposentadoria etc. Em cada uma dessas etapas, segundo Labov (2001), o falante sofre pressões em sua linguagem. Chambers (2009) explicita cada uma dessas etapas de vida. Este autor aponta três fases significantes na linguagem de um falante: a infância, a adolescência e a vida adulta.

Na infância, a criança recebe o primeiro modelo de linguagem, proveniente de seu lar, utilizado por seus pais e familiares. Portanto, a criança adquire uma língua e começa a falar como os adultos mais próximos a ela. Depois de alguns anos, principalmente quando começa a frequentar a escola, por volta dos quatro ou cinco anos de idade, seus contatos se diversificam, e ela começa a sofrer influências de professores e colegas. Aí começam as associações – que são permanentes – aos grupos e às redes sociais. Dessa forma, "embora o círculo familiar normalmente forneça os primeiros modelos de fala para bebês, em poucos anos ele é substituído por um mais significativo, o círculo de amigos". (CHAMBERS, 2009, p. 170)<sup>29</sup>.

Por sua vez, na adolescência<sup>30</sup>, o adolescente procura identificar-se com seus grupos mais próximos. Esse é o período da vida em que a rebeldia, a ousadia e a contestação de valores da sociedade afloram. É, também, segundo Chambers (2009), uma fase de incertezas e busca por independência e autoafirmação. Assim, para compensar essa insegurança, a identificação e união dos seus pares é muito

<sup>29</sup> No original: "Although the family circle normally provides the first speech models for infants, within a few years it is replaced by a more significant one, the circle of friends."

<sup>30</sup> Não existe consenso entre os sociolinguistas a respeito da idade em que se inicia a adolescência. Chambers (2009) considera como adolescência a faixa de idade dos treze aos 21 anos. Já Labov (2001) considera que, nos Estados Unidos, essa fase perdura apenas até os 19 anos de idade.

forte, nessa faixa etária. Por essas razões, o grupo é mais influente na linguagem do indivíduo do que os pais. Segundo Labov (2001) e Chambers (2009), o desejo de ser separado dos mais velhos e de se unir com seus pares faz com que os adolescentes sejam os principais agentes de variação e mudança linguística.

Neste trabalho, consideramos as duas faixas etárias supracitadas porque, segundo Labov (1994, p. 47): “adolescentes e pré-adolescentes são a vanguarda no progresso de uma mudança sadia, e (...) qualquer estudo deve ter a certeza de incluir extensas gravações de sua fala.”<sup>31</sup>.

Por sua vez, na fase adulta, a formação profissional e os interesses afetivos do indivíduo são responsáveis por moldar sua linguagem. Chambers (2009) toma como base o conceito da Sociologia de “mercado linguístico”, de Bourdieu e Boltanski, em seu trabalho de 1975, e chama as pressões que algumas profissões exercem sobre a linguagem de seus profissionais de “pressão do mercado”, destacando que ela atua em todas as esferas sociais. Os interesses dos indivíduos nessa fase, ainda de acordo com Chambers (2009), são a realização profissional e afetiva, e eles passam a ter como objetivos investir em sua carreira, casar-se e formar família, o que ajuda a moldar a sua linguagem.

Depois de passada essa fase, principalmente após a aposentadoria, a linguagem dos adultos mais maduros não sofre mudanças significativas, talvez em nível de vocabulário. Segundo Chambers (2009), mesmo que as mudanças linguísticas se enraízem na linguagem dos mais jovens, os mais velhos da mesma comunidade não sofrerão as mesmas influências: permanecerão impermeáveis – ou quase impermeáveis – a essas mudanças. Essa é a chamada hipótese clássica, disseminada entre a maioria dos linguistas, que diz que existe a cristalização da forma de falar aos 15 anos de idade, mais ou menos. Entretanto, segundo Naro (2003, p. 44), as mudanças que acontecem devido a pressões sociais/profissionais com os jovens adultos mostram que essa hipótese não se sustenta. Por outro lado, vários estudos sociolinguísticos comprovam a hipótese clássica e, portanto, os estudos de tempo aparente, tema da seção 3.5.4.

---

<sup>31</sup> No original: “[...] adolescents and preadolescents, are the leading edge in the progress of a sound change, and [...] any study must be sure to include extend recordings of their speech.”

### 3.5.3.3. *A variável sexo/gênero*

Como dissemos, trataremos deste tema adiante, por ser ele muito importante para nossa pesquisa.

### 3.5.4. *A mudança linguística*

Um pressuposto fundamental da Sociolinguística é que nem toda variação linguística desencadeia uma mudança, haja vista que existem fenômenos variáveis estáveis. Mas, por sua vez, toda mudança é originada pela variação. Portanto, para que a mudança ocorra, é necessário que, no mínimo, duas variáveis estejam competindo num mesmo contexto linguístico. No início do processo, a mudança é lenta, pois poucos falantes a tomam na comunicação; porém, num nível intermediário, ela ocorre rapidamente, sendo aceita por um maior número de falantes e, então, depois, num estágio mais avançado, ela se torna novamente lenta. Labov (1994) e Chambers (2009), entre outros, representam a mudança, graficamente, com o formato de um S.

O processo de mudança pode ser estudado em uma comunidade pelo construto do tempo aparente e do tempo real, sobre os quais falaremos a seguir.

#### 3.5.4.1. *O estudo da mudança em tempo aparente*

Foi Labov, em seu estudo de 1963, sobre Martha's Vineyard, quem primeiro utilizou e difundiu a hipótese da mudança em tempo aparente, atestando sua validade. Por meio desse construto, o a mudança é observada ao mesmo tempo em que ela ocorre, ou seja, sincronicamente. Assim, num processo de variação linguística, se a variante inovadora for cada vez mais utilizada pelas gerações mais jovens, pode estar em curso uma mudança linguística.

Entretanto, a estratificação por idade pode estar indicando também um outro processo, diferente da mudança em progresso: a *gradação por idade (age-grading)*. A gradação por idade é uma mudança no comportamento linguístico dos indivíduos

que se repete a cada geração. Dessa forma, numa certa idade – provavelmente as mais jovens – os falantes de uma comunidade usam uma variante linguística, normalmente estigmatizada socialmente. Entretanto, quando crescem, a abandonam e passam a usar a mais valorizada.

A mudança em tempo aparente pressupõe que os indivíduos não mudam sua forma de falar durante sua vida, ao passo que a gradação por idade, embora mais difícil de ocorrer, comprova que sim, os indivíduos alteram a sua linguagem. Dessa forma, pode-se perguntar se a hipótese do tempo aparente é confiável. Entretanto, ela é confirmada por diferentes sociolinguistas, como Labov (2008 [1972], 1994) e Chambers (2009), entre outros.

Uma forma de confirmar se a mudança linguística se deu, numa comunidade, é realizar, quando possível, o estudo em tempo real, descrito a seguir.

#### 3.5.4.2. *O estudo da mudança em tempo real*

A forma mais eficaz de se confirmar se uma mudança está efetivamente sendo realizada numa comunidade ou se temos uma mudança do tipo *age grading* é a realização do estudo de tempo real. Entretanto, há muitas dificuldades encontradas por pesquisadores no estudo da mudança em tempo real e nem sempre é possível fazê-la. As dificuldades são várias: falta de pesquisas anteriores da comunidade em estudo, para efeitos de comparação; falta de tempo e/ou de interesse do pesquisador em voltar a ela 10 ou 20 anos depois, para coletar novos dados; falta de textos que atestem a linguagem do lugar etc. Além disso, a metodologia seguida nas duas deve ser a mesma.

No caso de o mesmo pesquisador voltar à comunidade uma ou duas décadas depois para repetir seu estudo e compará-lo, há duas possibilidades a serem seguidas: o estudo de Tendência, que significa voltar à mesma comunidade, sem que ela tenha sofrido alterações bruscas de imigração ou investimento industrial, e repetir o mesmo modo de coleta de dados; ou, ainda, o Estudo de Painei, que significa voltar à comunidade uma ou duas décadas depois e entrevistar os mesmos

informantes. Entretanto, isso pode ser difícil, uma vez que os informantes podem não mais ser encontrados. Labov (1994, p. 83, Tabela 4.1.) apresenta uma tabela em que aparecem os quatro padrões de mudança linguística.

QUADRO 1 - Padrões de mudança linguística nos indivíduos e na comunidade.

|  | <b>Indivíduo</b> | <b>Comunidade</b> |
|--|------------------|-------------------|
| 1. Estabilidade ( <i>Stability</i> )                 | Estável          | Estável           |
| 2. Gradação por idade ( <i>Age-grading</i> )         | Instável         | Estável           |
| 3. Mudança geracional ( <i>Generational change</i> ) | Estável          | Instável          |
| 4. Mudança da comunidade ( <i>Communal change</i> )  | Instável         | Instável          |

Fonte: Labov (1994, p. 83, Tabela 4.1)

Segundo Labov (1994), se não houver mudança em progresso, significa que há variação estável. Já na gradação por idade, como dissemos, há uma mudança na fala de determinada faixa etária, mas que não caracteriza mudança na fala da comunidade. Na mudança geracional, existe a mudança em progresso, uma vez que o falante mantém a sua linguagem ao longo da vida, e a mudança acontece ao longo das próximas gerações. Já na mudança da comunidade, os membros adotam novas formas simultaneamente.

Em nosso estudo, não será possível procedermos à análise do tempo real, pois não dispomos de gravações de entrevistas com os informantes de São Bento de Urânia em um período anterior a 2014. Por outro lado, nossos dados possibilitarão estudos futuros sobre a linguagem da comunidade.

Tendo sido apresentados os principais temas referentes aos estudos sociolinguísticos, voltaremos nossa atenção para a variável sexo/gênero, escolhida por nós para ser focalizada nesta pesquisa.

### 3.6. A Variável Sexo/Gênero

A variável sexo/gênero é de especial importância para as pesquisas variacionistas, desde que os estudos de Labov - confirmados por outros sociolinguistas - têm afirmado que a mulher está, quase sempre, uma geração à frente do homem nos processos de mudança linguística, desde que a inovação se refira a uma forma de prestígio. Já no percurso contrário, na implementação de uma forma desprestigiada, o homem lidera o processo, enquanto a mulher se mantém conservadora.

Por outro lado, os estudos de contato linguístico - como os de Weinreich (1970), Appel e Muysken (1996), Baker e Jones (1998), Coulmas (2005), Montrul (2013) etc.-, não apontam o sexo/gênero como um fator que se destaque para a manutenção ou a substituição de uma língua minoritária. Entretanto, tendo em vista os resultados de pesquisas sociolinguísticas realizadas no Brasil, envolvendo os contatos linguísticos e as variáveis sociais, em que se evidencia que a linguagem das mulheres e dos homens se diferencia, cremos que se faz necessário estudá-las. Dessa forma, nesta seção, discutiremos temas pertinentes à variável *sexo/gênero*. Começamos pela definição de ambos.

#### 3.6.1. Definindo sexo e gênero

A questão que envolve a terminologia *sexo* e *gênero* – e, por conseguinte, sua adoção – não é simples. Chambers (2009 [1995], p. 116) cita as diferenças básicas entre um e outro conceito:

A distinção entre "sexo" e "gênero" essencialmente reconhece diferenças biológicas e socioculturais. A biologia de masculinidade e feminilidade – isto é, as diferenças sexuais - começa a se diferenciar na fase pré-natal, logo após a concepção. [...] A sociologia de masculinidade e feminilidade – isto é, diferenças de gênero - se diferencia após o nascimento.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> No original: "The distinction between "sex" and "gender" essentially recognizes biological and sociocultural differences. The biology of masculinity and femininity - that is, sex differences - begins to differentiate prenatally, soon after conception. [...] The sociology of masculinity and femininity - that is, gender differences - differentiates postnatally."



Meyerhoff (2006) concorda com essa distinção. Para ela (MEYERHOFF, 2006, p. 201), o termo *sexo* “é cada vez mais restrito na sociolinguística para se referir a uma distinção com base biológica ou fisiológica entre machos e fêmeas, em oposição à noção mais social do gênero.”<sup>33</sup>, o qual, segundo ela, é “usado cada vez mais pela sociolinguística para indicar uma identidade social que emerge ou é construída por meio de ações sociais”<sup>34</sup>.

Ainda quanto à conceituação de ambos os termos, Sundgreen (2001, p. 117) acrescenta:

É essencial distinguir o sexo como uma categoria biológica e o gênero como uma construção social do sexo. Se você correlacionar variáveis com o sexo, há um risco evidente de olhar o gênero simplesmente como uma oposição binária e de deixar o sexo representar o gênero, sem a devida atenção à forma como os papéis de gênero são construídos.<sup>35</sup>

Portanto, há um consenso, entre os autores, quanto à diferença primeira entre o *sexo* e o *gênero*: ao primeiro cabe a função de distinção biológica, aquela que divide os indivíduos em homem e mulher, seja em termos de suas características físicas - os pelos no rosto e no corpo, o índice de massa muscular, o tamanho do trato vocal etc. -, seja em termos psicológicos e cognitivos - a menor propensão das mulheres a ter problemas de leitura, a serem gagas e afásicas etc., como citado por Chambers (2009). Por sua vez, ao *gênero* relacionam-se as diferenças adquiridas socialmente, ou seja, o papel de homens e mulheres dentro de cada sociedade, a partir das atribuições que lhe são dadas, que vão desde as cores escolhidas para meninos e meninas, brinquedos e brincadeiras etc., até cargos e profissões que podem assumir e os papéis desempenhados por ambos (CHAMBERS, 2009).

Para os sociolinguistas, faz-se importante essa discussão, tendo em vista que eles se valem dessa variável para as análises do comportamento linguístico feminino e

<sup>33</sup> No original: “The term is increasingly restricted in sociolinguistics to refer to a biologically or physiologically based distinction between males and females, as opposed to the more social notion of gender.”

<sup>34</sup> No original: “Used increasingly in sociolinguistics to indicate a social identity that emerges or is constructed through social actions.”

<sup>35</sup> No original: “It is essential to distinguish between sex as a biological category and gender as the social construction of sex. If you correlate variables with sex there is an obvious risk of looking at gender simply as a binary opposition and of letting sex represent gender without due attention to how the gender roles are construct.”

masculino em uma comunidade. Assim, como afirma Paiva (2013, p. 33), a questão que deve ser levantada pela Sociolinguística é: “em que limite e de que forma fenômenos linguísticos variáveis estão correlacionados ao gênero/sexo do falante?”. A essa pergunta pretendemos responder, nesta pesquisa.

### 3.6.2. O sexo e o gênero nos estudos sociolinguísticos

Mesmo antes do surgimento da Sociolinguística como corrente teórica, já havia sido observado que as diferenças na fala de homens e mulheres se deviam aos papéis socioculturais que eles desempenhavam (CHAMBERS, 2009). Entretanto, muitos resultados – alguns dos quais apresentaremos à frente – são consistentes com a hipótese de que a carga biológica do sexo do indivíduo se sobrepõe a diferenças culturais, como é o caso da superioridade feminina nas habilidades verbais. Dessa forma, inferimos que os fatores *sexo* e *gênero*, apesar de distintos quanto à terminologia e à definição, atuam em conjunto e se relacionam entre si nas ocorrências de variação e mudança linguística.

Quando se trata de variação estável, os estudos sociolinguísticos mostram que as diferenças na fala de homens e mulheres são mais evidentes na classe média baixa e nas faixas etárias mais avançadas. Segundo Labov (2001, p. 272), “a tendência de evitar formas estigmatizadas e preferir formas de prestígio é maior para as mulheres da classe média baixa, e, muitas vezes, é mínima para a classe baixa e média alta.”<sup>36</sup>

O que se diz no caso das variáveis estáveis é possivelmente observado também nas mudanças em progresso, que Labov (2001) divide em *change from above* e *change from below*. Segundo esse autor, nas mudanças *from above* (LABOV, 2001, p. 274),

As variáveis linguísticas podem tomar a forma de importação de um novo traço de prestígio de fora da comunidade de fala ou de redistribuição das formas com conhecido valor de prestígio na comunidade. Mudanças *from above* têm lugar com um nível de consciência relativamente alto, mostram uma alta taxa de ocorrência nos estilos formais, são frequentemente sujeitas

---

<sup>36</sup> No original: “The tendency to avoid stigmatized forms and prefer prestige forms is greatest for the women of the lower middle class, and is often minimal for the lower class and upper middle class.”

a hipercorreção e algumas vezes formam claros estereótipos semelhantes a variáveis sociolinguísticas estáveis.<sup>37</sup>

Já as mudanças *from below*, também de acordo com o autor (LABOV, 2001, p. 279), são “(...) a forma primária de mudança linguística que opera dentro do sistema, abaixo do nível de consciência social. Estas incluem as mudanças sonoras sistemáticas, que constituíram o principal mecanismo de mudança linguística.”<sup>38</sup>

Nos dois casos mencionados, em se tratando de variantes que não sofram preconceito, as mulheres iniciam o processo de mudança e o lideram, seguidas pelos homens, com a diferença de, geralmente, uma geração. Assim, ao mesmo tempo em que optam pelas formas de prestígio, as mulheres também são líderes da mudança, quando não se trata de formas com estigma social. A esse fenômeno, Labov chama “Paradoxo do Gênero”, por causa da contradição existente entre a sua posição conservadora e, ao mesmo tempo, inovadora da língua. Segundo esse autor (2001, p. 293), “A mulher se atém mais do que os homens às normas linguísticas que são prescritas, mas se conformam menos que os homens quando elas não são.”<sup>39</sup>

Nos estudos sociolinguísticos, há concordância entre as diferenças citadas anteriormente, mas há divergências para explicar o porquê delas, como veremos a seguir.

---

<sup>37</sup> No original: “They may take the form of importation of a new prestige feature from outside the speech community, or the re-distribution of forms with known prestige values within the community. Changes from above take place at a relatively high level of social consciousness, show a higher rate of occurrence in formal styles, are often subject to hypercorrection, and sometimes form overt stereotypes similar to stable sociolinguistic variables.”

<sup>38</sup> No original: “[...] the primary form of linguistic change that operates within the system, below the level of social awareness. These include the systematic sound changes that made up the major mechanism of linguistic change.”

<sup>39</sup> No original: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.”

### 3.6.2.1. *As causas das diferenças linguísticas entre mulheres e homens*

As evidências de que as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não-padrão do que os homens do mesmo grupo social e nas mesmas circunstâncias estão presentes em quase todos os estudos sociolinguísticos espalhados pelo mundo. Podemos encontrar apoio nessa afirmação nos estudos de Wolfram (1969), Labov (2008 [1972], 1990, 2001), Romaine (1978), Trudgil (1983), Cameron e Coates (1988) etc.<sup>40</sup> As causas apontadas pelos sociolinguistas para o comportamento linguístico diferenciado entre mulheres e homens podem ser agrupadas em sociais e biológicas. Começemos pelas sociais.

Na tentativa de explicar por que as mulheres evitam as variantes desprestigiadas socialmente mais que os homens, Labov (2001) cita que ainda cabem a elas, predominantemente, a tarefa de educar os filhos, pertencendo, assim, ao grupo secundário de poder e de *status*, mesmo que a emancipação social e econômica feminina seja realidade em algumas sociedades. Por isso, as mulheres, segundo esse autor, tentam superar sua desvantagem socioeconômica em relação aos homens por meio da adoção das normas linguísticas de prestígio.

Em concordância com Labov (2001), Sundgreen (2001, p. 121-2) diz que

A competência linguística das mulheres se torna um meio de poder em uma sociedade desigual, onde os homens têm mais poder social e político. Na norma social para uma mulher, de quem é mais esperada uma aparência atraente do que de um homem, a linguagem também é um meio de ganhar respeito e *status*. Uma mulher que usa muitas variantes não-padrão é, provavelmente, julgada mais negativamente do que um homem que faz o mesmo.<sup>41</sup>

Gordon (1997) é mais uma autora que considera que as causas das diferenças entre mulheres e homens – e da rejeição delas pelas variantes estigmatizadas – têm origem social. Em sua pesquisa, constatou que a sociedade da Nova Zelândia ainda

---

<sup>40</sup> Por outro lado, há outros estudos, como os de Battisti e Dornelles Filho (2015), no Brasil, que mostram as mulheres utilizando variantes estigmatizadas. Porém esses estudos trazem uma explicação sociológica quanto ao papel desempenhado pelas mulheres nas comunidades analisadas.

<sup>41</sup> No original: “Women’s linguistic competence becomes a means of power in an unequal society where men have more social and political power. In the social norm for a woman, from whom it is more expected than of a man to make an attractive appearance, language is also include as a means of gaining respect and status. A woman who uses many non-standard variants is probably judged more negatively than a man who does the same.”

associa, como há mais de um século, a linguagem e a vestimenta da classe social mais baixa à promiscuidade e, conseqüentemente, a um julgamento moral negativo. Dessa forma, aquelas que evitam as formas estigmatizadas ou fora do padrão da língua tentam evitar, na verdade, o julgamento negativo que é feito em relação às mulheres da classe baixa.

Chambers (2009) cita ainda outra causa social para as diferenças linguísticas entre mulheres e homens: a mobilidade de ambos. Para ele, quanto mais restritas as relações de um indivíduo, ou seja, quanto menos contato social e mobilidade ele tiver fora de sua comunidade, maior o uso das variantes do seu grupo. Segundo o autor, o trabalho definido como próprio de mulheres dentro de uma comunidade geralmente exige uma interação maior com várias pessoas, o que possibilita maiores trocas linguísticas. Além disso, as mulheres saem de sua comunidade mais do que os homens, favorecendo assim os contatos com falantes de outras variedades, o que implica o aumento de seu repertório linguístico.

A importância da mobilidade dos indivíduos para a linguagem da comunidade também é citada por Milroy (1987, p. 196):

Muitos estudos de redes sociais têm focalizado situações em que o pequeno grupo é um expoente de um dialeto não-padrão, recuando sob o impacto do padrão regional que o rodeia. O resultado esperado é que os membros das redes com maior densidade e *multiplexidade* manterão seus dialetos locais mais vigorosamente do que outros. Falantes com mais contatos com outros grupos (laços fracos) mostrarão mais influência da sociedade envolvente mais móvel em sua fala<sup>42</sup>.

Assim, a maior mobilidade feminina também promove as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, afetando o vernáculo de uma comunidade.

Mas as diferenças linguísticas entre mulheres e homens também são explicadas por fatores biológicos. De acordo com Chambers (2009), nas sociedades industrializadas, os papéis masculinos e femininos se equivalem. Assim, essas diferenças se devem mais a causas biológicas que sociais. Para comprovar o que

---

<sup>42</sup> No original: "Many networks studies have focused on situations where the small group is an exponent of a nonstandard dialect, receding under the impact of the regional standard that surrounds it. The expected result is that members of networks with greater density and multiplexity will maintain their local dialects more vigorously than others. Speakers with more connections to other groups (weak ties) will show more influence of the more mobile surrounding society in their speech."

diz, reporta-se a vários estudos psicológicos e neurológicos, listando uma série de vantagens e habilidades linguísticas das mulheres em relação aos homens, como a fluência verbal, a compreensão auditiva de material escrito e falado, o vocabulário etc.<sup>43</sup> Essas vantagens seriam uma decorrência da compleição do cérebro feminino: este parece ser mais globalmente organizado para funções específicas, enquanto o cérebro masculino é altamente lateralizado, com as funções verbais no hemisfério esquerdo e as funções espaciais no hemisfério direito.

O autor assim explica o fato de as habilidades verbais das mulheres serem maiores que as dos homens, em qualquer comunidade: “[...] se é verdade que as mulheres geralmente têm uma facilidade verbal inata, diferentemente dos homens, essa diferença deve substituir fatores culturais, políticos ou sociais.”<sup>44</sup> Dessa forma, poderemos pensar que essa vantagem dá às mulheres mais condições de usar apropriadamente a variedade culta de sua língua.

Resumindo a posição de Chambers (2009), o autor estipula dois diferentes tipos de variabilidade linguística, para explicar as diferenças na linguagem de mulheres e de homens: a baseada no sexo (sex-based variability) – em que entra em cena a natural habilidade verbal feminina – e a baseada no gênero (gender-based variability) – em que essas diferenças são explicadas por meio dos papéis sociais de ambos, especificamente pela maior mobilidade por parte delas.

Labov também teceu comentários sobre a superioridade feminina nas funções verbais. Primeiramente, em 1966 (LABOV, 1966), definiu como causa dessa diferença entre homens e mulheres a hipercorreção feminina, mas, em 1972, afirmou que as diferenças vêm da maior sensibilidade das mulheres quanto à linguagem. Para Trudgill (1983), trata-se da insegurança linguística, o que não se difere muito do que Labov chamou de hipercorreção: as mulheres, vistas como inferiores aos homens na hierarquia de uma comunidade, buscam compensar esse degrau com uma maior preocupação com a forma que expõem a língua e como a ensinam para as crianças. Entretanto, esses posicionamentos foram alvo de muitas

---

<sup>43</sup> Chambers (2009, p. 146) afirma, entretanto, que as vantagens femininas nesses testes são reduzidas e, portanto, não devem ser superestimadas.

<sup>44</sup> No original: “[...] if it is true that women generally have an innate verbal facility different from men, that difference should override cultural, political or social bound.”

críticas por parte de Cameron e Coates (1988), por estarem sendo guiados por estereótipos e preconceitos.

Por fim, é importante ressaltar que, para que a mulher faça mais uso de variantes prestigiadas do que o homem, é necessário que ela tenha acesso à escola. Essa ressalva implica o fato de que o sexo/gênero, como uma variável extralinguística, não deve ser analisado de forma isolada, mas sim em relação a outros fatores, como a classe social e a idade dos informantes, bem como a organização da comunidade estudada.

### **3.7. Sexo, gênero ou sexo/gênero?**

Adotar um termo que retrate as diferenças da linguagem de mulheres e de homens, em nosso trabalho, se faz muito importante, tendo em vista o objeto e as características da comunidade que estamos pesquisando.

A partir do que foi exposto nas subseções anteriores, vimos que o comportamento linguístico diferenciado de mulheres e homens é amplamente justificado por fatores sociais, mas também pelos biológicos. Assim, neste trabalho, consideramos o sexo do informante, em uma divisão binária de feminino e masculino; entretanto, não podemos deixar de levar em conta as práticas sociais de nossos indivíduos.

Em se tratando de uma comunidade rural, São Bento de Urânia possui papéis sociais muito bem definidos, em que mesmo as crianças e os adolescentes mostram que ainda se comportam como seus antepassados, o que pudemos comprovar em nossas entrevistas e também nos testes de reação subjetiva. A título de exemplo, temos o depoimento dos dois meninos entrevistados, afirmando que eles são responsáveis por acompanharem os pais na venda dos produtos que cultivam, enquanto as meninas afirmam que ficam em casa, cuidando dos trabalhos domésticos e culinários. Além disso, nos testes, como veremos mais à frente, nossos resultados apontam para uma visão hierarquizada entre homens e mulheres, nas duas faixas etárias com que trabalhamos.

Portanto, neste trabalho, utilizaremos os termos *sexo/gênero* quanto à variável social que se refere à linguagem de mulheres e de homens. Essa decisão se justifica pelo fato de que, em alguns momentos, impossível desassociá-las, tendo em vista o que nos apresenta, hoje, São Bento de Urânia.

A seguir, daremos destaque a outro aspecto central deste trabalho: o ditongo.



## 4. OS DITONGOS

Para podermos compreender melhor o fenômeno analisado neste trabalho, inserimos, neste capítulo, a teoria sob alguns aspectos dos ditongos produzidos na língua portuguesa, para, assim, analisarmos o uso das variantes que aqui estão sendo estudadas.

### 4.1. Os ditongos orais

Para Câmara Jr. “[...] os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato”. Já para Bisol (2001, p. 111), “[...] não há ditongo crescente. A sequência VV (glide-vogal) é o resultado da ressibilação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português e surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes”.

Sobre o que os autores chamam de ditongo verdadeiro – o decrescente – temos que a argumentação gira em torno do papel ocupado pela semivogal na sílaba. Segundo Câmara Jr. (1984), é melhor considerarmos a semivogal como núcleo da sílaba (VV) do que na coda silábica (VC), porque isso gera “[...] análises diferentes, porque VC pressupõe uma sílaba travada, enquanto VV é uma sílaba aberta”.

São argumentos utilizados por Câmara Jr. (1984) para justificar sua preferência pela alternativa VV:

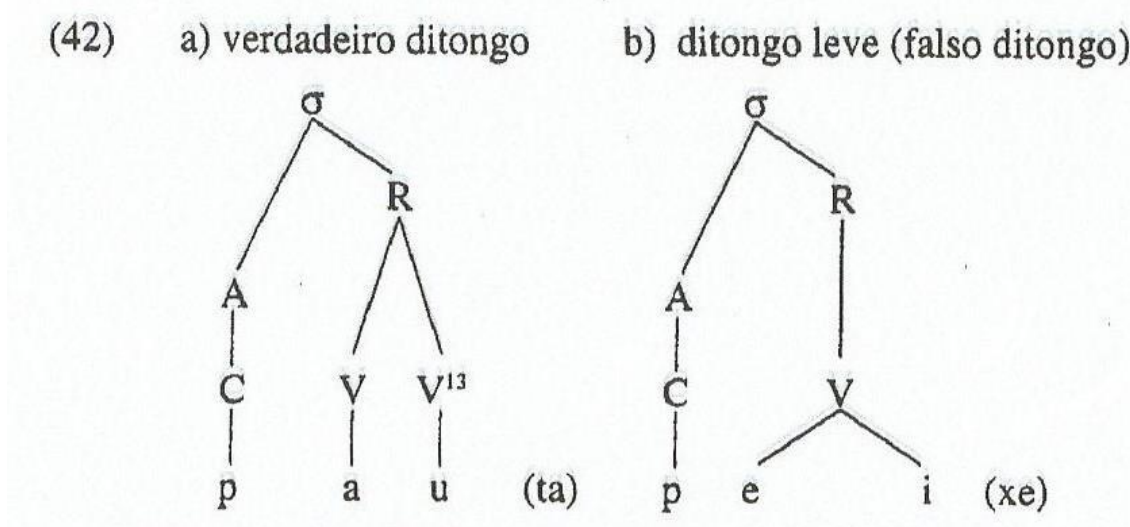
- a) Um ditongo passa facilmente a um monotongo (*caixa* para *caxa* e *peixe* para *pexe*);
- b) O “r” após ditongo não é forte (como em *aurora* e *europeu*);
- c) A passagem de /i/ assilábico para [e] é fácil (de *papai* para *papae*);
- d) Dividir as sílabas quando há uma sequência átona de vogal + vogal alta torna possível uma variação: (*vai-da-de* ou *va-i-da-de*);
- e) Os glides não são considerados como elementos do inventário fonológico do português.

Entretanto, Bisol (2001) defende a alternativa VC, pois afirma que nos ditongos verdadeiros – decrescentes – a semivogal ocuparia a função da consoante e, como consequência, a posição de coda silábica:

Nesse caso, os elementos [j] e [w] comutam com consoante (*mar, mau*). No nível subjacente todas as semivogais são vogais altas, que se tornam glides no processo de silabação. Os ditongos decrescentes formam-se ainda no componente lexical enquanto os crescentes se formam no componente pós-lexical. Por outro lado, aqueles ditongos decrescentes que passam a monotongos, são analisados como ditongos leves [...]. (BISOL, 2001, p. 113).

A figura<sup>45</sup> a seguir, de Bisol (2001, p. 114), representa os ditongos verdadeiros e os falsos:

FIGURA 4: Estrutura do ditongo verdadeiro e ditongo leve proposto por Bisol (2001).



Fonte: Bisol (2001, p. 114).

De acordo com Bisol (2001), essa estrutura é proposta pois o verdadeiro ditongo forma *pares mínimos* com a vogal. Já o falso ditongo - ou ditongo leve, como na figura – é também alternado com a vogal simples, mas não traz *mudança de estilo*.

<sup>45</sup> O símbolo  $\sigma$  representa a sílaba. Esta é composta por Ataque (A) e Rima (R), a qual se divide em Núcleo (Nu) e Coda (Co). Apenas o Núcleo é obrigatoriamente preenchido.

## 4.2. Vogais e ditongos nasais

A nasalização das vogais é um fenômeno que traz controvérsias na fonologia da língua portuguesa. Para Raposo de Medeiros e Demolin (2006), a nasalidade é provocada pelo movimento articulatório do véu palatino, que se abaixa e faz com que o ar passe pelo nariz, o que foi comprovado por imagens de ressonância magnética. Esses autores consideram vogais nasais do português brasileiro as contidas no ditongo [ẽũ], de *canção*; as de monossílabos como *lã*, *rã*, *fim*, *com*; e algumas formas verbais como *falam*, onde encontramos o ditongo nasal em uma sílaba átona.

Raposo de Medeiros (2007, p. 165) afirma que

Descrições e interpretações fonéticas e fonológicas do segmento vocálico nasal em português tem se filiado, na linguística brasileira e mesmo na portuguesa, ao estruturalismo de Mattoso Câmara Jr., para quem o caráter nasal da vogal se deve ao segmento consonântico nasal que a segue e o que o autor chama de arquifonema nasal.

Entretanto, para Raposo de Medeiros (2007), o “murmúrio da vogal nasal” não é apenas um gesto remanescente que faz com que a vogal assimile a nasalidade, pois é possível visualizar esse murmúrio no espectograma.

Câmara Jr. (1984) defende que a nasalidade pura da vogal não existe na língua portuguesa. O autor entende a nasalidade como um arquifonema nasal – sendo uma vogal junta de um elemento nasal na mesma sílaba - então teríamos um tipo de sílaba que é travada por um arquifonema nasal /N/ - a vogal nasal.

É preciso, ainda, distinguir vogais nasais de vogais nasalizadas. Para Cristóforo-Silva (2014):

“denominamos nasalização das vogais os casos em que uma vogal é obrigatoriamente nasal em qualquer dialeto do português: “lã” e “santa”. Denominamos nasalidade os casos em que a ocorrência das vogais nasais é opcional e marca variação dialetal: “fome” e “camareira”. (CRISTÓFARO-SILVA, 2014, p. 93)

Agora, sobre o ditongo nasal, Coutinho (1976, p. 108) atesta que “as palavras terminadas em latim em -anu, -ane, -one, passaram ao português respectivamente com a terminação -ão, -ã, ou -am e -om, conforme o atesta a língua arcaica”.

Para Cristófar-Silva (2014, p. 74), os ditongos nasais são formados pela queda do –n- entre vogais, como em mão, mãos [ãũ] (lat. manu-, manos), corações [õĩ], (lat. corationes), cães [ãĩ] (lat. canes), ditongação, essa, que é precedida pelo hiato, desfeito pela semivocalização da vogal que margeará o ditongo, segundo a autora. Ainda para Cristófar-Silva (2014), no português arcaico, que trazia os ditongos nasais [ãũ], [õĩ] e [ãĩ], começa-se a fazer a ditongação das vogais nasais como /õ/ e /ã/, o que leva ao ditongo [ãũ], além de, no século XVI, a pronúncia da variante [ãũ] se destacar como forma de prestígio, e a realização da variante [õũ] ser, e ainda é, mais marcada, vista como uma variedade popular.

#### QUADRO 02 – Formação do ditongo –ão.

| Latim       | Português Arcaico | Séc. XVI     |
|-------------|-------------------|--------------|
| coratione   | coraçon [õ]       | coração [ãũ] |
| cane        | can [ã]           | cão [ãũ]     |
| amant       | aman [ã]          | amam [ãũ]    |
| ama(ve)runt | amaron [õ]        | amaram [ãũ]  |

Fonte: Cristófar-Silva (2014, p. 74)

É também importante abordarmos as contrações de uma vogal nasal e de uma vogal oral num ditongo nasal, muito comuns no português. Segundo Teyssier (1982):

“As sequências atingidas por essa contração são: ã-o, ã-e e õ-e. Elas vão produzir ditongos nasais ão, ãe, õe, pronunciados respectivamente [ãw̃], [ãỹ] e [õỹ] — ex.: ma-o > mão, câ-es (plural de can) > cães, leõ-es (plural de leon) > leões” (TEYSSIER, 1982, p. 38).

Então, nessas condições de redução dos hiatos, aconteceu a unificação das formas do singular, entretanto os plurais permaneciam como antes. Por isso, Cristófar-Silva (2014, p. 75) defende que o ditongo [ãũ] é típico do português. Então, não podemos afirmar que existem regras fonéticas nos estudos das línguas românicas que expliquem a ditongação de [õ], [ã] em [ãũ]. Não há consenso entre os estudiosos de uma teoria. Uns defendem uma mudança analógica, como se [ãũ] fosse proveniente de /-anu/; outros preferem considerar uma mudança fônica de –one, -unt, -ane, -ant, que se transformaram em [ãũ], onde o travamento da consoante nasal tenha possibilitado o aparecimento de uma semivogal, surgindo, assim, a vogal nasal final.

Entre esses estudos, Wetzels (2000) discute um número limitado de ditongos nasais da língua portuguesa e demonstra, em seu trabalho, uma visão geral dos ditongos nasais, dividindo-os em derivados e não-derivados, ressaltando que são raros os casos em que existem ditongos nasais no interior de palavras não derivadas. Como exemplo mais frequente, temos a palavra “muito”. Entretanto, nas palavras derivadas, o ditongo nasal é frequente, como em *coraçõezinhos* [õj] e *cãezinhos* [äj] (WETZELS, 2000).

Para Votre (1978), o ditongo nasal nunca sofre redução se estiver em sílaba tônica final. Já a sílaba átona é uma condição para que o ditongo seja reduzido. Observou, também, que o número de sílabas tem interferência na ocorrência do ditongo nasal: nas palavras com apenas uma sílaba, foi maior a manutenção da nasal quando comparadas às palavras com duas ou mais sílabas. O autor afirma, então, que quanto maior o número de sílabas de uma palavra, mais propensa ela é a ser simplificada.

Agora, cabe-nos discutir como se realizam as vogais e os ditongos no sistema fonológico vênето.

#### **4.3. As vogais e as semivogais do vênето**

Os aspectos fonológicos das vogais, das semivogais e das consoantes do vênето – na verdade, das variedades vênетas, como o trevisano-feltrino-belunês, o paduano-vicentino-polesano, o veronês e o trentino oriental – são abordadas por Frosi e Mioranza (1983), principalmente com base nos estudos de Zamboni (1974) e Trumper (1977).

Meneghel (2015), em seu trabalho com os ditongos em uma localidade também do interior do Espírito Santo, compilou as colocações de Frosi e Mioranza (1983, p. 90-91) sobre as vogais e as semivogais do vênето no quadro a seguir:

## QUADRO 03 - Vogais e semivogais do vêneto.

|            |   |                     |
|------------|---|---------------------|
| VOGAIS     | Em posição tônica são compostas de sete fonemas distintos.  | i, e, ɛ, a, ɔ, ɒ, u |
|            | Em posição não final da palavra, reduzem-se a cinco.  | i, ɛ, a, ɔ, u       |
|            | Em posição átona, final de palavra, reduzem-se a quatro.  | i, ɛ, a, o          |
|            | As átonas finais sofrem redução na variedade paduano-vicentino-polesano, depois da nasal <i>n</i> . | e, o                |
| SEMIVOGAIS | São características de todas as variedades vênetas.   | ĩ, ũ                |
|            | Realizada na variedade paduano-vicentino-polesano.  | E                   |
|            | Ditongo comum a todas as variedades, à exceção do veronês.  | ĩ e                 |

Fonte: Frozi e Mioranza (1983, p. 90-91, adaptado por Meneghel (2015)).

Estes são alguns exemplos dos fonemas vocálicos vênéticos indicados por Frozi e Mioranza (1983): *verõ/verão*, *spɛta/ espeta*, *brazza/brasa*, *soto/manco*, *pɔso/ posso*, e as semivogais *ĩ* e *ũ*, *maio/maio* e *kɔatrosento/ quatrocentos*.

O ditongo latino *au* realiza-se, em sua passagem para o vêneto, de duas formas distintas: na posição tônica passa por monotongação (*au > o*); e, em posição átona, passa por monotongação ou conserva a forma latina. Assim, podemos entender melhor, segundo Frozi e Mioranza (op. cit.), as poucas ocorrências desse ditongo em dialetos como o vêneto. Então, é possível afirmar que o fato de o ditongo [ãũ] ocorrer na língua portuguesa e não aparecer em variedades italianas é a possível origem da interferência do vêneto no português dos falantes do dialeto e seus descendentes. Para os autores, isso acontece porque os falantes não levam em consideração as diferenças entre ditongo e vogal simples, mas considera a diferença quando há nasalização.

Assim, a evolução do latim vulgar para o vêneto e para o português se deu de formas distintas: o primeiro, de –one > ãu; o segundo, de –one > õ(n). Então, de acordo com Frosi e Mioranza (op. cit.), a percepção dos fonemas e a sua articulação seriam o problema da interferência citada. Também é importante ressaltar que os autores afirmam que as palavras terminadas em ã(n) ou ã(no) são poucas, enquanto as palavras terminadas em õ(n) são em maior quantidade no vêneto.

Logo, podemos concluir que a causa da interferência do vêneto no português falado hoje pelos descendentes de imigrantes italianos em comunidades como São Bento de Urânia é a inexistência do ditongo –ão no sistema fonológico do vêneto, o dialeto ancestral desses falantes. Ou seja, a realização do ditongo -ão como [õ] ou [õw] na fala desses indivíduos é resultado de um contato linguístico.

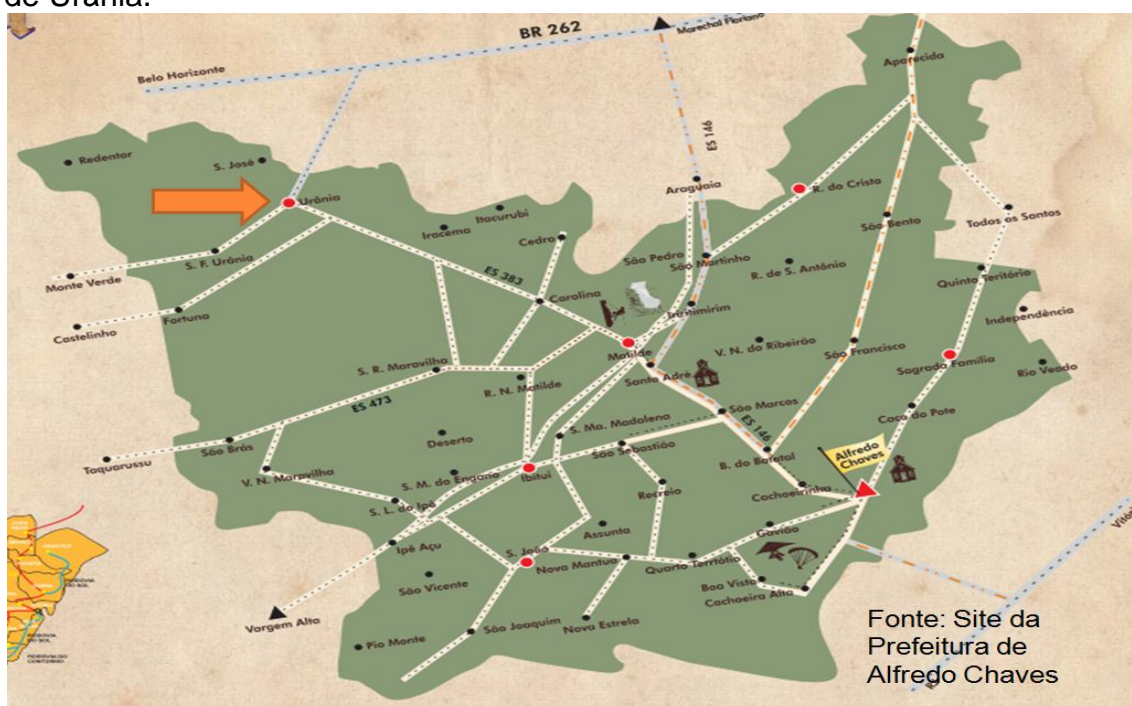
## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos os pressupostos metodológicos seguidos para a coleta e a análise de nossos dados. Iniciaremos pela descrição da comunidade estudada; em seguida, daremos o perfil dos informantes e, por fim, a coleta e o tratamento dos dados.

### 5.1. A comunidade pesquisada

A localidade selecionada para esta pesquisa é o distrito de São Bento de Urânia, que dista 40 km da Sede de Alfredo Chaves. Sua escolha se deu por ela ter-se mantido isolada durante muito tempo, haja vista a dificuldade de se chegar ao local: a principal das duas vias de acesso ao lugar, que o liga à BR 262, tem 11 km de muitas curvas, numa estrada asfaltada somente em 2006. A outra estrada, que liga o distrito à Sede de Alfredo Chaves, tem 40km sem qualquer infraestrutura, percorrendo uma densa mata. No Mapa 3, a seguir, vê-se o município de Alfredo Chaves e, indicado com uma seta laranja, o distrito de São Bento de Urânia.

MAPA 3 – Município de Alfredo Chaves, com destaque para o distrito de São Bento de Urânia.





A seguir, temos uma foto aérea de São Bento de Urânia e outra da igreja católica, ambas retiradas do site do município de Alfredo Chaves:

FIGURA 5: Imagem aérea de São Bento de Urânia.



Fonte: [http://www.alfredochaves.es.gov.br/mat\\_vis.aspx?cd=17102](http://www.alfredochaves.es.gov.br/mat_vis.aspx?cd=17102).  
Acesso em: 03 jul. 2016

Aqui, a foto da Igreja Católica de São Bento de Urânia em destaque:

FIGURA 6: A Igreja Católica de São Bento de Urânia.



Fonte: [http://www.alfredochaves.es.gov.br/mat\\_vis.aspx?cd=17102](http://www.alfredochaves.es.gov.br/mat_vis.aspx?cd=17102).  
Acesso em: 03 jul. 2016

O distrito é o ponto geográfico mais alto do município, com 1250 m de altitude, o que faz com que a localidade tenha um clima bastante agradável no verão, durante o dia, e invernos rigorosos. Essa característica também contribuiu para que o lugar se mantivesse totalmente desabitado até a chegada dos primeiros imigrantes, fato que é confirmado por todos os entrevistados. Sua população é de aproximadamente 900 pessoas, praticamente todos agricultores e suas famílias, que produzem sobretudo tomate, inhame e uva.

Atualmente, os seus moradores contam com uma escola municipal de Ensino Fundamental; um posto de saúde, com visitas de um médico duas vezes ao mês; duas igrejas - uma católica e uma adventista -; uma mercearia; uma pastelaria e uma lanchonete recém-inaugurada. Há cerca de 40 anos, chegava o rádio à comunidade e, em 2014, foi instalada a sua primeira torre de telefonia celular e de internet<sup>46</sup>, o que possibilita que os moradores hoje tenham contato direto com pessoas de fora da comunidade através de aplicativos no celular que permitem trocas de mensagens instantâneas. Isso possivelmente iniciará uma mudança no comportamento linguístico de São Bento de Urânia, o que pode ser estudado no futuro, para que compreendamos os impactos da internet nesse lugar.

Embora a tecnologia esteja presente atualmente em São Bento de Urânia, na comunidade se sobressai o modo de vida rural, visto que ainda são preservadas as antigas tradições, herdadas dos antepassados imigrantes, como as refeições, geralmente compostas pela minestra<sup>47</sup>, polenta, macarrão – em algumas famílias, o caseiro –, a carne e a salada, quase sempre vindas da criação e da plantação domésticas.

Outro ponto que nos chama a atenção é a importância dada ao domingo, quando a maior parte da população daquela comunidade se encontra na igreja. A mais frequentada é a católica, localizada no centro do município, com celebrações semanais e missas mensais. Após a celebração, as famílias se reúnem na quadra e

---

<sup>46</sup> Notícia sobre a chegada da internet, veiculada pelo jornal local Folha da Terra, em anexo.

<sup>47</sup> A minestra é um tipo de sopa de macarrão com feijão.

o pátio anexos à igreja. Ali conversam e os homens bebem e jogam cartas, bocha, futebol e a mora<sup>48</sup>.

Dada a forma de colonização do lugar, todos os moradores de São Bento de Urânia se conhecem e quase são parentes ou, pelo menos, compadres e comadres, havendo uma relação muito próxima entre vizinhos. O casamento entre pessoas da mesma família ou de famílias conhecidas acontece com frequência em São Bento, já que a ampla maioria nasceu e sempre residiu na comunidade. Também é comum a curiosidade de todos, quando a comunidade recebe a visita de pessoas de fora. Atualmente, entretanto, é possível encontrar algumas casas de veraneio, que não existiam há poucos anos.

As características sócio-históricas de São Bento de Urânia foram propícias à manutenção da cultura e da língua ancestral, sendo a presença de traços do vêneto no português aí falado uma marca da linguagem dos uranienses, que os distinguem de seus vizinhos. Essa linguagem, marcada fortemente pela língua ancestral, acarreta julgamentos depreciativos e preconceito contra esses falantes, fato relatado em várias de suas entrevistas (cf. COMINOTTI, 2015).

## **5.2. A coleta dos dados**

A coleta dos dados de São Bento de Urânia foi feita em três etapas, por três diferentes pesquisadoras. A primeira, Katiúscia Sartori Silva Cominotti, é professora da Rede Estadual de Educação, já trabalhou em São Bento de Urânia e tem parentes na comunidade. A segunda, Edenize Ponzo Peres, é nossa orientadora, professora da Universidade Federal do Espírito Santo, e realizou as entrevistas com crianças e adolescentes. Entrou na escola municipal local com o auxílio de uma professora. A terceira, esta pesquisadora, frequenta a comunidade e, além disso, é prima do diretor e de uma professora da escola local. Assim, conhece muitos moradores e não teve dificuldade para realizar os testes de reação subjetiva. Nos parágrafos seguintes, as três coletas de dados são detalhadas.

---

<sup>48</sup> A mora é um tipo de jogo em que os jogadores devem colocar, todos juntos, os dedos da mão e, ao mesmo tempo, adivinhar a soma dos dedos expostos. Os números são gritados em vêneto. Vence o jogo quem acertar o resultado.

Na primeira coleta, Cominotti (2015), que faz um estudo sócio-histórico da língua vêneta, buscando observar a sua vitalidade no local e as razões de sua manutenção/substituição, realizou 62 entrevistas sociolinguísticas (LABOV, 2008) com informantes divididos em quatro faixas etárias (de 08 a 14, de 15 a 30, de 31 a 50 e acima de 50 anos), três níveis de escolaridade (até 04, de 05 a 08 e acima de 08 anos de escolarização) e dos dois sexos/gêneros<sup>49</sup>.

As entrevistas, que versam sobre os hábitos dos moradores e sobre a história da localidade e da família no Brasil e na Itália, foram realizadas nos anos de 2013 e 2014, na residência dos informantes, na escola e no pátio da igreja, depois das celebrações de domingo. A duração das mesmas variava de quarenta a mais de sessenta minutos. Logo em seguida, os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que as informações fornecidas pudessem ser utilizadas.

Do corpus de Cominotti (2015), Peres (inédito) selecionou quatro entrevistas de informantes acima de 55 anos, com pouca ou nenhuma escolarização, sendo duas mulheres e dois homens, para descrever e analisar a ocorrência do ditongo nasal tônico <ão>. Os informantes, cujas características são descritas abaixo, são: SL, RB, CDB e JG. Essa escolha teve como critério a faixa etária dos informantes e também a duração das entrevistas - mais de 50 minutos.

A segunda etapa de coleta de dados foi realizada por nossa orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edenize Ponzio Peres, nos dias 22 e 23 fevereiro de 2016. Foram realizadas entrevistas com 14 crianças e adolescentes de 06 a 14 anos<sup>50</sup>, dos dois sexos, na Escola Municipal São Bento de Urânia, durante o turno vespertino. As entrevistas, que consistiam em perguntas diretas da entrevistadora e respostas também diretas dos informantes, versaram sobre a vida na comunidade, as aptidões individuais, seus gostos, planos para o futuro etc. Dessas entrevistas, selecionamos 04 para nossas análises: VB, PAZG, NAPG e BMS.

---

<sup>49</sup> Tendo em vista os objetivos de seu estudo e também as dificuldades em se encontrarem pessoas acima de 50 anos com mais de cinco anos de escolarização, em São Bento de Urânia, Cominotti (2015) não seguiu a metodologia de pesquisa da Teoria da Variação e Mudança Linguística e, assim, seu corpus não apresenta uma uniformidade de informantes por célula.

<sup>50</sup> Os pais dos entrevistados assinaram o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que pudéssemos fazer uso das informações dos menores.

Neste ponto, cabe uma explicação a respeito de nossos informantes. Não nos foi possível ter acesso às entrevistas dos informantes adultos da comunidade. Dessa forma, excluímos desta análise essa faixa etária, analisando apenas os mais idosos e os mais jovens.

A terceira e última etapa da coleta de dados foi realizada por esta pesquisadora e constou de testes de reação subjetiva, elaborados baseando-nos principalmente em Labov (2008), Fasold (1996), Oushiro (2015) e aplicados nos 08 informantes da presente pesquisa. O objetivo foi o de verificarmos seus sentimentos a respeito do português com influência da língua de imigração italiana, que é, em realidade, a linguagem dos próprios moradores de São Bento de Urânia. Foram apresentados a eles seis áudios contendo trechos de entrevistas sociolinguísticas, sendo uma mulher e um homem representando diferentes origens geográficas e sociais, para verificarmos as atitudes de nossos informantes com respeito a essas linguagens.

Os áudios, cujas transcrições se encontram nos Anexos, têm duração de dois a três minutos cada e versam sobre um mesmo tema: sua infância. São eles:

Áudio 01: uma mulher de 61 anos de idade, nascida e residente na região metropolitana de Vitória, com Ensino Médio completo, caracterizando a fala de uma moradora da cidade.

Áudio 02: um homem de 64 anos de idade, com Ensino Superior completo, residente há muitos anos em Belo Horizonte e com sotaque mineiro.

Áudio 03: uma mulher de 90 anos de idade, nascida e residente em um pequeno distrito rural de Alfredo Chaves chamado Boa Vista, que dista mais de 40 km de São Bento de Urânia. É filha de imigrantes italianos, não tem instrução formal e sua fala é marcada por traços da língua de imigração, como a linguagem dos moradores de São Bento. Esses traços consistem, especificamente, das pronúncias: do fonema /r/ como tepe, independentemente do ambiente fonético em que se encontram; de /l/ em posição de coda silábica como [l]; do ditongo nasal tônico como [õ] ou [õw]<sup>51</sup>; das vogais nasais como vogais orais; e de /t/ e /d/ diante de /i/ como [ti] e [di].

---

<sup>51</sup> Neste trabalho, utilizamos o símbolo [w] para representar a semivogal posterior, seguindo Wetzels (2000), Bisol (2001), Margotti (2004), Benincá (2008), Gubert (2012), Horbach (2013) etc.

Áudio 04: um homem de 67 anos de idade, também morador do distrito de Boa Vista, filho de imigrantes italianos, com apenas dois anos de escolaridade. Assim como o áudio 03, sua fala apresenta muitos traços da língua de seus antepassados.

Áudio 05: um homem de 56 anos de idade, morador da região metropolitana de Vitória, com Ensino Médio completo. Sua linguagem se caracteriza como a de um morador de cidade.

Áudio 06: uma mulher de 66 anos de idade, moradora da região metropolitana de Vitória atualmente, mas que passou sua infância e adolescência na zona urbana de Alfredo Chaves, neta de imigrantes italianos e com pouca instrução. Sua linguagem já não apresenta as marcas da língua de imigração, apresentando-se como uma pessoa de Vitória com pouca escolaridade.

Após a audição de cada áudio, os entrevistados eram convidados a responder a um questionário (em anexo) contendo possíveis características da pessoa que acabaram de escutar: sua classe social, aspectos físicos e psicológicos e ocupação. Também foi perguntado aos informantes suas impressões sobre o sotaque de cada pessoa dos seis áudios.

Nossos oito informantes responderam aos testes em suas próprias casas ou no prédio em que funciona a catequese da comunidade, onde a maior parte dos adolescentes se reúne para jogar bola nos finais de semana. Três informantes com mais de 55 anos e as crianças/adolescentes realizaram o teste no dia 23 de julho. Apenas a informante JG foi entrevistada no dia 04 de setembro, pois, quando fizemos os primeiros testes, ela se encontrava Aparecida do Norte, um dos poucos lugares que a levam a sair da comunidade.

Os resultados das entrevistas e dos testes evidenciam o comportamento sociolinguístico dos moradores de São Bento de Urânia, bem como seu julgamento acerca do sotaque que contém traços do vêneto. Essa análise é apresentada no capítulo seguinte.

### 5.3. Os informantes

Como dissemos, contamos com oito informantes em nossa pesquisa, sendo quatro acima de 55 anos – dois homens e duas mulheres - e quatro crianças/adolescentes – dois meninos e duas meninas – todos nascidos e residentes em São Bento de Urânia, descendentes de imigrantes italianos originários da região do Vêneto, Itália. A seguir, apresentaremos as características de cada um, sabendo-se que as idades dos informantes, que se encontra entre parênteses, são referentes a julho de 2014 - para os mais idosos - e 2016 - para as crianças/adolescentes -, quando seus dados foram coletados.

SL: homem, nascido em 1936 (78 anos), agricultor, com menos de um ano de escolarização. Teve como língua materna o vênето, o qual fala até hoje. Afirma que aprendeu o português em contato com brasileiros, no comércio de seus produtos agrícolas.

RB: homem, nascido em 1941 (73 anos), agricultor, nunca frequentou a escola. Também aprendeu o português quando ia a Vitória comercializar seus produtos agrícolas. Teve o vênето como língua materna e ainda hoje o fala.

CDB: mulher, nascida em 1946 (68 anos), esposa de RB, agricultora aposentada e dona de casa, com menos de um ano de escolarização. Afirma que apenas compreende o vênето, sem falá-lo. Saiu muito pouco de São Bento de Urânia.

JG: mulher, nascida em 1956 (58 anos), dona de casa e dona da pastelaria de São Bento de Urânia, com quatro anos de escolarização. Sempre saiu pouco da comunidade e apenas compreende o vênето, mas não o fala.

BMS: do sexo/gênero feminino, com 13 anos, cursa o oitavo ano na escola de São Bento de Urânia. No turno vespertino, auxilia a mãe nos cuidados com a casa. Pretende tornar-se professora de português e permanecer ali mesmo, na comunidade.

NAPG: do sexo/gênero masculino, nascido em 2003 (13 anos), é colega de sala de BMS. Costuma ir até Vitória para vender as mercadorias com o pai, além de ajudá-lo na plantação, no período da tarde. Não pretende deixar São Bento de Urânia.

VB: do sexo/gênero feminino, nascida em 2005 (11 anos). De manhã, cursa o sexto ano do Ensino Fundamental e, no período da tarde, ajuda a mãe com os serviços domésticos. Sai da comunidade apenas nas férias, quando vai à praia com familiares. Afirma que não gostaria de sair da comunidade.

PAZG: do sexo/gênero masculino, nascido em 2005 (11 anos). Também cursa o sexto ano do Ensino Fundamental de manhã e, à tarde, trabalha na lavoura com os pais. Demonstra muita intimidade com o trabalho agrícola, além do orgulho e do desejo de continuar trabalhando com isso no futuro. Às vezes vai até Vitória vender sua produção com o pai.

#### **5.4. O tratamento dos dados**

O tratamento dos dados de todos os informantes foi realizado da mesma forma, mas em épocas distintas, sendo que os dados obtidos a partir dos informantes de acima de 55 anos foram analisados antes dos demais (Peres, inédito).

Tratando-se de descrever e analisar a pronúncia dos moradores de São Bento de Urânia quanto ao ditongo nasalônico <ão>, elegendo como referencial teórico a Sociolinguística, faz-se necessário investigar a importância de aspectos linguísticos e extralinguísticos para a ocorrência desse fenômeno. Dessa forma, cada dado foi codificado e, em seguida, foi utilizado o Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) para procedermos à sua análise quantitativa. Sabendo-se que os oito informantes têm mesmo nível de escolaridade (até o 8º ano), as variáveis extralinguísticas levadas em conta foram faixa etária e sexo/gênero. No Quadro 4, a seguir, constam os grupos de fatores analisados neste trabalho:



QUADRO 4 - Grupo de fatores para o ditongo nasal tônico &lt;ão&gt;

| <b>Variável dependente:<br/>ditongo nasal tônico<br/>&lt;ão&gt;</b> | <b>Variantes:<br/>0- [ẽw, aw,aũ]<br/>1 - [õ, õw]</b>                           | <b>Exemplos do corpus</b>   |
|---|--|---|
| <b>Classe de palavra</b>  | Verbo<br>Nome<br>Palavra funcional   | São, vão<br>botão, irmão, televisão<br>Não (tônico), tão, então   |
| <b>Extensão da palavra</b>  | Uma sílaba<br>Duas sílabas<br>Três sílabas<br>Mais de três sílabas             | Não (tônico)<br>Feijão<br>Pimentão<br>Televisão   |
| <b>Contexto precedente<br/>ao alvo</b>                              | Ataque vazio<br>Consoante nasal<br>Consoante anterior<br>Consoante posterior   | Jo.ão, re.gi.ão<br>Mão, não, caminhão<br>São, Ribeirão, coração<br>Caixão, feijão, chão   |
| <b>Contexto seguinte ao<br/>alvo</b>                                | Pausa<br>Vogal<br>Consoante nasal<br>Consoante anterior<br>Consoante posterior | "Tem mais não."<br>"São [i]rmão"<br>"... um botão [n]a frente"<br>"... e aqui em São<br>[b]ento"<br>"Depois então<br>[k]omeçou" |
| <b>Sexo/gênero</b>  | Feminino<br>Masculino  | -   |
| <b>Faixa etária</b>   | Crianças/adolescentes<br>Acima de 55 anos                                      | -   |

Fonte: Peres (inédito).

Após expormos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo, passemos à análise dos resultados obtidos, no próximo Capítulo.

## 6. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos as análises dos resultados obtidos nas três etapas da coleta de dados em São Bento de Urânia. Para isso, dividimos essa apresentação em três partes: na primeira, aparecem os resultados quanto aos quatro informantes acima de 55 anos; na segunda, os resultados dos primeiros acrescidos dos resultados de crianças/adolescentes; e, na terceira, os testes. Vamos a eles.

### 6.1. Resultados apenas para a faixa etária acima dos 55 anos

De acordo com Peres (inédito), entre os informantes acima de 55 anos, a pronúncia do ditongo nasal <ão>, em São Bento de Urânia, se realiza como [õ], [ẽw], [ũ] e zero, isto é, o apagamento. Segundo a autora (PERES, inédito, p. 14):

A primeira forma é a atestada em vêneto [...]. Além dela, as duas informantes pronunciaram essa forma com uma ditongação, [õw]. Quanto à segunda forma, também foi registrada sua variante desnasalizada [aw] e a seminasalizada [aũ].

Com relação à forma reduzida [ũ] - uma variante bastante próxima da forma não marcada da comunidade, [õ], - ela ocorreu categoricamente com o advérbio *não* em posição pré-verbal. Também observamos a presença de variantes dessa forma reduzida: a desnasalizada, [u]; e [wɛ, wa], em que ocorreu, além da redução e da desnasalização, a ditongação, tendo em vista a ocorrência da vogal inicial da palavra seguinte ao ditongo. E, por último, encontramos o apagamento do ditongo, quando se deu o seu encontro com o verbo *ser* na terceira pessoa do singular. Essas variantes, que se originam do processamento natural da fala, ocorreram quando nossos informantes empregaram uma maior velocidade de produção das palavras e frases.

A Tabela a seguir apresenta esses resultados<sup>52</sup>:

<sup>52</sup> Na Tabela 02, constam todas as ocorrências de ditongo nasal, isto é, os tônicos e os átonos.

TABELA 02 - Resultados gerais para o ditongo nasal <ão> em São Bento de Urânia - faixa etária acima de 55 anos.

| Variantes            | RB  |       | SL  |       | CDB |       | JG  |       | TOTAL POR VARIANTE |       |
|----------------------|-----|-------|-----|-------|-----|-------|-----|-------|--------------------|-------|
|                      | N   | %     | N   | %     | N   | %     | N   | %     | Apl/Tot            | %     |
| [õ]                  | 168 | 57,93 | 97  | 45,32 | 78  | 45,08 | 44  | 27,67 | 387/836            | 46,29 |
| [õw]                 | 0   | -     | 0   | -     | 10  | 5,78  | 06  | 3,77  | 16/836             | 1,91  |
| [ũ]                  | 83  | 28,62 | 83  | 38,79 | 66  | 38,15 | 87  | 54,72 | 319/836            | 38,16 |
| [u]                  | 09  | 3,10  | 01  | 0,47  | 02  | 1,16  | 03  | 1,89  | 15/836             | 1,79  |
| [wε, wa]             | 06  | 2,07  | 05  | 2,34  | 0   | -     | 0   | -     | 11/836             | 1,32  |
| [ẽw]                 | 16  | 5,52  | 25  | 11,68 | 10  | 5,78  | 13  | 8,18  | 64/836             | 7,66  |
| [aw]                 | 05  | 1,72  | 0   | -     | 01  | 0,58  | 0   | -     | 06/836             | 0,71  |
| [aũ]                 | 0   | -     | 01  | 0,47  | 06  | 3,47  | 06  | 3,77  | 13/836             | 1,56  |
| zero                 | 03  | 1,04  | 02  | 0,93  | 0   | -     | 0   | -     | 05/836             | 0,60  |
| Total por informante | 290 |       | 214 |       | 173 |       | 159 |       | 836 dados          |       |

Fonte: Peres (inédito, Tabela 1, p. 15)

A Tabela 02 evidencia a predominância de [õ] e [õw] - a variante com influência vêneta -, com 403 ocorrências (48,20% do total). A autora dá os seguintes exemplos de frases com essas pronúncias:

### (1) [õ]

Informante RB:

- 1) Ent[õ] é isso que tá acontecendo.
- 2) [...] aqui em S[õ] Bento, aqui... aqui... somo quase tudo parente.
- 3) [...] a minha mãe e o pai desse [xxx] s[õ] irm[õ]. S[õ] irm[õ].

Informante SL:

- 4) [...] começou plantar milho, feij[õ], milho e feij[õ], milho e feij[õ].
- 5) Era tudo pobre, tinha nada n[õ].
- 6) [...] taliano tem pouco lá, taliano. Mais alem[õ], em Vítor Hugo.

Informante CDB:

- 7) [...] tomate, couve, piment[õ]. Hoje em dia eles faz mais plantio.
- 8) E nós tava t[õ] pertinho...

9) E nós botava a farinha no ch[õ].

Informante JG:

10) [...] ela n[ũ] queria soltar minha m[õ].

11) Tinha um irm[õ] dele, só tinha um irm[õ].

12) O senhor n[õ] [com ênfase] sai pra Nova Brasília!

## (2) [õw]

CDB: 13) Nem os vó n[ũ] escuta mais, uma vez era t[õw] fácil.

14) N[ũ] dá n[õw].

15) Faz n[õw].

JG: 16) Depois ele foi um doutor alem[õw] lá em Cachoeiro.

17) Aí ele fez uma cirurgia, ent[õw].

18) Ela... ela vinha aqueles sac[õw] de inhame assim.

Em segundo lugar aparecem a forma [ũ] e as variantes [u] e os ditongos [wɛ, wa] somando 345 ocorrências (41,27% do total). Neste ponto, deve-se salientar que não houve nenhum registro de concordância verbal de acordo com as regras do português culto, o que faz com que os verbos na terceira pessoa do plural - *ficam*, *botaram* e *levaram*, por exemplo -, sejam falados *fica*, *botaro* e *levaro*, respectivamente. Essa pronúncia aparece em frases como as seguintes:

## (3) [ũ]:

RB: 19) N[ũ] contaram e nem sei por quê.

20) Certas coisa esses mais velho que sabia tudo, mas que eu n[ũ] sei, n[ũ] sei contar isso.

21) N[ũ] vou dizer que eu minto n[õ].

SL:

22) Lá n[ũ] tinha comer n[õ], rapaz.

23) O resto n[ũ] ia aqui.

24) Nem padre n[ũ] vinha, nem nada, nem na igreja n[ũ] vinha, n[ũ] tinha nada.

CDB: 25) N[ũ] tinha carro, n[ũ] tinha moto, n[ũ] tinha nada.

26) Uma vez quase n[ũ] tinha brinquedo.

27) E agora aqui n[ũ] tem mais também n[õ].

JG: 28) Ele n[ũ] pode comer um caroço de arroz duro.

29) Leva se quiser, n[ũ] precisava.

30) A [xxx] deu um banho frio, n[ũ] sei o quê [...]

**(4) [u]:**

- RB: 31) "Ah, eu n[u] tenho morada n[õ], eu sou do mundo"<sup>53</sup>.  
 32) A minha sina n[u] era aquela n[õ].  
 33) Ahn, sim. Eu tenho n[u] sei quantos.

SL: 34) [...] que ele n[u] sabia o que era.

- CDB: 35) N[u] tinha n[õ].  
 36) Carço de milho, se ocê n[u] sabia fazer o dever.

**(5) [wɛ]:**

- RB: 37) Carro n[ũ] tinha. N[wɛ]ra fácil, nossa vida.  
 38) Já n[wɛ] o mesmo italiano puro, que fala.  
 39) É, n[wɛ] fácil n[õ].

- SL: 40) N[wɛ]ra igual hoje n[õ], gente.  
 41) Ele sabe que ele gosta, mas n[wɛ] dentro do coraç[õ] n[ẽw].  
 42) N[wɛ] igual hoje em dia, achava roupa feita pra comprar n[õ].

**(6) [wa]:**

- SL: 43) A Igreja n[wa]ceitava n[õ].  
 44) Não, nem quele tempo ninguém n[wa]ceitava primo casando.

A forma que apresentou o terceiro maior número de ocorrências na faixa etária acima de 55 anos é a forma não marcada do português - [ẽw], [aw] e [aũ]: 83 ocorrências (9,93% do total). A autora exemplifica essas pronúncias:

**(7) [ẽw]:**

- RB: 45) (...) nem estrada, n[ẽw] tinha.  
 46) Nem óculos ele n[ẽw] usa ainda.  
 47) N[õ], aqui n[ẽw] tinha nada.
- SL: 48) Pra fazer polenta ou sen[ẽw] para dar comida os porco.  
 49) Mas n[wɛ] dentro do coraç[õ] n[ẽw].  
 50) N[ẽw], tratava igual os outros.

<sup>53</sup>O informante reproduziu a fala de um andarilho que apareceu na comunidade, anos atrás.

- CDB: 51) É, nossa vida n[u] era t[õ] boa n[ẽw].  
 52) Meu pai n[ũ] batia n[ẽw].  
 53) Entrevistadora: Não tinha assim assaltante, não tinha matador?  
 - N[ẽw].
- JG: 54) E eu achando que ela vinha no caix[ẽw].  
 55) E aí, menina, e aí ela foi ent[ẽw], aí eles...  
 56) (...) o homem mais rico, mais rico mesmo daqui dessa regi[ẽw].

#### (8) [aw]:

- RB: 57) N[aw], ele é alem[õ].  
 58) N[õ], o namoro era, né como hoje n[aw].  
 59) N[aw], nós escutava os dois falando e ia aprendendo.

CDB: 60) Era irm[aw] da mãe dele.

#### (9) [aũ]:

- SL: 61) E quando andava a cavalo, n[ũ] andava assim n[aũ].
- CDB: 62) Entrevistadora: E aqui não tem perigo?  
 - N[aũ]. N[ũ] tem perigo n[õ].  
 63) Também, hoje em dia n[ũ] tem n[aũ].  
 64) N[aũ], acho que n[õ].
- JG: 65) É, tem mais cura pra ele n[aũ].  
 66) Aí ele fez uma cirurgia ent[aũ].  
 67) Entrou depress[aũ] e tudo aqui também.

Por fim, temos o apagamento do ditongo, com apenas 05 (cinco) ocorrências, exemplificadas pela autora:

#### (10) Apagamento do ditongo:

- RB: 68) Daqui pra Itália **né** ali n[õ].  
 69) Mas **né** sempre n[õ].  
 70) Aí ele foi, mas **né** história n[õ].
- SL: 71) **Né** igual hoje n[õ].  
 72) **Né** igual hoje, chega uma visita, que os menino pequeno já pula na frente já n[õ].

De acordo com Peres (inédito), as variantes [ũ], [u], [wɛ], [wa] e o apagamento ocorreram sempre como o advérbio 'não' pré-verbal, átono, sendo que as quatro últimas ocorreram muito poucas vezes. Dessa forma, todos os ditongos nasais <ão> átonos foram desconsiderados. As variantes [õ] e [õw] foram amalgamadas em [õ] e as variantes [ẽw], [aw] e [aũ], em [ẽw], a fim de que o Programa estatístico pudesse ser utilizado. A Tabela a seguir evidencia os resultados encontrados.

TABELA 03 - Resultados para o ditongo nasal tônico <ão> em São Bento de Urânia - faixa etária acima de 55 anos.

| Grupo de fatores    |                     | [ẽw]      |             | [õ]        |             | T          | %    |
|---------------------|---------------------|-----------|-------------|------------|-------------|------------|------|
|                     |                     | N         | %           | N          | %           |            |      |
| Classe de palavra   | Palavra funcional   | 50        | 17,1        | 243        | 82,9        | 293        | 66,9 |
|                     | Nome                | 17        | 12,4        | 120        | 87,6        | 137        | 31,3 |
|                     | Verbo               | 1         | 12,5        | 7          | 87,5        | 8          | 1,8  |
| Extensão da palavra | Uma sílaba          | 47        | 17,2        | 226        | 82,8        | 273        | 62,3 |
|                     | Duas sílabas        | 15        | 13,4        | 97         | 86,6        | 112        | 25,6 |
|                     | Três sílabas        | 5         | 12,2        | 36         | 87,8        | 41         | 9,4  |
|                     | Mais de três        | zero      | -           | 12         | 100         | 12         | 2,7  |
| Contexto precedente | Cons. Nasal         | 50        | 17,2        | 241        | 82,8        | 291        | 66,4 |
|                     | Cons. Anterior      | 11        | 9,2         | 109        | 90,8        | 120        | 27,4 |
|                     | Consoante posterior | 4         | 18,2        | 18         | 81,8        | 22         | 5,0  |
|                     | Ataque vazio        | 1         | 20,0        | 4          | 80,0        | 5          | 1,1  |
| Contexto seguinte   | Pausa               | 52        | 18,2        | 234        | 81,8        | 286        | 65,3 |
|                     | Cons. Anterior      | 8         | 12,1        | 58         | 87,9        | 66         | 15,1 |
|                     | Vogal               | 4         | 6,3         | 59         | 93,7        | 63         | 14,4 |
|                     | Cons. Nasal         | 3         | 18,8        | 13         | 81,2        | 16         | 3,7  |
|                     | Cons. Posterior     | zero      | -           | 7          | 100         | 7          | 1,6  |
| Sexo/gênero         | Feminino            | 27        | 19,3        | 113        | 80,7        | 140        | 32,0 |
|                     | Masculino           | 41        | 13,8        | 257        | 86,2        | 298        | 68,0 |
| <b>Total</b>        |                     | <b>68</b> | <b>15,5</b> | <b>370</b> | <b>84,5</b> | <b>438</b> |      |

Fonte: Peres (inédito, Tabela 2, p. 20).

A análise quantitativa foi feita por meio do Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Retirados os *knockouts* e rodado o Programa novamente, este não selecionou nenhuma variável como favorecedora da realização

do fenômeno, o que revela a uniformidade da linguagem da comunidade entre os moradores mais idosos.

Segundo Peres (inédito), os resultados acima revelam fatos importantes acerca da linguagem da comunidade:

1) os dados dos quatro informantes com mais de 55 anos indicam que a variante inovadora [ẽw] é pouco usada, nessa faixa etária. Com respeito às duas mulheres, a informante CDB tem menos escolarização de que a informante JG, mas a diferença de percentual de ocorrência de [ẽw] entre as duas não é grande: 4,33% a mais para JG, indicando que a frequência à escola por apenas quatro anos não foi suficiente para estabelecer diferença entre o comportamento linguístico de JG e de CDB.

2) Por outro lado, as mulheres pronunciaram um pouco mais a forma padrão do português - [ẽw] - do que os homens: 19,3% contra 13,8%. Sabendo-se que eles eram os que mais entravam em contato com os brasileiros, quando vinham a Vitória comercializar seus produtos, é possível confirmar, em São Bento de Urânia, o que dizem os estudos sociolinguísticos a respeito da atenção feminina quanto às formas não-padrão da língua, evitando-as.

Tendo em vista os resultados apontados para a faixa etária acima de 55 anos, partimos para a análise do fenômeno pesquisado levando em consideração também as crianças/adolescentes, para verificarmos a atuação das mesmas variáveis e também se está havendo mudança em progresso, com a perda da pronúncia com influência vêneta, nessa comunidade. A análise é feita na próxima Seção.

## **6.2. Resultados do ditongo nasal tônico <ão> considerando-se as duas faixas etárias.**

Na segunda etapa da pesquisa, agregamos os 126 dados obtidos por meio das entrevistas das crianças/adolescentes aos 438 dados já disponíveis dos informantes acima de 55 anos e procedemos a uma nova rodada do Programa Goldvarb X. Os resultados, já com os Pesos Relativos, estão dispostos na Tabela 04, a seguir.



TABELA 04 - Resultados gerais para o ditongo nasal <ão> em São Bento de Urânia – crianças/adolescentes e faixa etária acima de 55 anos.

| Grupo de fatores    |                                | [ẽw]           |             | [õ]            |             | P.R.<br>[ẽw] |
|---------------------|--------------------------------|----------------|-------------|----------------|-------------|--------------|
|                     |                                | Apl./Total     | %           | Apl./Total     | %           |              |
| Classe de palavra   | <b>Palavra funcional</b>       | <b>104/370</b> | <b>28,1</b> | <b>266/370</b> | <b>71,9</b> | <b>.61</b>   |
|                     | Nome                           | 22/181         | 12,2        | 159/181        | 87,8        | .31          |
|                     | Verbo                          | 02/13          | 15,4        | 11/13          | 84,6        | .33          |
| Extensão da palavra | Uma sílaba                     | 102/359        | 28,4        | 257/359        | 71,6        | -            |
|                     | Duas sílabas                   | 17/135         | 12,6        | 118/135        | 87,4        | -            |
|                     | Três sílabas                   | 06/54          | 11,1        | 48/54          | 88,9        | -            |
|                     | Mais de três                   | 03/16          | 18,8        | 13/16          | 81,2        | -            |
| Contexto precedente | Cons. Nasal                    | 104/367        | 28,3        | 263/367        | 71,7        | -            |
|                     | Cons. Anterior                 | 19/159         | 11,9        | 140/159        | 88,1        | -            |
|                     | Cons. Posterior                | 04/32          | 12,5        | 28/32          | 87,5        | -            |
|                     | Ataque vazio                   | 01/06          | 16,7        | 05/06          | 83,3        | -            |
| Contexto seguinte   | <b>Cons. Nasal</b>             | <b>4/17</b>    | <b>23,5</b> | <b>13/17</b>   | <b>76,5</b> | <b>.75</b>   |
|                     | <b>Pausa</b>                   | <b>108/394</b> | <b>27,4</b> | <b>286/394</b> | <b>72,6</b> | <b>.54</b>   |
|                     | Cons. Anterior                 | 11/78          | 14,1        | 67/78          | 85,9        | .47          |
|                     | Cons. Posterior                | 1/9            | 11,1        | 8/9            | 88,9        | .42          |
|                     | Vogal                          | 4/66           | 6,1         | 62/66          | 93,9        | .26          |
| Faixa etária        | <b>Crianças / adolescentes</b> | <b>60/126</b>  | <b>47,6</b> | <b>66/126</b>  | <b>52,4</b> | <b>.78</b>   |
|                     | Acima de 55 anos               | 68/438         | 15,5        | 370/438        | 84,5        | .41          |
| Sexo/gênero         | <b>Feminino</b>                | <b>59/191</b>  | <b>30,9</b> | <b>132/191</b> | <b>69,1</b> | <b>.61</b>   |
|                     | Masculino                      | 69/373         | 18,5        | 304/373        | 81,5        | .44          |
| <b>Total</b>        |                                | <b>128/564</b> | <b>22,7</b> | <b>436/564</b> | <b>77,3</b> |              |

Input: 0,182

Significância: 0,047

Nos resultados gerais envolvendo as duas faixas etárias, o Programa não selecionou as variáveis *extensão da palavra* e *contexto precedente* como significativos para a ocorrência do fenômeno. A seguir, então, analisaremos as variáveis favorecedoras da pronúncia [ẽw], sem influência do vêneto.

### 6.2.1. Classe da palavra onde se encontra o alvo

Os resultados indicam que a classe gramatical da palavra que contém o alvo é relevante para a ocorrência de [ẽw], sendo que as palavras funcionais - como *tão* e, principalmente, *não* - são as que mais favorecem a pronúncia padrão do português (PR = .61). Os verbos (PR = .33) e os nomes (PR = .31) a desfavorecem muito.

Dos autores citados no capítulo 1 desta dissertação, apenas no de Margotti (2004) a variável *classe de palavras* se mostrou favorecedora da pronúncia [ẽw], mas os seus resultados diferem dos nossos. Em Margotti (2004), os verbos favorecem essa pronúncia, com PR = .75; os nomes têm uma influência praticamente neutra; e as outras classes gramaticais a desfavorecem<sup>54</sup>. Nas demais pesquisas, essa variável não foi selecionada como significativa. Horbach (2013) justificou esse fato por se tratar de uma variação fonética de superfície, em que a classe gramatical não pareceu relevante no processo.

Nas frases a seguir, encontram-se exemplos da pronúncia não marcada do português - [ẽw] -, em relação às palavras funcionais.

NAPG: 73) N[ẽw], geralmente dois, três.  
74) Salada? Carne? Num sei n[ẽw].

BMS: 75) N[ẽw], tem gente que me chama assim, mas é bem difícil.  
76) Eu acho que muda, n[ẽw]?

PAZG: 77) Eu n[ũ] sei cozinhar muito n[ẽw].

VB: 78) Eu tenho. Eu tinha um t[ẽw] bonitinho e ele morreu.

Nos exemplos a seguir aparece a pronúncia do ditongo nasal tônico com influência do vêneto na fala dos informantes crianças/adolescentes, também em relação às palavras funcionais.

<sup>54</sup> Margotti (2004) apenas cita o peso relativo de *verbos*, com respeito à variável *classe morfológica*.

- NAPG: 79) N[õ], ele é novinho.  
80) Ainda n[õ].
- BMS: 81) É de novela mas n[ũ] sei n[õ].  
82) N[õ], menos.
- PAZG: 83) N[õ], somos primos.  
84) Eu n[ũ] gosto muito de televisão n[õ].
- VB: 85) Sim. Toda vez que eu saio n[ũ] posso comer n[õ].

Neste ponto, cabe uma observação a respeito das entrevistas com as crianças/adolescentes: estas são mais guiadas pela entrevistadora do que as entrevistas com os informantes acima de 55 anos, tendo em vista que estes se mostraram mais abertos a contar histórias, dividir experiências e se sentiam mais à vontade para conversar do que os mais jovens, como notamos ao comparar as duas amostras. Nas conversas com as crianças/adolescentes, a entrevistadora fazia as perguntas e, algumas vezes, recebia respostas monossilábicas, o que fez com que houvesse uma menor quantidade de dados em relação aos quatro entrevistados com mais de 55 anos; por outro lado, o advérbio *não* teve mais ocorrências do que outras palavras funcionais com o ditongo nasal.

Meneghel (2015), pesquisando o ditongo nasal tônico na comunidade de Santa Maria do Engano/Alfredo Chaves, encontrou a mesma situação: ocorrências excessivas do vocábulo *não* e, entre as crianças, a pronúncia ocorreu sem a influência do vêneto: “nessa faixa etária [de crianças e adolescentes] foi comum a ocorrência do vocábulo *não* sem influência vêneta. Dessa forma, cremos que a palavra *não* pode ter influenciado os resultados.” (MENEGBEL, 2015, p. 92). E acreditamos que o mesmo tenha ocorrido nesta pesquisa.

Para os nomes e verbos, alguns exemplos encontrados em nossas entrevistas sem a influência do vêneto são:

- NAPG: 86) Aí eu faço dever, geralmente eu assisto televis[ẽw].

BMS: 87) Qual é a estaç[ẽw] do ano que cê mais gosta?  
88) Aí os verdes v[ẽw] madurando.

PAZG: 89) Eu n[ũ] gosto muito de televis[ẽw] n[õ].

Com a influência do vêneto na pronúncia do ditongo nasal em nomes e verbos, temos os seguintes exemplos na fala de crianças/adolescentes:

NAPG: 90) Educaç[õ] Física.  
91) No horário de ver[õ] também.

BMS: 92) Quem s[õ] seus melhores amigos?  
93) ...uns tanques lá dentro no sert[õ] onde fica.

PAZG: 94) ...e ajudei a lavar tomate e descarregar o caminh[õ].  
95) Eu gosto de comer sopa, arroz, feij[õ], carne, salada

VB: 96) A minha mãe tem mais seis irm[õ].

### 6.2.2. Contexto fonético seguinte ao alvo

A segunda variável selecionada pelo Programa Goldvarb X é o contexto seguinte ao alvo, especificamente as consoantes nasais (PR = .75); já a pausa favorece muito levemente a pronúncia sem influência vêneta (PR = .54). Pouco desfavorecedora, também próxima da neutralidade, estão as consoantes anteriores (PR = .47), seguidas das consoantes posteriores (PR = .42) e, por último, altamente desfavorecedora, as vogais (PR = .26).

Com respeito à variável *contexto seguinte ao alvo*, dos estudos vistos em nosso primeiro Capítulo, apenas no de Gubert (2012) essa variável é selecionada. O contexto de pausa favorece bastante a ocorrência de [ẽw] (PR = .69), seguido da vogal (PR = .57) e da consoante (PR = .41), o que difere de nossos resultados.

Na Tabela a seguir, aparecem os valores de ambos os estudos.

TABELA 5 – Comparação entre os resultados de Gubert (2012) e Peterle (2017) quanto à pronúncia de [ẽw], para a variável *Contexto seguinte ao alvo*.

| <b>Contexto seguinte</b> | <b>GUBERT (2012)</b> |           | <b>PETERLE (2017)</b> |           |
|--------------------------|----------------------|-----------|-----------------------|-----------|
|                          | <b>Variáveis</b>     | <b>PR</b> | <b>Variáveis</b>      | <b>PR</b> |
|                          | Pausa                | .69       | Pausa                 | .54       |
|                          | Consoante            | .41       | Cons. Nasal           | .75       |
|                          |                      |           | Cons. Anterior        | .47       |
|                          |                      |           | Cons. Posterior       | .42       |
|                          | Vogal                | .57       | Vogal                 | .26       |

Com relação ao estudo de Meneghel (2015), o Programa Goldvarb X selecionou a variável *contexto seguinte* significativa para a ocorrência do fenômeno, mas variante analisada foi [õw]. Com respeito a esta pronúncia, os resultados encontrados indicam que a pausa é o único ambiente favorecedor, com (PR = .60). Os demais são neutros ou desfavorecedores: consoantes posterior e nasal (PR = .51 e .46, respectivamente); vogal (PR = .45); e consoante anterior (PR = .34).

A comparação dos resultados de diferentes pesquisas para essa variável (e outras linguísticas consideradas significativas) mostra que não devemos levar em consideração somente o ambiente fonético, mas também a comunidade e o tipo e a ocorrência das palavras. Nas Considerações Finais voltaremos a este tema.

Voltando a esta pesquisa, dentre as 04 ocorrências sem influência do vêneto, houve uma única encontrada na fala de crianças/adolescentes:

PAZG: 84) Eu não gosto muito de televis[ẽw] n[õ].

Como nosso *corpus* conta com relativamente poucos dados na fala das crianças/adolescentes, consideramos que, em estudos futuros, esse contexto fonético deva ser mais bem estudado, com mais entrevistas dessa faixa etária.

Tendo sido analisadas as variáveis linguísticas selecionadas pelo Programa Goldvarb X, em seguida, veremos as variáveis sociais *faixa etária* e *sexo*, favorecedoras da pronúncia do ditongo nasal sem influência do vêneto. Lembramos que a variável *nível de escolaridade* não foi levada em consideração, tendo em vista que todos os informantes têm menos de 08 anos de escolarização.

### 6.2.3. A faixa etária

Analisar a ocorrência do fenômeno com respeito às diferentes idades dos informantes é muito importante neste estudo, pois, assim, poderemos verificar se os moradores de São Bento de Urânia estão perdendo esse traço da língua de imigração, ou seja, se está havendo mudança em progresso nessa comunidade.

Os nossos resultados indicam que as crianças/adolescentes favorecem muito (PR= .78) a realização do ditongo nasal como [ẽw], enquanto que os mais idosos a desfavorecem (PR= .41). Esse resultado nos mostra claramente que a pronúncia não marcada do português está avançando na comunidade, caracterizando, assim, uma mudança em progresso. A mesma realidade foi encontrada por MENEGHEL (2015), em Santa Maria do Engano/ES, e por Margotti (2004), Horbach (2005) e Tomiello (2013), em comunidades da região Sul do Brasil, o que evidencia as pressões da língua e da cultura majoritária sobre a minoritária.

Podemos explicar os resultados acima, no caso de São Bento de Urânia, pelo fato de ser ela uma comunidade rural e com dificuldade de acesso até pouco tempo. Atualmente, com a pavimentação da estrada que liga a comunidade à BR 262, os turistas chegam no período de festas, e algumas famílias podem sair nas férias e até mesmo nos fins de semana, para visitar outros parentes fora dali. Além disso, as crianças, além de contar com uma maior escolarização, têm um acesso maior à televisão e a outros meios de comunicação. Com esse maior contato com os de fora, a população local percebe que sua linguagem é *diferente*. E, por falarem *diferente*, sofrem preconceito. Por conseguinte, as gerações mais jovens acabam por abandonar as marcas da língua ancestral.

Este é o caminho seguido por muitas outras localidades colonizadas por descendentes de imigrantes, como revelam os estudos sociolinguísticos aos quais nos referimos: o preconceito, o desejo de integração com a cultura majoritária e também a falta de atenção, por parte da comunidade, à sua identidade linguística implicam a perda da língua de imigração e de suas marcas.

A seguir, então, analisaremos a última variável social selecionada pelo Programa Goldvarb X - o sexo/gênero -, tema de interesse especial deste estudo.

#### 6.2.4. *A variável sexo/gênero*

Os resultados apontados na Tabela 04 confirmam que as mulheres favorecem a pronúncia do ditongo nasal sem a influência do vêneto ( $PR = .61$ ), ao contrário dos homens, que a desfavorecem ( $PR = .44$ ). A mesma predileção pela forma de prestígio, evitando a pronúncia marcada [õ] ou [õw], foi apontada por Tomiello (2005), Horbach (2013) e Meneghel (2015). Por outro lado, no estudo de Margotti (2004), essa variável não foi selecionada; e no de Gubert (2012), as mulheres utilizam mais a variante com influência da língua de imigração. Esses dados mais uma vez nos remetem para a importância da constituição da comunidade em questão.

Com relação a São Bento de Urânia, o resultado acima é interessante, se observarmos que as mulheres saem menos da comunidade, conforme apontou Peres (inédito). Esse fato é verdadeiro também para os informantes crianças/adolescentes. Em nossas entrevistas, os meninos vão à cidade vender seus produtos agrícolas com os pais e tios, enquanto as meninas ficam em casa, cuidando dos afazeres domésticos. Essa mesma tendência foi encontrada por Meneghel (2015), em outra comunidade rural do Espírito Santo, Santa Maria do Engano.

Esses resultados confirmam o que dizem os diversos estudos da Sociolinguística, indicados no Referencial Teórico desta dissertação: as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio que os homens de mesma condição social e lideram as mudanças linguísticas, desde que envolvam uma variante não estigmatizada. Diante

dessa realidade, temos a confirmação da hipótese sociolinguística de que a mulher faz mais uso da variante padrão do português, afastando-se daquela que encontramos como marca da fala dos moradores da comunidade.

Por outro lado, podemos também justificar esses resultados ao pensar que os homens se mostram menos incomodados com as marcas vênetas, o que vai ao encontro do que afirma Calvet (2002, p. 72): “os homens não sentem necessidade de questionar seu modo de falar, que eles o consideram legítimo.”; portanto, “o comportamento linguístico [...] está ligado a um comportamento social mais geral [...]. E essas duas interpretações nos levam ao binômio segurança/insegurança linguística.” (CALVET, 2002, p.72). Os resultados dos Testes de Reação Subjetiva, tema de nossa próxima subseção, vão confirmar o que vimos dizendo. Antes, porém, de passarmos a eles, cremos que se faz importante proceder ao cruzamento de nossos dados, quanto às variáveis extralinguísticas. A Tabela 06, a seguir, mostra esses resultados.

TABELA 06 - Resultado do cruzamento das variáveis sexo/gênero vs. *faixa etária* com relação à pronúncia [ẽw].

| F. Etária<br>Sexo/gên.    | Mulheres |       | Homens |       | Total   |       |
|---------------------------|----------|-------|--------|-------|---------|-------|
|                           | N        | %     | N      | %     | N       | %     |
| + 55 anos                 | 27/140   | 19,29 | 41/298 | 13,76 | 68/438  | 15,53 |
| Crianças/<br>adolescentes | 32/51    | 62,75 | 28/75  | 37,33 | 60/126  | 47,62 |
| Total                     | 59/191   | 30,89 | 69/373 | 18,50 | 128/564 | 22,70 |

A partir da Tabela 06, mais uma vez vemos que a pronúncia [ẽw], inovadora na comunidade de São Bento de Urânia, está sendo implementada pelas crianças/adolescentes e que, em ambas as faixas etárias, as mulheres estão à frente dos homens nessa preferência, mas a diferença entre os sexos/gêneros se acentua na faixa mais jovem. A seguir, então, os resultados dos testes de reação subjetiva.



### 6.3. Os testes de reação subjetiva

Nos resultados dos testes de Reação Subjetiva, encontramos alguns indícios para compreendermos a mudança em progresso que ocorre na linguagem dos moradores de São Bento de Urânia e também para identificarmos o papel das mulheres nesse processo.

Como dissemos em nosso capítulo metodológico, o teste constou da audição, por parte de nossos oito informantes, de seis áudios com diferentes sotaques, sendo três falados por homens e três por mulheres, perfazendo o total de 48 testes. Os áudios 1 (falante mulher) e 5 (falante homem) correspondem ao sotaque característico da Grande Vitória; os áudios 2 (falante homem) e 6 (falante mulher), ao sotaque do interior, mas sem marcas de uma língua de imigração; e os áudios 3 e 4 são de falantes do sexo feminino e masculino, respectivamente, que apresentam nitidamente traços vênnetos. Nesta análise, focalizaremos as respostas de nossos informantes aos áudios 3 e 4, deixando as análises dos demais áudios para o caso de divergências significativas. Os informantes responderam ao questionário imediatamente após ouvir cada amostra de fala. A seguir, encontram-se os resultados gerais.

#### 6.3.1. Quanto à classe social dos falantes

Após a audição de cada falante, foi feita a seguinte pergunta aos informantes: “a qual classe social você acha que essa pessoa pertence?”. Em alguns casos, foi necessário explicar que se tratava de classificar o falante como rico, pobre ou meio termo. Segue o Quadro com os resultados quantificados por informante, sabendo-se que as primeiras siglas correspondem às iniciais de nossos oito informantes; M significa *mulher* e H, *homem*; 3M corresponde ao áudio 3, de uma mulher, e 4H, ao áudio 4, de um homem; e as cruzes vermelhas se referem às respostas dadas para o áudio 3.

QUADRO 5 – Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto à classe social dos falantes:

| INFORMANTES   | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|---------------|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
| Áudios/Classe | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| Classe alta   |             |    |              |    |             |    | X           | X  |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Classe média  |             | X  | X            | X  | X           | X  |             |    | X             | X  |               |    | X           | X  | X            | X  |
| Classe baixa  | X           |    |              |    |             |    |             |    |               |    | X             | X  |             |    |              |    |

Vemos que a maioria (11/16 = 68,75%) dos falantes recebeu a classificação de “classe média”. Dentre as 03 classificações de “classe baixa”, 02 (66,67%) foram dadas pelo adolescente NAPG, destinadas à falante 3, mulher. E apenas 01 informante de idade acima de 55 anos afirmou tratar-se de áudios de pessoas de classe alta. Nas respostas dos informantes, foi possível perceber uma tentativa de se isentar da responsabilidade da resposta, tendo em vista o constrangimento de algumas pessoas ao respondê-la. Esses resultados parecem indicar que os informantes, em sua maioria, veem o seu sotaque com normalidade, sem menosprezá-lo.

Entretanto, um resultado que mais nos chama a atenção é de JG, que disse que 3M pertencia à classe baixa e 4H, à classe média. Interpretamos esse resultado como um possível desprestígio em relação à mulher, por parte da informante, visto que, tanto 4H quanto 3M, apresentam os mesmos traços do vêneto em sua fala, a qual, inclusive, é a linguagem da própria JG.

### 6.3.2. Quanto à origem e ao local de moradia dos falantes

A segunda pergunta foi sobre o local de origem e de residência dos falantes dos áudios: “Você acha que essa pessoa é da cidade ou do interior?”. Consideramos essa pergunta importante para conseguirmos verificar o nível de identificação dos informantes com os falantes dos áudios. Seguem os resultados:

QUADRO 6 – Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto aos falantes residirem na cidade ou no interior

| INFORMANTES      | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|------------------|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
| ÁUDIOS           | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| Mora na cidade   |             |    |              | X  | X           |    |             | X  |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Mora no interior | X           | X  | X            |    |             | X  | X           |    | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            | X  |

Vemos que a maioria das respostas (13/16 = 81,25%) identifica os falantes como *residentes no interior*. As exceções ficam para os informantes acima de 55 anos CDB e SL, mulher e homem, respectivamente, que conferiram a característica de *morador da cidade* ao falante 4H; e para o informante RB, que atribuiu essa mesma característica à falante 3M. Nessa faixa etária, a informante JG foi a única que disse que ambos os falantes são do interior.

Podemos afirmar, a partir disso, que os mais jovens reconhecem com maior facilidade as pessoas que apresentam marcas vênetas e as relacionam à zona rural, o que pode nos ajudar a entender a mudança em progresso que está ocorrendo em São Bento de Urânia: se a fala com traços vênetos é vista como uma característica de moradores do interior, é possível que tentem ajustar a própria fala à linguagem da cidade, para que não sejam discriminados quando saírem da comunidade ou quando receberem pessoas de fora, por ocasião das festas na comunidade.

### 6.3.3. Quanto às características positivas dos falantes

No Teste, todas as características atribuídas aos falantes foram apresentadas de forma aleatória, a fim de as respostas não serem direcionadas. Entretanto, neste tópico, apresentaremos apenas as características consideradas positivas por todos os oito informantes. São elas: *falar bem em público; ser religioso, ligado à família, trabalhador, solidário, sincero, simples, de confiança, responsável, alegre e bom pai/boa mãe*. As respostas dos informantes aparecem no Quadro a seguir.

QUADRO 7 – Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto às características marcadamente positivas dos falantes

| INFORMANTES         | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|---------------------|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
|                     | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| ÁUDIOS              |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Religioso           | X           |    | X            | X  | X           | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            |    |
| Ligado à família    | X           |    | X            | X  | X           | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            | X  |
| Fala bem em público |             |    | X            | X  | X           | X  | X           |    | X             | X  |               |    | X           | X  | X            | X  |
| Trabalhador         | X           | X  | X            | X  | X           | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            | X  |
| Solidário           | X           |    | X            | X  | X           |    | X           |    | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            | X  |
| Sincero             | X           |    | X            | X  |             |    |             | X  | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            | X  |
| Simples             | X           | X  | X            | X  | X           |    | X           |    | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            | X  |
| De confiança        | X           |    | X            | X  | X           | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  | X           | X  | X            |    |
| Responsável         | X           |    | X            | X  |             | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  |             | X  | X            | X  |
| Alegre              |             |    | X            | X  |             | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  |             | X  |              | X  |
| Bom pai / boa mãe   | X           |    | X            | X  | X           | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  |             | X  | X            | X  |

O Quadro acima torna evidente que os falantes 3M e 4H receberam muitas indicações positivas dos informantes, o que indica que estes veem positivamente a forma como falam e, por conseguinte, podemos supor que também a linguagem de sua comunidade, São Bento de Urânia.

Com respeito aos dois falantes, percebemos que, de modo geral, a mulher recebeu mais indicações positivas que o homem. De acordo com os informantes, ela é: com 08 indicações (100%): religiosa, ligada à família, trabalhadora, solidária, simples, de confiança; com 07 indicações (87,5%): boa mãe; com 6 indicações (75%): sincera, responsável, fala bem em público; com 04 indicações (50%), alegre. Já o falante homem é: com 08 indicações (100%): trabalhador; com 07 indicações (87,5%): bom pai, ligado à família, responsável e alegre; 06 indicações (75%): religioso, sincero, simples e de confiança; com 05 indicações (62,5%): fala bem em público e solidário.

Sobre as características positivas dadas e recebidas, de acordo com o sexo, temos que a falante mulher recebeu 38 (38/44 = 82,61%) características positivas das informantes mulheres - JG, CDB, BMS e VB -, enquanto que o falante homem recebeu, por parte das mesmas informantes, 33 (33/44 = 75%) características positivas, o que dá uma significativa vantagem para a falante mulher.

Com respeito aos informantes homens - RB, SL, PAZG e NAPG -, eles atribuíram 39 (39/44 = 88,64%) características positivas à falante do áudio 3 e 35 (35/44 = 79,55%) características positivas ao falante do áudio 4, também com uma boa vantagem para a falante mulher. Entretanto, o falante homem recebeu mais características positivas de nossos quatro informantes homens do que de nossas quatro informantes mulheres.

Para finalizar esta Seção, cremos ser importante fazer algumas observações sobre as respostas de nossos informantes às características apresentadas no Teste.

A característica "trabalhador" foi a mais citada entre os informantes (18/18 = 100%). Essa característica se faz importante, no Teste, uma vez que é bastante valorizada por nossos informantes. Ser trabalhador, para eles, está ligado à dignidade de uma pessoa, à confiança de que ela é merecedora e à criação que ela recebe. Quando mostrávamos o áudio dos descendentes de italianos e fazíamos a pergunta sobre serem ou não trabalhadores, não houve nenhum informante que relutasse em dizer "sim"; e a resposta era dada com ênfase. Como exemplo, temos um informante idoso, homem, SL, que respondeu: "Com certeza, gente da nossa gente é muito trabalhadora", demonstrando orgulho e reconhecimento do outro. Dessa forma, comprovamos a relação estabelecida entre os falantes 3 e 4 à ascendência italiana, e a sua valorização por parte dos informantes.

A segunda característica mais citada (17/18 = 94,4%) foi "Ligado à família". Essa característica somente não foi atribuída por uma informante, JG, a um dos falantes, 4H, porque essa informante fez questão de atribuir poucas características positivas a ele, por quem demonstrou muito desprezo durante todo o teste.

O terceiro maior número de citações (16/18 = 88,89%) vai para "Religioso", "Simples", "De confiança" e "Bom pai/boa mãe". A característica "Religioso" foi respondida sem hesitação, sem nenhum tempo para pensar na resposta. Entendemos que as famílias que vieram da Itália eram, em sua imensa maioria, de religião católica, e, assim, seus descendentes seguem a religião, principalmente em comunidades como São Bento de Urânia, onde as festas e as reuniões da região acontecem sempre envolvendo ações da igreja. Além disso, participar da missa todos os domingos faz parte da rotina de quase toda a comunidade. Então, atribuir

esse adjetivo aos falantes com marcas vênetas nos mostra um reconhecimento dessa cultura por todos os informantes.

As características "Solidário" e "Responsável" tiveram 15 indicações cada uma ( $15/18 = 83,33\%$  do total). Assim, observamos que os informantes veem os descendentes de italianos – e a si próprios – como solidários e responsáveis. Quanto a ser "Solidário", é importante destacar que a informante BMS – sexo feminino, 13 anos – atribuiu essa característica apenas aos dois falantes com marcas do vêneto, mesmo ela demonstrando rejeição pela fala de ambos em outras características.

Já as características "Fala bem em público" e "Alegre" aparecem com 13 indicações ( $13/18 = 72,22\%$ ) cada uma. Aqui é importante esclarecer que, em algumas vezes, durante o Teste, a interpretação de “falar bem em público” precisou ser esclarecida por nós, já que muitos consideravam que dependida do conteúdo que era falado, e não da forma de o falante se portar durante o discurso. Como resultado geral, parece-nos que os informantes creem que quem fala como eles não fala bem em público e, provavelmente, não deveria fazê-lo, demonstrando seu julgamento de inaptidão para tal, ou mesmo sua vergonha.

Quanto ao adjetivo "Alegre", a falante 3 foi a que menos recebeu essa indicação: nenhuma informante mulher atribuiu essa característica à falante, que é idosa. Acreditamos que esse fato se deu porque as meninas mais jovens notam mudanças muito significativas da geração de suas avós e mães para a sua. Nas entrevistas que ouvimos, sempre há comentários, tanto por parte dos mais jovens quanto dos mais idosos, sobre as dificuldades enfrentadas, principalmente pelas mulheres, nos tempos de seus antepassados ou, no caso das informantes idosas, em sua juventude, vivendo em uma sociedade machista e segregadora.

Quanto às demais características citadas nesta Seção, repetimos que as suas indicações demonstram que os uranienses estabelecem uma forte relação entre os falantes dos áudios 3 e 4 com sua gente: simples, de confiança, cuidadosos com sua família etc.

#### 6.3.4. Quanto às características negativas dos falantes

Dentre as características que os informantes consideraram negativas, em nosso teste, elencamos: *irritante*, *metido(a)*, *mal-educado(a)* e *feio(a)* - quanto ao seu aspecto físico. As respostas são:

QUADRO 8 - Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto às características negativas dos falantes.

| INFORMANTES | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|-------------|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
| ÁUDIOS      | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| Irritante   |             | X  |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Metido      |             | X  |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Mal-educado |             | X  |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Feio        | X           | X  | X            | X  |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |

Os resultados do Quadro acima parecem-nos muito interessantes. Fica evidente que os falantes - e sua linguagem - não são malvistas pelos informantes, de modo geral, com exceção de CDB, que atribuiu a característica "feio/feia" aos falantes, e, principalmente, JG. O Quadro não deixa dúvidas sobre o que já mencionamos sobre esta última informante: houve uma total rejeição inicial ao falante 4. JG se recusou até mesmo a ouvir seu áudio até o fim, atribuindo-lhe características negativas, apesar de não conhecê-lo. Expressões como "Ignorante", "Grosso" e "Odiei ele" foram dirigidas a esse falante, enquanto JG o estava ouvindo. É possível que a fala desse homem tenha feito a informante lembrar-se de alguém com quem tenha tido algum problema – pai, avô, tio etc. -, mas ela não quis esclarecer esse fato durante o teste.

#### 6.3.5. Quanto às características subjetivas a cada informante

As características que estamos considerando como subjetivas aos informantes são: *independente*, *tímida*, *engraçada*, *estudada* e *sofisticada*. Tratamo-las assim porque nem todos os informantes julgaram a mesma característica como positiva - ou negativa. Essa variação foi percebida em ambas as faixas etárias. Por exemplo,

para os informantes RB e SL, ambos de idade acima de 55 anos, o fato de uma mulher ser independente não se apresentou como uma característica positiva, diferentemente de como ela foi encarada pelos mais jovens. Os resultados aparecem no Quadro a seguir.

QUADRO 9 - Resultados do Teste de Reação Subjetiva quanto às características subjetivas aos informantes.

| INFORMANTES  | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|--------------|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
|              | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| ÁUDIOS       |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Independente |             | X  | X            | X  |             |    |             | X  | X             | X  | X             | X  |             | X  |              |    |
| Tímido       |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    | X             |    |             |    |              |    |
| Engraçado    | X           |    | X            |    |             |    |             |    |               | X  | X             | X  |             |    |              | X  |
| Estudado     |             |    | X            | X  | X           | X  |             |    |               |    |               |    | X           |    |              |    |
| Sofisticado  |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |

A partir do Quadro 9, observamos que ambos os falantes recebem relativamente poucas indicações. A falante 3 foi percebida, pelos informantes, como independente, engraçada e estudada, mas com muito poucas indicações ( $3/8 = 37,5\%$ ); recebeu ainda 01 ( $12,5\%$ ) indicação de que é tímida. Quanto ao falante 4, este recebeu 06 ( $6/8 = 75\%$ ) indicações de que é independente, 03 ( $37,5\%$ ) indicações de que é engraçado e 02 ( $25\%$ ) de que é estudado. Vale notar que a característica *sofisticado(a)* não foi indicada a nenhum dos falantes, ou seja, os informantes não veem quem fala como eles – e seu próprio sotaque – como sofisticado.

Com relação às respostas dos informantes, vemos que, dentre as mulheres, CDB foi aquela que mais atribuiu características aos falantes, especialmente à 3, designando-a como independente, engraçada e estudada. Dentre os informantes homens, são os mais jovens que atribuem essas características aos falantes, com preferência para a falante mulher, com 03 indicações - independente, tímida e engraçada.

Neste ponto, achamos importante relacionar as características apontadas no teste com as da comunidade. Com respeito à característica *independente*, a mais indicada nos 08 testes ( $09/16 = 56,25\%$ ), o falante homem recebeu o dobro de indicações da falante mulher. A explicação para isso parece estar no fato de que, nas comunidades rurais, como a de São Bento de Urânia, a sociedade ainda traz muitos



resquícios dos tempos mais antigos, em que as mulheres eram subordinadas aos seus maridos – e muitas ainda são. Apenas as mais jovens conseguem alguma independência, quando trabalham e ganham o seu próprio dinheiro. Mas não têm propriamente independência, vivendo numa comunidade tradicionalmente patriarcal. Especialmente, convivem ainda com suas mães e avós dependentes dos maridos. Essa nos parece a explicação para que tão poucos informantes tenham atribuído essa característica à falante 3. Os meninos parecem ter menor percepção dessa realidade, mas as meninas, sim, demonstram perceber e reconhecer que os homens são mais independentes do que as mulheres, em todos os aspectos.

A segunda característica mais citada foi *engraçada*, com 06 (37,5%) indicações, sendo metade para a falante 3 e metade para o falante 4. As duas informantes acima de 55 anos classificaram como "engraçada" a fala da amostra 3, a mulher. As outras 04 indicações partiram da faixa etária mais jovem, o que pode ser resultado da mudança linguística dessa comunidade, visto que, apesar de ainda apresentarem a linguagem marcada pelo vêneto, essas crianças/adolescentes não falam como seus antepassados, a quem possivelmente associaram a fala de 3 e de 4.

A terceira característica, em número de indicações, foi *estudada*, apontada 05 vezes ( $5/16 = 31,25\%$ ). Quanto a esta característica, vale notar que um dos informantes – SL – atribuiu-a a todas as amostras, exceto às dos dois falantes com marcas vênetas. Esse é um dado interessante, que nos mostra que ele relaciona a marca do vêneto à falta de estudo. Já os únicos informantes que adjetivaram como estudiosos os falantes com marcas vênetas foi o casal RB e CDB, bem como fizeram com todos os outros áudios, o que não nos garante que tenham sido fieis às suas impressões nesse quesito. Além desses dois informantes, uma criança, VB, atribuiu a característica à falante do áudio 3.

Por fim, nenhum informante deu às amostras 3 e 4 o adjetivo "sofisticado". No Quadro Geral (Anexo), podemos ver que essa característica só foi indicada aos falantes com sotaque da Grande Vitória. Dessa forma, podemos perceber a impressão dos informantes sobre aqueles que têm traços vênéticos na fala. Esta característica está entre as subjetivas porque percebemos que alguns informantes – sobretudo os de maior idade – a consideraram típica de pessoas não confiáveis, ou que pudessem sentir-se superior aos outros; em contrapartida, alguns dos mais

jovens a consideraram uma característica ligada à classe social e ao estudo, o que pode justificar que não tenha sido utilizada para classificar a falante 3 e o falante 4.

#### 6.3.6. Quanto ao tipo de função que o falante poderia exercer

Para obtermos as respostas a esta característica, durante os testes pedimos aos informantes que se imaginassem donos de uma grande empresa. No caso de darem emprego ao falante em questão, qual seria a função designada? As respostas constam do Quadro a seguir:

QUADRO 10 – Resultados do tipo de função que o falante poderia exercer

| INFORMANTES              | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |                  | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|--------------------------|-------------|----|--------------|----|-------------|------------------|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
| ÁUDIOS                   | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H <sup>55</sup> | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| Funcionário da limpeza   |             |    | X            |    | X           |                  |             |    | X             |    |               |    |             |    |              |    |
| Mensageiro / Office boy  |             |    |              |    |             |                  |             |    |               |    |               | X  |             | X  |              |    |
| Porteiro / Recepcionista | X           | X  |              | X  |             |                  |             |    |               |    | X             |    | X           |    | X            | X  |
| Secretário               |             |    |              |    |             |                  |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Chefe de área            |             |    |              |    |             |                  |             | X  |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Gerente geral            |             |    |              |    |             |                  | X           |    |               | X  |               |    |             |    |              |    |
| Outra                    |             |    |              |    |             |                  |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |

Há alguns resultados curiosos sobre essa pergunta.

Uma primeira observação sobre o Quadro 11 é que os informantes deram apenas uma função aos falantes. Dentre aqueles, praticamente todos responderam que os falantes com traços vênets – 3, mulher, e 4, homem – poderiam ocupar funções que não demandam especialização ou alta escolaridade. A falante 3, mulher, recebeu 04 (4/8 = 50%) indicações de recepcionista, 03 (37,5%) de funcionária da limpeza e 01 (12,5%) de gerente geral. O falante 4, homem, 03 (37,5%) indicações de porteiro, 02 (25%) de mensageiro/office boy, 01 (12,5%) de chefe de área e também 01 (12,5%) de gerente geral.

<sup>55</sup> O informante RB não quis responder a essa questão, sobre o falante 4, mas deu a função de limpeza à falante 3.

Vemos também que, dentre as funções que exigem um maior nível de escolaridade ou uma maior especialização, o falante homem recebe um pouco mais de indicações que a falante mulher. Esse resultado nos indica a visão que os informantes possam ter quanto ao trabalho do homem e da mulher: eles atribuem à mulher a missão de fazer a tarefa de limpeza e, ao homem, uma função de hierarquia superior.

### 6.3.7. Quanto à possível profissão dos falantes

Nessa pergunta, os informantes foram orientados a pensar sobre qual seria a profissão daqueles falantes. Os resultados para os falantes com traços do vêneto foram:

QUADRO 11 - Resultados quanto à possível profissão dos falantes.

| INFORMANTES       | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|-------------------|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
|                   | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| ÁUDIOS            |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Bancário          |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Comerciante       |             |    |              |    |             |    |             | X  |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Cozinheiro        | X           |    | X            |    |             |    |             |    |               |    |               |    | X           |    |              |    |
| Diretor de escola |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Advogado          |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Médico            |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Professor         |             |    | X            |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Agricultor        |             | X  |              | X  |             | X  | X           |    | X             | X  | X             | X  |             | X  | X            | X  |
| Gari              |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Balconista        |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |

Dentre todas as profissões elencadas, a mais referida pelos informantes foi agricultor, com 11 ( $11/16 = 68,75\%$ ) indicações. A segunda maior, mas muito abaixo da primeira, com 03 indicações ( $18,75\%$ ) foi cozinheira, para a falante 3. O falante 4 recebeu 01 indicação de comerciante, pelo informante SL e, curiosamente, a falante 3 também recebeu 01 indicação, de professora.

Essas respostas nos revelam como são enxergados os papéis sociais na comunidade de São Bento de Urânia: para a mulher, agricultora ou, como segunda opção, cozinheira. Um cargo de professora também é possível, demonstrando que as professoras que a comunidade recebeu, ao longo dos anos, não eram muito

diferentes - em termos de escolarização - do restante da população. Já para os homens, é inevitável ser agricultor ou, quando muito, comerciante, o que não é muito distinto para eles, visto que o agricultor é o comerciante do próprio produto, em São Bento de Urânia. Esses dados são confirmados nas entrevistas sociolinguísticas desses informantes (COMINOTTI, 2015). Por exemplo, RB queria ser alfaiate, mas não pôde realizar seu sonho, pois ali os filhos tinham que trabalhar na roça com os pais.

### 6.3.8. Quanto à linguagem dos falantes

Nos testes, foi perguntado aos informantes o que eles acharam do sotaque e da forma de falar das seis pessoas que ouviram. Seguem os resultados para a falante 3 e o falante 4:

QUADRO 12 – Resultados quanto à linguagem dos falantes.

| INFORMANTES                 | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|-----------------------------|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
|                             | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| Sotaque muito feio          |             | X  |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              |    |
| Sotaque feio                |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    | X            |    |
| Sotaque nem bonito nem feio |             |    |              |    |             |    |             |    |               |    |               |    |             |    |              | X  |
| Sotaque bonito              | X           |    |              |    | X           | X  | X           | X  |               |    | X             | X  | X           | X  |              |    |
| Sotaque muito bonito        |             |    | X            | X  |             |    |             |    | X             | X  |               |    |             |    |              |    |

A partir do Quadro 12, podemos fazer a seguinte análise dos resultados:

Vemos que o sotaque *bonito* foi o vencedor, com 09 (56,25%) indicações; em seguida, aparece o sotaque *muito bonito*, com 04 indicações (25%). O sotaque *nem bonito nem feio*, *feio* e *muito feio* receberam muito poucas indicações, por apenas duas informantes.

Com respeito especificamente aos dois falantes dos áudios, podemos perceber que a falante 3 recebeu apenas uma indicação de sotaque *feio*, enquanto o falante 4

recebeu uma indicação de *neutro* e outra de  *muito feio*, atribuída pela informante JG, quem rejeitou totalmente esse falante. Veja-se que JG caracterizou o mesmo sotaque de duas maneiras: bonito para a mulher e muito feio para o homem. Observamos que, além da linguagem do falante 4, JG avaliou os homens adultos com essa linguagem.

Portanto, dentre os nossos quatro informantes homens, o sotaque com traços vênets é bonito ou muito bonito. Já para as informantes mulheres, esse sotaque recebe características piores, principalmente para a informante adolescente: BMS, de 13 anos, afirmou ser feio o sotaque da mulher com marcas vênets, porém nem bonito nem feio o sotaque do homem com marcas do vênets. Esse é um dado interessante, que nos mostra que o amadurecimento da mulher – nesse caso se trata de uma informante apenas dois anos mais velha do que a outra, mas com postura de jovem, enquanto a informante de 11 anos ainda aparenta ser bastante infantil – contribui com o aumento da sua preocupação com as marcas na fala e constante policiamento. Também foi possível comprovar essa ideia ao ouvirmos os áudios e fazermos as transcrições das entrevistas. Lá, observamos que a informante de 11 anos tem muito mais marcas do [õ] em sua fala do que a informante de 13 anos, que policiou muito sua pronúncia durante toda a entrevista. Isso não foi observado nos meninos de mesma faixa etária. Falaremos disso em nossas considerações finais.

Por fim, cremos que os resultados acima comprovam a ideia de que a mulher rejeita mais as formas marcadamente vênets e tende a ser aquela que encabeça o processo de mudança em uma comunidade.

#### 6.3.9. *Quanto ao possível namoro com os falantes e a possibilidade de assumi-los em público*

Essa pergunta foi realizada da seguinte forma: quando o falante era mulher e o informante era homem, perguntávamos se ele namoraria ou se casaria com alguém que falasse daquela forma e vice-versa. Quando o falante era uma mulher e a informante também era, ou homem-homem, perguntávamos se achariam bom que seu irmão, ou parente próximo, ou amigo namorasse aquela pessoa ou alguém com

aquele sotaque. Algumas respostas confirmam as teorias que citamos neste trabalho. Vamos aos resultados:

QUADRO 13 – Resultados sobre o possível namoro e/ou assumi-los em público.

| INFORMANTES   | JG<br>M, 58 |    | CDB<br>M, 68 |    | RB<br>H, 73 |    | SL<br>H, 78 |    | PAZG<br>H, 11 |    | NAPG<br>H, 13 |    | VB<br>M, 11 |    | BMS<br>M, 13 |    |
|---|-------------|----|--------------|----|-------------|----|-------------|----|---------------|----|---------------|----|-------------|----|--------------|----|
|   | 3M          | 4H | 3M           | 4H | 3M          | 4H | 3M          | 4H | 3M            | 4H | 3M            | 4H | 3M          | 4H | 3M           | 4H |
| Namoria essa pessoa   | X           |    | X            | X  | X           | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  | X           | X  |              |    |
| Apresentaria essa pessoa como namorado(a) aos familiares e amigos |             |    | X            | X  | X           | X  | X           | X  | X             | X  | X             | X  | X           | X  |              |    |

O Quadro 13 evidencia que os informantes, de modo geral, não se importam de namorar uma pessoa que fale com traços vênetsos - linguagem que é sua. Também percebemos que os informantes assumiriam essa pessoa em público, apresentando-a aos familiares e amigos.

As duas únicas exceções são, como esperávamos, a informante JG disse que jamais namoraria o falante 4, mas aceitaria que seu filho ou irmão namorasse alguém que falasse como a falante do áudio 3. Entretanto, quando perguntamos se ela apresentaria essa falante ao restante da família, respondeu que não, “só se ela mudasse o jeito de falar”. Já a informante BMS, 13 anos, também como esperado, disse que não se casaria ou gostaria que seu irmão se casasse com alguém que falasse como os falantes das amostras, com marcas do vênetsos. Isso comprova a tendência de maior intolerância das mulheres de São Bento de Urânia à fala marcada por traços vênetsos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu descrever e analisar a realização do ditongo nasal tônico <ão> na comunidade de São Bento de Urânia, distrito de Alfredo Chaves, Espírito Santo. Esse fenômeno foi escolhido por ele não pertencer ao sistema fonológico do vêneto, mas sim ao do português. Dessa forma, os imigrantes e seus primeiros descendentes tiveram dificuldades para pronunciá-lo como os brasileiros, fazendo com que ele se caracterizasse como um traço da língua minoritária presente na maioria. A pronúncia do ditongo nasal tônico com influência vêneta é uma das principais marcas da linguagem dos moradores de São Bento de Urânia, e um dos motivos por que estes sofrem discriminação e preconceito por parte das pessoas de outras localidades.

Outro objetivo desta pesquisa é verificar se está havendo mudança em progresso em relação ao fenômeno linguístico pesquisado e o papel das mulheres da comunidade nesse processo, tendo em vista que os estudos do Contato Linguístico não abordam essa questão, a qual é muito importante nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas.

Para alcançarmos os nossos objetivos, procedemos à descrição e à análise da pronúncia do ditongo nasal tônico <ão> presentes nas entrevistas sociolinguísticas de 08 informantes - dois homens e duas mulheres com idades acima de 55 anos e quatro crianças/adolescentes, sendo dois meninos e duas meninas. Os ditongos nasais tônicos foram codificados e analisados estatisticamente pelo Programa Goldvarb X, para que pudéssemos analisá-los qualitativamente.

Em seguida, foram analisadas as respostas dos 08 informantes a um Teste de Reação Subjetiva, composto de seis áudios – três mulheres e três homens – de diferentes regiões e, portanto, com diferentes sotaques: quatro sem marcas de uma língua de imigração – dois representando a zona urbana e dois, a zona rural –, além de dois áudios com muitos traços vênets em sua fala, o que caracteriza o sotaque dos moradores de São Bento de Urânia. No teste constavam perguntas acerca de características físicas, psicológicas e morais dos falantes dos áudios, além da profissão e da função que poderiam ter. Também foi perguntado o que os oito informantes achavam desse sotaque e se eles namorariam com alguém que falasse

dessa forma. As perguntas visavam a que os informantes caracterizassem a eles próprios e também sua forma de falar.

Quanto ao fenômeno analisado - a variação da pronúncia do ditongo nasal tônico <ão> -, algumas considerações devem ser feitas.

Em nosso trabalho, analisamos os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos na variação da pronúncia do ditongo. Com respeito às variáveis linguísticas, observamos a classe e a extensão da palavra e os contextos precedente e seguinte onde se encontrava o alvo. Destas, apenas duas foram selecionadas como significativas para a realização do ditongo [ẽw]: a classe de palavras e o contexto seguinte ao alvo. As palavras funcionais (PR = .61) favorecem a pronúncia sem a influência do vêneto e também a consoante nasal (PR = .75) e a pausa como contexto seguinte (PR = .54).

Entretanto, outros trabalhos apresentados nesta pesquisa encontraram resultados diferentes. Nos resultados de Margotti (2004), as variáveis consideradas favorecedoras para a pronúncia do ditongo como sem influência da língua de imigração são o contexto precedente (a vogal/semivogal e a consoante dental/alveolar), a extensão do vocábulo (duas e mais de quatro sílabas) e a classe de palavras (verbos). No estudo de Tomiello (2005), as variáveis selecionadas como favorecedoras da pronúncia com influência da língua de imigração foram: número de sílabas (os monossílabos) e contexto precedente ao alvo (consoante nasal e posterior). O contexto seguinte não foi selecionado. Na pesquisa de Gubert (2012), o contexto seguinte foi selecionado pelo Programa estatístico, sendo que a pausa e a vogal favorecem a pronúncia do ditongo nasal sem influência da língua de imigração. E, por fim, a pesquisa de Horbach (2013) investigou se as variáveis linguísticas tonicidade do alvo, extensão do vocábulo, classe gramatical e contexto precedente exerciam qualquer interferência para a realização do ditongo com influência da língua de imigração. Delas, apenas a tonicidade do alvo e a extensão do vocábulo foram selecionadas.

As diferenças que observamos entre as pesquisas com descendentes de imigrantes italianos indicam que a variação da pronúncia do ditongo nasal não pode ser explicada pelas restrições representadas pelas variáveis linguísticas. Desse modo, a história das próprias palavras e/ou seu uso na comunidade, além da forma como a



colonização se deu, o grau de integração dos imigrantes e de seus descendentes com a cultura e a língua majoritária devem ser atentamente analisados, em pesquisas sobre as consequências do contato entre línguas. Por isso houve muita semelhança entre os estudos citados e o nosso, com relação às variáveis extralinguísticas faixa etária e sexo/gênero.

Os resultados das entrevistas evidenciaram que está havendo mudança em progresso, ou seja, que a geração mais jovem está pronunciando o ditongo nasal tônico com menos influência da língua de imigração e que o sexo/gênero feminino está favorecendo a variante inovadora - a pronúncia não marcada do português. Por sua vez, os resultados dos testes de reação subjetiva deixaram mais claros alguns aspectos que notamos em nossas visitas à comunidade. Sobre ela, é importante dizer que se trata de uma comunidade que somente em 2006 teve sua principal via de acesso a outras localidades asfaltada e apenas recentemente se abriu ao mundo globalizado, com internet e telefonia celular. Assim, ali podemos encontrar ainda muitos costumes dos imigrantes italianos que colonizaram a região, tais como a comida, a religião, as festas, a agricultura como principal fonte de renda e a organização familiar. Quanto aos papéis sociais, precisamos destacar as informantes do sexo feminino que fizeram parte desta pesquisa.

JG e CDB têm apenas 10 anos de diferença de idade; entretanto, possuem estilos de vida bastante diferentes, mesmo dentro de uma comunidade tão homogênea como São Bento de Urânia. JG se diz filha do homem mais rico da cidade, é mãe de três filhos, dona da única pastelaria da região e faz viagens a Aparecida do Norte uma vez por ano sem a companhia do marido, CDB mora mais afastada do centro do distrito, é casada com um homem que não a deixa sair de casa sem sua companhia ou a companhia dos filhos, sempre trabalhou como dona de casa e na roça e é mãe de catorze filhos. Ou seja, o nível de relacionamento interpessoal dessas duas mulheres é muito distinto. Isso foi refletido nos resultados dos testes. JG demonstrou mais reconhecimento das diferenças nas falas das amostras do Teste e se mostrou muito mais crítica em seus julgamentos do que CDB.

Já os dois homens acima de 55 anos – RB e SL – apontam para um maior julgamento moral dos falantes do Teste de Reação Subjetiva. Muitas vezes, fizeram

comentários machistas acerca dos relatos das falantes mulheres do Teste, refletindo, possivelmente, o seu comportamento na comunidade.

Do mesmo modo, temos diferenças entre as duas informantes mais jovens, a começar pela idade: BMS tem 13 anos e VB, 11. Esses dois anos têm uma grande influência na transição infância-adolescência. BMS mostra-se mais madura, com traços característicos de adolescentes: é excessivamente vaidosa, demonstra medo do julgamento alheio e, ao mesmo tempo, tem uma maior criticidade ao responder às perguntas do teste do que VB. Além disso, BMS, em sua entrevista, policiou sua fala para não mostrar algumas marcas da língua ancestral, inclusive o [õ], nosso objeto pesquisado. Mesmo assim, em alguns momentos de maior descontração, foi possível observá-los e quantificá-los, em sua fala. Outro fato muito importante acerca de BMS: ela pretende ser professora de português, no futuro. Dessa forma, já pretende ajustar sua fala ao que supõe ser a linguagem adequada a uma pessoa com essa profissão, como apontam os estudos sociolinguísticos (cf., por exemplo, Chambers, 2009).

Por sua vez, VB é ainda uma criança, mostra-se tímida e sem a vaidade e as preocupações de BMS. Isso, sem dúvida, deve ser levado em conta, principalmente porque VB apresenta muito mais marcas do vêneto – principalmente na pronúncia do ditongo nasal <ão> em sua fala do que BMS. Isso demonstra que as meninas de São Bento de Urânia, à medida que vão amadurecendo, adquirindo características de adultas, mostram-se mais sensíveis às diferenças nas falas entre as pessoas e escolhem a forma que acham mais adequada para se comunicarem, principalmente com estranhos, apesar da atenção das entrevistadoras em evitar o Paradoxo do Observador, de que fala Labov (2008 [1972]).

Os meninos têm as mesmas idades das meninas: 11 e 13 anos; porém, não é possível distinguir, em ambas as falas, o uso maior ou menor de marcas vênetas. Os dois possuem traços fortes do vêneto, embora também pronunciem o ditongo <ão> sem influência da língua de imigração. Eles igualmente demonstram mais apego às tradições de seus antepassados: desejam seguir a profissão dos pais - cuidar da propriedade da família -, enquanto as meninas falam sobre fazer faculdade fora, mesmo pretendendo permanecer na comunidade, no futuro.

Em resumo, neste trabalho, confirmamos as hipóteses de que:

- a) Seriam encontradas as duas pronúncias do ditongo nasal tônico <ão>: com e sem influência da língua de imigração.
- b) A variação sofre restrições nos níveis linguísticos e extralinguísticos.
- c) A pronúncia do ditongo nasal sem influência do vêneto está avançando na geração mais nova, o que constata uma mudança em progresso.
- d) As mulheres favorecem a forma não marcada do português, no que diz respeito ao ditongo nasal tônico <ão>, com PR = .61, em contraposição aos homens, com PR = .44. Tendo em vista esses resultados obtidos e o que percebemos em nossos contatos com esses informantes, não temos dúvidas em afirmar que as mulheres são as principais responsáveis pelo processo de mudança linguística em São Bento de Urânia.
- e) Por meio das entrevistas e dos testes de reação subjetiva, foi possível observar que os informantes têm sentimentos positivos em relação a si próprios, à sua cultura e à sua ascendência.

Quando aos testes, eles se mostraram valiosos instrumentos de pesquisa, quando se trata de estudos variacionistas, ao esclarecer-nos sobre o comportamento de alguns falantes diante de formas com e sem prestígio, e até mesmo ajudar-nos a descobrir o porquê de alguns falantes rejeitarem tanto outros com as mesmas marcas linguísticas que as suas.

Por fim, desejamos que este trabalho contribua com a descrição da diversidade linguística do Espírito Santo, bem como valorize e perpetue a riquíssima herança que recebemos dos imigrantes italianos, que tanto lutaram para povoar regiões tão afastadas e inóspitas em nosso estado. Além disso, é nosso desejo que os moradores de São Bento de Urânia e de comunidades semelhantes tenham conhecimento deste e de outros trabalhos sociolinguísticos, para que possam conhecer melhor a razão de falar como falam e para que também se conscientizem de suas atitudes linguísticas, a fim de valorizar suas raízes. Dessa forma, é preciso que também trabalhem com os profissionais da educação dessa e de outras comunidades colonizadas por imigrantes, a fim de que eles mesmos não sejam os propagadores do preconceito que de que são alvo os seus habitantes. Cremos que, assim, poderemos pensar, num futuro, em comunidades novamente bilíngues.

## 8. REFERÊNCIAS

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Trad. de Anxo M. Lorenzo Suyárez e Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br>.

**ATLAS OF THE WORLD'S LANGUAGES IN DANGER**, 3<sup>rd</sup> ed. 2010. Paris: UNESCO Publishing. Online version:

<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas> Acesso em: 05 jan. 2017.

AVELAR, D. S. **A realização variável das consoantes oclusivas dentais por descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa, ES**. 2015. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**; o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BAKER, C.; JONES, S.P. **Encyclopedia of bilingualism and bilingual education**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 159-194.

\_\_\_\_\_; DORNELLES FILHO, A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, p. 221-246, 2015.

BENINCÁ, L. **Dificuldades no domínio dos fonemas do português por crianças descendentes de pomeranos**. Vitória: UFES. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, 2008.

BIGAZZI, A. R. C. **Italianos**; história e memória de uma comunidade. São Paulo: Cia. Editora Nacional. Série Lazuli (Imigrantes no Brasil), 2006.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna**: a Sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BREMENKAMP, E. S. **Análise sociolinguística do desaparecimento da língua holandesa no Espírito Santo**. 2010. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

\_\_\_\_\_. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo.** 2014. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CALVET, L. **Sociolinguística**; uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CALAZANS, P. C. **Para uma sócio-história da língua guarani no Espírito Santo: uma análise sob a perspectiva sociolinguística.** 2014. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CAMERON, D.; COATES, J. Some problems in sociolinguistics explanation of sex differences. In: CAMERON, D. COATES, J. (eds.) **Women in their speech communities**: new perspectives on language and sex. London: Longman, p. 13-26.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory.** Rev. Ed. Oxford, Cambridge: Blackwell, 2009.

\_\_\_\_\_; TRUDGILL, P. **La dialetología.** Tradução: Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHESHIRE, J.; TRUDGILL, P. (Ed.) **The sociolinguistic reader.** vol. 2. Norwick, UK: Arnold Linguistics Readers, 1998.

COMINOTTI, K. S. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES; uma análise sócio-histórica.** 2015. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

COULMAS, F. **Sociolinguistics**; the study of speakers' choices. Cambridge: Cambridge Press, 2005.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica.** 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, H. H. **Linguística, ecologia e ecolinguística**; contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

CRISTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética.** Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Morte de língua ou mudança linguística? uma revisão bibliográfica. **Revista do Museu Antropológico**, v. 5-6, n. 1, Goiânia, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fonética e Fonologia do Português.** Roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2014.

Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996). Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a\\_pdf/dec\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf). Acesso em 05 jul. 2016.

DERENZI, L. S. **Os italianos no Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

DOWNES, W. **Language and society**. 2nd. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ECKERT, P.; MCCONNEL-GINET, S. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

**Ethnologue**: Languages of the World, Nineteenth edition. Dallas, Texas: SIL International. Versão online: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 03 jul. 2016.

FASOLD, R. **La Sociolingüística de la sociedad**; introducción a la Sociolingüística. Trad. de Margarita España Villasante y Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

FISHMAN, J. A. **Readings in the sociology of language**. The Hague, Paris: Mouton, 1968.

\_\_\_\_\_; **Sociología del lenguaje**. Tradução de Ramón Sarmiento y Juan Carlos Moreno. Madrid: Cátedra, 1979.

\_\_\_\_\_; **Handbook of language and ethnic identity**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.

\_\_\_\_\_; **Language loyalty, language planning and language revitalization**: recent writings and reflections from Joshua A. Fishman/Edited by Nancy H. Hornberger and Martin Pütz. Clevedon, England: Multilingual Matters LTD, 2006.

FRANZINA, E. **A grande emigração**; o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Tradução de Edilene Toledo e Luigi Blondi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

FROSI, V. M; MIORANZA, C. **Dialetos italianos**; um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

GASPARINI, S. **Santa Teresa do Espírito Santo**; história e memória. 3. ed. Vitória: Grafitusa, 2015.

GIL, A. C. A. **Projetos de Estado no alvorecer do Império**. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2002.

GORDON, E. Sex, speech, and stereotypes: why women use prestige speech forms more than men. **Language in society**, Cambridge, n.26, p.47-63, 1997.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: an introduction to bilingualism. 11. impressão. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2001.

GUBERT, A. L. **Influências do *talian* no português brasileiro de Vargeão (SC)**: um estudo sobre variação no nível fonético. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. 2012. 112 p.

HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. **The handbook of language and gender**. Cambridge: Basil Blackwell, 2005.

HORBACH, A. G. **A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2013.

KUSTER, I. M. **O contato entre o dialeto vêneto e o português na zona rural de Joatuba, Laranja da Terra - ES.** Trabalho de Conclusão de Curso, Vitória, Ufes, 2014.

Labov, W. **The social stratification of English in New York.** Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_; **Padrões Sociolinguísticos.** Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

\_\_\_\_\_; The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, 2, p. 205-254, 1990.

\_\_\_\_\_; **Principles of Linguistic Change – Internal Factors.** Oxford: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_; **Principles of Linguistic Change - Social Factors.** Cambridge: Blackwell, 2001.

MATRAS, Y. **Language contact.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil.** Tese de Doutorado. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Letras. 2004.

MENEGHEL, S. A. S. **O ditongo nasal tônico –ão falado por ítalo-descendentes de Santa Maria do Engano/ES; uma análise sociolinguística.** 2015. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics.** Nova York: Routledge, 2006.

MILROY, J. **Linguistic variation and change.** Oxford: Blackwell, 1992.

MILROY, L. **Language and social network.** 2. Ed. Oxford (UK): Blackwell, 1987.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTRUL, S. **El bilingüismo en el mundo hispanohablante.** West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013.

MOREIRA, T. H.; PERRONE, A. **História e geografia do Espírito Santo.** 8. ed. Vitória: [s.n.], 2007.

NAGAR, C. **O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana;** relato do Cavalheiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1895.

ODALIA, N. **As formas do mesmo;** ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

OLIVEIRA, J. T. de. **História do estado do Espírito Santo.** 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008 (Coleção Canaã; v. 8).

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: **Introdução à Sociolinguística**; o tratamento da variação / Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, (orgs.). – 4. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

PERES, E. P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte**: um estudo em tempo aparente e em tempo real. 2006. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. 236 p.

\_\_\_\_\_; Análise da vitalidade do vêneto em uma comunidade de imigrantes italianos no Espírito Santo. **Revista (Con)textos linguísticos**, v. 5, p. 83-100, 2011b.

\_\_\_\_\_; Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

\_\_\_\_\_; COMINOTTI, K. S. S.; DADALTO, M. C. O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES; uma análise sócio-histórica. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 9, p. 106-125, 2015.

\_\_\_\_\_; DADALTO, M. C.; BOTTER, B. A imigração italiana e os contatos linguísticos no Espírito Santo. In: FROSI, V. M.; MISTURINI, B. **Imigração Italiana**: estudos e pesquisas. São Leopoldo: Oikos, 2016.

\_\_\_\_\_; Inédito. **Consequências do contato linguístico entre o vêneto e o português: o ditongo nasal <ão> no Espírito Santo**. Manuscrito não publicado.

PESSALI, H. **Alfredo Chaves**; uma visão histórica e política. Alfredo Chaves, ES, 2010.

PETERLE, B. D. **Consequências fonético-fonológicas do contato entre o dialeto vêneto e o português em Boa Vista, Alfredo Chaves**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa). Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

PESSOA, M. S. **Sociolinguística aplicada ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa**. 2010. UNIR-Campus de Vilhena - DELL-Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Vilhena-Rondônia.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFREDO CHAVES. Disponível em: <http://www.alfredochaves.es.gov.br>. Acesso em: 03 jul. 2016.

PUPPIN, D. **Do Vêneto para o Brasil**. Vitória: Ed. do Autor, 1981.

RAPOSO DE MEDEIROS, B.; DEMOLIN, D. Vogais nasais do Português Brasileiro: um estudo de IRM. **Revista da Associação Brasileira de Linguística** v.5, n.1 e 2, 131-142. 2006.



RAPOSO DE MEDEIROS, B. Vogais nasais do Português Brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita. **Revista de Letras**. Ed. UFPR, Curitiba, nº72, Maio/Ago. 2007.

ROMAINE, S. Postvocalic /r/ in Scottish English: sound change in progress? In: TRUDGILL, P.(ed.), **Sociolinguistic patterns in British English**. London: Arnold, 1978, p. 144-157.

\_\_\_\_\_. **Bilingualism**. 2. Edition. Oxford, England: Blackwell, 1995. [1989].

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X – **A multivariate analysis application**. Toronto: Departament of Linguistics. Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

SCALZER, S. Z. **O núcleo Timbuy/Santa Teresa (ES)**; entre a memória e a história. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2015.

SCHERRE, M. M. P; YACOVENCO, L. L. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. In: **Revista da Abralin**. V. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 2011.

SCHWARTZMANN, S. et alii. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SEYFERTH, G. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, G. de C.L. **Região e nação na América Latina**. Brasília: Editora da UnB, 2000.

SILVA, R. V. M. e. **O português arcaico**: fonologia.4. ed., São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, S. S. (org.). **Línguas em contato**: cenários de bilinguismos no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SUNDGREN, E. Men and women in language change; a Swedish case study. **NORA**, v. 9, n. 2, 2001, p. 113-122.

TARALLO, F.; ALKIMIN, T. **Falares crioulos**: línguas em contato. São Paulo: Ática, 1986 (Série Fundamentos).

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

TOMIELLO, M. **A variação do ditongo nasal tônico –ão como prática social no português de São Marcos/RS**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. UCS, 2005.

TRESSMANN, I. **Da sala de estar à sala de baile**: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo. 2005. 335f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics**; an introduction do language and society. Middlesex, UK: Penguin Books, 1983.

\_\_\_\_\_; **Introducing language and society**. London: Penguin English, 1992.

TRUMPER, J. Ricostruzione nell'Italia Settentrionale; sistemi consonantici – considerazioni sociolinguistiche nella diacronia. **Problemi della ricostruzione in Linguistica**. Roma: Bulzoni, 1977.

VILAÇA, A. **Receita para um romanceiro**; São Bento de Urânia. SEBRAE: Vitória, 2010.

VOTRE, S. J. **Variação fonológica no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1978. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística**; o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

WEINREICH, U. **Language in contact**; findings and problems. Paris: The Hague Mouton, 1970 [1953].

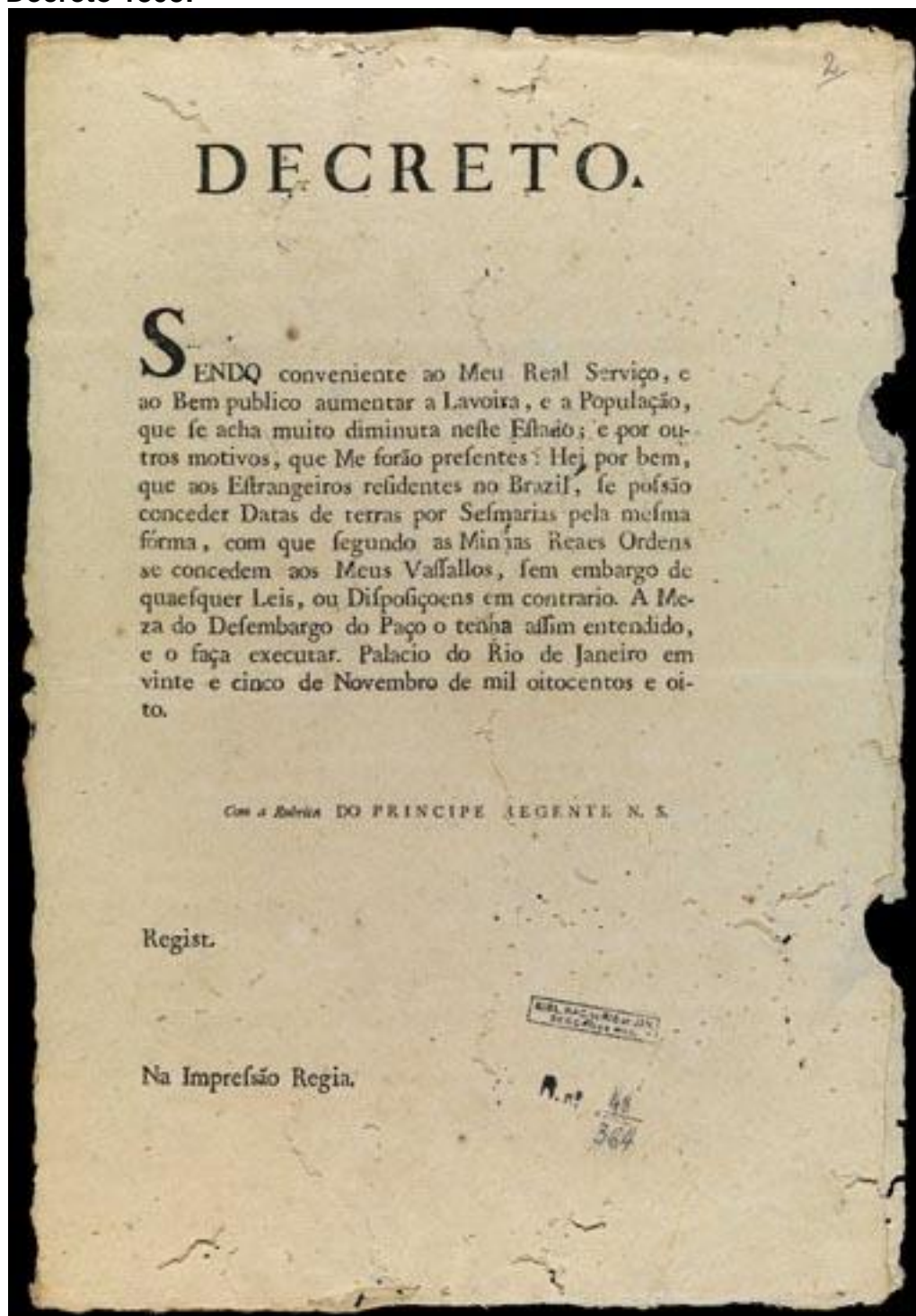
\_\_\_\_\_; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WETZELS, W. L. Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais no português do Brasil. **Revista de Letras**, n. 22, vol. 1/2, jan./dez. 2000.

ZAMBONI, A. **Vêneto**; profilo dei Dialetti Italiani. Pisa: Ed. Pisa, 1974.

## 9. ANEXOS

### a) Decreto 1808:



Fonte: [http://www.brasil.gov.br/old/copy\\_of\\_imagens/linha-do-tempo/linha-do-tempo-historia-da-imigracao/1808-decreto/view](http://www.brasil.gov.br/old/copy_of_imagens/linha-do-tempo/linha-do-tempo-historia-da-imigracao/1808-decreto/view). Acesso em 08 jul. 2016

## b) Notícia sobre a chegada da internet pelo jornal local Folha da Terra:

O site de notícias das montanhas do Espírito Santo

# FOLHA DA TERRA

O jornal mais lido

Home | Quem Somos | Capas do Fol

Notícias

Cadastre-se e receba nossas novidades

Nome:

Email:

Cadastrar

Folha da Terra

**FOLHA DA TERRA**

Campeões do Independência

Folha Nova

**NOVA**

Tamanho da Letra

Imprimir Notícia

Comentários

Geral - 9/24/2013 11:19:14 AM

## Telefonia móvel e Internet para 22 comunidades das montanhas capixabas

Vargem Alta e São Roque serão as contempladas de Venda Nova

Foi anunciado, na manhã de hoje (23), a instalação dos serviços de telefonia móvel e internet 3G para 71 localidades de 60 municípios capixabas. O edital para a contratação de empresa especializada para instalar os serviços foi divulgado hoje. A ação é da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), dentro do programa 'Comunicação no Campo', com investimentos que podem chegar a R\$ 21,3 milhões.

As localidades da região de montanhas que serão beneficiadas são: Serra Pelada e Pontões, em Afonso Cláudio; São Bento de Urânia, em Alfredo Chaves; São Jorge, em Brejetuba; Estrela do Norte e Limoeiro, em Castelo; Anghá, em Conceição do Castelo; Tijuco Preto e Melgaço, em Domingos Martins; Santa Clara, em Ibatiba; Santa Cruz de Irupi, em Irupi; Itaçu, em Itaguaçu; Alto Jatibocas, em Itarana; Trindade e São João do Príncipe, em Iúna; Sobreiro, em Laranja da Terra; Araguaia, em Marechal Floriano; Menino Jesus, em Muniz Freire; Possmoser, em Santa Maria de Jetibá; Alto Caldeirão e Várzea Alegre, em Santa Teresa; Jaciguá e Prosperidade, em Vargem Alta e São Roque, em Venda Nova do Imigrante.

Cerca de mil pessoas participaram da solenidade de anúncio das localidades beneficiadas. Entre os participantes estavam 51 prefeitos, 14 deputados estaduais, quatro deputados federais, secretários de Estado entre outras autoridades.

Fonte: <http://www.montanhascapixabas.com/#!/jornal-folha-da-terra/c1je3>. Acesso em 01 de agosto de 2015

### c) Transcrição dos áudios utilizados nos testes de reação subjetiva:

#### Áudio 01

*Entrevistadora:* Então... você acha que os hábitos familiares mudaram de quando você era criança pra agora?

*Entrevistada:* Mudou... uma questão de... de educação né? Porque a gente tinha na... na... quando a gente era menor, criança, antigamente os pais davam uma ordem e a gente cumpria né? E hoje não tem isso, você não tem... os alunos vão pra escola, antigamente, os professores tomavam conta da gente, eles eram pai da gente, a gente então tinha... eles tinham poder... e a gente então ia pra escola, ia pro trabalho, a gente tinha ordem, a gente tinha limites, hoje não tem... eu acho isso né? E devido, assim, e os pais assim também poderiam tá... porque antigamente era assim... os pais eram pra criar os filhos, e os filhos ficavam quase sempre com os pais, pra quando ficassem velhos tomar conta dos filhos... hoje não tem mais isso... primeiro... o trabalho, né?, o trabalho de hoje, que as pessoas têm, os estudos são demais, né?, o seu tempo de ficar andando no trânsito complica, então você não tem tempo pra tá fazendo as coisas pra família, então antigamente era assim, era pai e mãe, tinham os filhos, os filhos trabalhavam juntos, os pais botavam os filhos pra trabalhar né?... Eles tinham que obedecer e tinham que ter os horários pra sair, os horários pra chegar, todos esses... esses... momentos da... da criação... a gente tinha que respeitar os horários...

#### Áudio 02

*Entrevistadora:* O que você acha das famílias de hoje terem poucos filhos?

*Entrevistado:* O problema é o seguinte... no mundo que hoje nós temos, o pai fica preocupado, por exemplo... é... é... em dar um estudo pro filho que hoje colégio particular é muito caro, além de ter um acompanhamento, tem que ter um acompanhamento do filho pra evitar droga, essa coisa toda, e conversar muito... então eu acho que o problema maior hoje é esse, antigamente a gente era criado solto... então por exemplo na minha época, uma família aí... é... era... quatro, cinco, seis filhos... é... então eu trabalhei des novinho, des os sete anos eu trabalhei, estudei, não tive problema, hoje mudado tudo, criança não pode trabalhar, não pode

isso... que é trabalho escravo, então hoje o tempo mudou demais... em termos de hoje a criança... é... é... ter pouco... ter pouca... é... é... a família hoje ter pouco filho, ou um filho ou nenhum, é por causa disso.

### **Áudio 03**

[A entrevistada conta um história...]

Ali ela vinha naquele horário certo, achava a polenta quase cozinhada e beijava e dava armoço a nós e à turma que tinha trabalhando depois ela ia outra vez. Todo dia hora do almoço era polenta... a janta gostava muito de fazer minestra, mas não era sempre minestra não, mas a maior parte... e de domingo maca... macarrão e galinha e meu pai queria que cozinhasse a galinha cedo que quando ele fosse armoçar ter a polenta quente pra comer a galinha quase fria... vocês pensar... fazia tudo em casa, nunca se comprava macarrão... ela fazia um macarrão, menina, que...

*Entrevistadora:* E a senhora aprendeu a fazer macarrão?

Aprendi... se eu quero fazer eu faço... macarrão a gente coloca o trigo... coloca a quantia de ovo que quiser né?... e uma pitadinha de sal que eu tenho costume de botar também... muito não bota não sal no macarrão assim... mas minha mãe tinha costume botar uma pitadinha de sal... batia, batia, batia bem os ovo depois ia amassando, depois espichava, espichava ali... se ela achava um lugarzinho mais grosso, ela espichava com o rolo, né?, ali ela falava não tá bom não, aqui falta ainda... tinha que fazer tudo igual, depois ela mesmo vigiava cortar, mas ó, tinha que ser tudo igual...

### **Áudio 04**

*Entrevistadora:* E seus pais? Eram muito bravos?

*Entrevistado:* Ah, num era manso não... eu apanhei muito deles... era o caçula... também nós bagunçava muito, né?... não era brincadeira não... batia mesmo... hoje em dia ninguém bate num... num filho, né?... não bate... agora aquele tempo nós apanhava de correia...

*Entrevistadora:* Mas o senhor acha que melhorou?

*Entrevistado:* Ah, agora com certeza... mudou... agora mudou de... de... cinquenta por cento... do que nós passava hoje em dia é...

*Entrevistadora:* E como o senhor acha que seu pai tratava sua mãe?

*Entrevistado:* Ele tratava bem, não judiava dela não...

*Entrevistadora:* Mas era mandão assim?

*Entrevistado:* Ah, ele era... ela só trabalhava... depois que eu passei conhecer ela só trabalhava na doméstica assim de cozinha né?...

#### **Áudio 05**

*Entrevistadora:* Como era sua infância, sua relação com seu pai e sua mãe e como você vê as famílias de hoje? É a mesma coisa, mudou?

*Entrevistado:* Mudou bastante, mudou bastante. Eu tive uma infância muito rígida, meus pais não tinham muito recurso financeiro pra nos manter, né? e hoje em dia graças a Deus assim uma vida é... bem satisfatória.

*Entrevistadora:* Sobre educação, você acha que os filhos são mais educados hoje... o que vocês tinham era medo dos pais? Como é que era?

*Entrevistado:* É, na verdade eu acho que a educação antigamente era muito mais rígida, muito mais rígida, então os pais praticamente, praticamente nos obrigavam a ir à escola. Tinha bastante medo... apanhávamos bastante... né?... mas...

#### **Áudio 06**

*Entrevistadora:* Me fala como era a criação dos filhos...

*Entrevistada:* Ah... não existia médico... era parteira... ou ganhava sozinho dentro de casa... era aquele dilema né?... às vez até a criança nascia morta... quando ficava doente dava chazinho... chazinho daqui, chazinho de lá, né?... ou então um oleozinho... besta lá quando tinha muito verme...

*Entrevistadora:* E comida? O que vocês comiam?

*Entrevistada:* Comida era mais assim... final de semana era uma galinha... né?... um macarrão... macarrão caseiro, polenta, às vez fazia... acontecia de ter um negócio qualquer e fazia uma farofa também né?... minha mãe mesmo gostava de fazer muita farofa...

*Entrevistadora:* E você acha que os pais eram mais rígidos com os filhos?

*Entrevistada:* Sim, meu pai era extremamente rígido...

*Entrevistadora:* Não podia fazer nada né? Mulher principalmente.

*Entrevistada:* Mulher principalmente. A mulher tinha que praticamente ficar presa dentro de casa... se tivesse que sair, teria que sair escondido... pra poder ir em uma festa, um baile... tinha que ir escondido...

*Entrevistadora:* E você saía escondida?

*Entrevistada:* Nós saía... com certeza que saía escondido... pulava janela... pra poder ir... ah hoje em dia tá maior facilidade...



**d) Teste de Reação Subjetiva:**

Ouçã a gravação e a seguir responda:

**Você acha que essa pessoa pertence à**

( ) Classe baixa      ( ) Classe média      ( ) Classe alta

**É provável que essa pessoa more**

( ) Na cidade      ( ) No interior

**Do que você ouviu, você acha que essa pessoa deve ser... (Marque tudo que achar sobre a pessoa)**

- |                       |                |                     |
|-----------------------|----------------|---------------------|
| • Independente        | • Solidária    | • Caipira           |
| • Religiosa           | • Tímida       | • Estudada          |
| • Ligada à família    | • Mal-educada  | • Sofisticada       |
| • Fala bem em público | • Engraçada    | • Responsável       |
| • Irritante           | • Sincera      | • Alegre            |
| • Metida              | • Simples      | • Bom pai / Boa mãe |
| • Trabalhadora        | • Feia         |                     |
|                       | • De confiança |                     |

**Se você fosse dono de uma grande empresa, você poderia empregar uma pessoa que falasse dessa forma em qual(is) função(ões)?**

- Funcionário da limpeza
- mensageiro/office boy
- porteiro/recepcionista
- secretário(a)
- chefe de área (Qual? \_\_\_\_\_)
- gerente geral
- outra (Qual? \_\_\_\_\_?)

**Qual profissão essa pessoa poderia ter?**

- |                     |                      |
|---------------------|----------------------|
| • Bancário          | • Médico             |
| • Comerciante       | • Professor          |
| • Cozinheiro        | • Agricultor         |
| • Diretor de escola | • Gari               |
| • Advogado          | • Balconista de loja |

**O que você acha do sotaque e da forma como essa pessoa fala?**

- |                       |                |
|-----------------------|----------------|
| • Muito feio          | • Bonito       |
| • Feio                | • Muito bonito |
| • Nem bonito nem feio |                |

**Você namoraria ou se casaria com alguém que falasse como essa pessoa?**

( ) Sim      ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_

**Se você namorasse uma pessoa que falasse como ela, você a apresentaria a seus colegas de escola ou de trabalho, incluindo seus chefes?**

( ) Sim      ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**e) Tabela com resultados gerais dos testes de reação subjetiva:**

[illegible]